

GLÁUCIO CAMPOS GOMES DE MATOS

**ATIVIDADES CORPORAIS – UMA ESTRATÉGIA DE
ADAPTAÇÃO BIOCULTURAL NUMA COMUNIDADE RURAL
DO AMAZONAS.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPINAS – junho / 1996**

GLÁUCIO CAMPOS GOMES DE MATOS

**ATIVIDADES CORPORAIS – UMA ESTRATÉGIA DE
ADAPTAÇÃO BIOCULTURAL NUMA COMUNIDADE RURAL
DO AMAZONAS.**

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
REDAÇÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA POR GLÁUCIO CAMPOS
GOMES DE MATOS E APROVADA PELA
COMISSÃO JULGADORA EM 28/06/96.**

DATA: *16 de julho de 1996* -----

ASSINATURA: *Marlene* -----

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPINAS – junho /1996**



176

UNIDADE	3C
N.º CHAMADA:	
	UNICAMP
	M 428a
V. E.	
TOMBO L.	28212
PROC.	667196
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	79\$ 11,00
DATA	13/08/96
N.º CPD	P.M.00021631-3

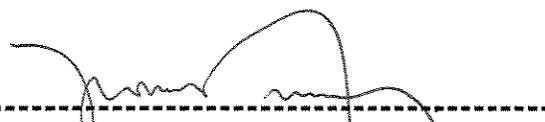
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF-UNICAMP

M428a Matos, Gláucio Campos Gomes de
 Atividades corporais - uma estratégia de adaptação biocultural numa comunidade rural do Amazonas / Gláucio Campos Gomes de Matos. -- Campinas, SP : [s. n.], 1996.

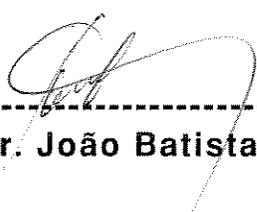
Orientador: Maria Beatriz Rocha Ferreira
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Educação Física. 2. Etnologia. 3. Meio ambiente. 4. Ecologia humana.
 I. Ferreira, Maria Beatriz Rocha. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título

Banca Examinadora



Prof. Dr. Júlio Romero Ferreira



Prof. Dr. João Batista Freire da Silva



Prof. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira
(Orientadora)

Foram dois anos e meio sob orientação da Profa. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira. Estimulando-me e acreditando neste trabalho, iniciou minha vida na pesquisa científica. Meu profundo agradecimento.

Este trabalho dedico

À minha esposa Soraney, pelos momentos de incentivos e compreender minha ausência.

Ao meu pai Alcides, pelas horas passando-me suas experiências de Amazonas. À minha mãe Marlene, pela simplicidade que tem vivido e cercado os filhos de estímulos .

Aos meus irmãos: Cid, Roseane, Lara e Dirk pelo apoio na minha jornada acadêmica. Igualmente aos sobrinhos: Leon, Anderson, Priscila e Poliana.

À tia Sjuky, grande incentivadora de todas as horas e pelo acolhimento em São Paulo. Igualmente ao Edgard.

À dona Martina, pela simplicidade com que leva a vida e conduz sua família.

Agradecimentos especiais

Aos amigos, Pedro Dias e Maria do Rosário, por me acolherem durante todos esses anos em Maués.

Aos amigos da comunidade Nossa Senhora De Fátima, pois sem eles este trabalho dificilmente seria concretizado.

Ao Maurício e Neth, por me acolherem em sua residência durante esses anos.

Ao Evandro, pelas horas revelando os segredos do seu meio ambiente e à sua esposa Francisca, por compreender sua ausência.

Ao Raimundo Martins, pelos momentos de caçada e experiências de puxirum.

Ao Raimundo Aurélio, pelas longas horas na caçada de capivara. À sua esposa Gracieite, por compreender esses momentos.

Ao Soares e dona Darci, pelas longas horas de conversa sobre a comunidade. Igualmente agradeço ao Bibi, João e ao Preto.

Ao senhor Exedito, pelas horas conversando sobre as técnicas de pesca e histórias da terra. À sua esposa Iracema, que sempre tinha uma fruta a me oferecer, nos momentos de visita.

Ao senhor Belo e dona Filó, por permitir a experiência do puxirum e os agrados com frutas do seu pomar

Ao João Said e Graça, por momentos junto à sua família e por fornecerem informações sobre o sistema educacional da comunidade.

Ao senhor Firmo e dona Daiza, pela acolhida em sua casa e pelas informações preciosas a respeito das técnicas de pescar pirarucu. Igualmente a seus filhos Abraão e Siloca.

Ao João Dias e sua esposa Ednelza, pelas horas de conversas sobre religião.

Ao Dadino, pelos momentos que precisei viajar para Maués e a seu filho Deusivane, por me acompanhar no momento que precisava registrar a seca do rio.

À dona Joana, por se preocupar em fazer tarubá e pelas informações do puxirum.

Ao Raimundo Socorro pelas informações sobre porongação e à sua esposa Maria Gracinete, pelas informações sobre o agente de saúde.

Ao Domingos da Silva, pelas horas na pescaria de arco e flecha.

Ao senhor Temis, pelos conhecimentos fornecidos sobre pescaria e sua relação dentro da comunidade.

Agradeço também a: Raimundo Bota; dona Lurdes e Nosmar; senhor Geovane; senhor José; Assis Mendes e Moisés Mendes; senhor Arselino; Sabá e Dica; Valcinei; Leonardo Lopes; Alcinei da Silva; Pedro Otávio; Francisco Carlos; Nilson Gomes; Marajó; Rabinho e dona Gessi; Bimba; Júlio; Cocho; Santico. Enfim, a todos que contribuíram com informações para enriquecer esta pesquisa.

Estendo os agradecimentos àqueles que contribuíram nessa jornada.

A Sérgio Ivan Braga, professor do departamento de Ciências Sociais /UFAM pelos primeiros contatos com a antropologia.

Ao Prof. Dr. João Batista Freire, pelo conhecimento transmitido e incentivar a realização deste trabalho.

Ao Prof. Miguel Arruda, pela ajuda oferecida.

Aos Professores: Dr. Paulo de Salles Oliveira; Jocimar D'olio; Dr. Nelson Marcellino, pelas horas de conversa.

Aos Professores: Dr. Ademir Gebara; Dr. Ademir Demarco; Dr. Roberto Vilarta; Dr. João Batista Tojal; Dra. Vilma Piccolo; Dr. Júlio Romero, por contribuírem com minha formação.

Aos Professores do IFCH/ UNICAMP: Dr. Márcio D'olne Campos e Dr. Mauro Almeida, pelos conteúdos de antropologia.

Ao Prof. Celso Palermo do Instituto de Arte/UNICAMP, por mostrar-se prestativo e orientar-me no manuseio da máquina fotográfica

Ao Prof. Dr. Philippe, nesse dois anos e meio por compreender minhas visitas em sua residência, para receber orientação.

Ao Ismael, pela amizade e pelo suporte técnico nos momentos difíceis de trabalho no computador

Aos amigos José Roberto e Márcia, pelo apoio e momentos de conversas.

Ao Mauro Belvis, pelo apoio nessa minha jornada acadêmica.

À dona Ilma Santos, por confortar a filha nos momentos de minha ausência.

Outros Agradecimentos

À Tânia, Ana, D. Lígia, D. Beth, D. Elsa pelo apoio técnico e burocrático.

À Dulce, pelo auxílio nas orientações das citações bibliográficas.

Ao programa da CAPES, pela concessão da bolsa de estudo.

Ao Paulo, Geraldo e Beroti, por fornecerem os equipamentos nos momentos que precisei analisar as fitas de vídeo.

Ao Carlos e Rodrigo, pela colaboração na impressão final do trabalho.

Ao Sr. Zezinho, Fausto, Eder e Sandra, pela atenção no xerox

Aos professores e funcionários da FEF/ UFAM

A todos aqueles que, de qualquer forma, contribuíram para que esse trabalho pudesse ser concluído

Meu muito obrigado a todos

SUMÁRIO

Resumo da Pesquisa

Summary

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	17
1) EM BUSCA DA COMPREENSÃO	17
1) <i>Uma estratégia de adaptação em mais um habitat de uma espécie única</i>	<i>17</i>
2) <i>Olhando a espécie única pela adaptação.</i>	<i>17</i>
3) <i>Olhando a espécie única pela adaptação ao clima quente úmido.</i>	<i>20</i>
4) <i>A atividade física: compreensão do termo</i>	<i>23</i>
5) <i>Escolha do termo</i>	<i>26</i>
CAPÍTULO II	30
2) PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
1) <i>Delimitação da área de estudo.....</i>	<i>31</i>
1.1) <i>Escolha da área</i>	<i>32</i>
2) <i>Objeto da pesquisa</i>	<i>32</i>
3) <i>Objetivos da pesquisa</i>	<i>33</i>
4) <i>Tipo de pesquisa e técnicas</i>	<i>33</i>
4.1) <i>Procedimentos etnográficos.....</i>	<i>34</i>
4.2) <i>Aspectos da Educação Física</i>	<i>38</i>
5) <i>Revisão bibliográfica</i>	<i>41</i>
6) <i>Entrevistas de apoio</i>	<i>41</i>
7) <i>Seleção de variáveis</i>	<i>42</i>
7.1) <i>Categorias selecionadas</i>	<i>43</i>
8) <i>Observação e entrevistas (conversas).....</i>	<i>43</i>
9) <i>Material utilizado na pesquisa</i>	<i>44</i>
CAPÍTULO III	45
3) PESQUISA DE CAMPO	45
1) <i>Descrevendo a Comunidade de Nossa Senhora de Fátima.....</i>	<i>45</i>
1.1) <i>Caracterização da área de investigação</i>	<i>47</i>
2) <i>Deslocamento dos moradores para fora da comunidade</i>	<i>66</i>
3) <i>Na intimidade das entrevistas, a realidade se revela</i>	<i>74</i>
4) <i>Atividade corporal: descrever para revelar.....</i>	<i>105</i>
4.1) <i>Descrição da atividade corporal de remar.....</i>	<i>105</i>
4.1.1) <i>As situações em que é empregado o remar.</i>	<i>113</i>
4.2) <i>A quebra do ouriço da castanha amazônica: procedimentos corporais.....</i>	<i>116</i>
4.3) <i>Caçada.....</i>	<i>119</i>
4.4) <i>Pescaria</i>	<i>130</i>
4.5) <i>Cultivo do solo.....</i>	<i>144</i>
CAPÍTULO IV	164

4) INTERPRETANDO O COTIDIANO.....	164
1) <i>Interpretando a relação homem e meio ambiente: atividades, subsistência e organização social.....</i>	<i>164</i>
2) <i>A dimensão do ato de remar.....</i>	<i>167</i>
3) <i>Caçar.....</i>	<i>171</i>
4) <i>Pescar.....</i>	<i>174</i>
5) <i>Castanha amazônica: alimento e comércio.....</i>	<i>176</i>
6) <i>O roçado.....</i>	<i>177</i>
7) <i>O exótico se revela - atividade corporal no meio ambiente: o fator tempo cíclico.....</i>	<i>184</i>
CONCLUSÃO.....	196
ANEXO I.....	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	205

RESUMO

Nossa pesquisa estuda as atividades corporais de homens adultos, como estratégia de adaptação biocultural ao meio ambiente de rio de água preta e terra firme. Foi desenvolvida numa Comunidade rural, denominada Nossa Senhora de Fátima, do Igarapé Açu do Lago do Massauari, subordinada ao Município de Boa Vista do Ramos, no baixo Amazonas. Tomando-se Manaus como ponto de referência, a viagem - em barcos de linha - até a comunidade leva de 20 a 22 horas. Há duas paradas, a saber: Maués e Boa Vista do Ramos. De qualquer uma delas, um novo barco nos leva à comunidade.

Os procedimentos etnográficos nos possibilitaram descrever e interpretar as atividades corporais dentro desse contexto cultural, a partir de observação participante, entrevistas, conversas, filmagens.

As atividades corporais selecionadas para o estudo são: *caça, pesca, coleta e cultivo*. Nelas, a intensidade dos movimentos é de baixa para moderada, ora contínuas ora intermitentes, o que permite uma execução de longa duração e grandes distâncias, sem levar o corpo à exaustão. Tais dados sugerem uma adaptação adequada a esse meio ambiente, de clima quente e úmido.

A realização das atividades corporais exige aperfeiçoamento de certas habilidades, cujas experiências são passadas de pais para filhos e são fundamentais para o aprimoramento das táticas de caça e pesca.

A prontidão para responder aos estímulos do meio ambiente significa melhores condições para sobreviver e melhoria da qualidade de vida. O ato de *analisar, refletir, agir, reagir* associado à *paciência* são atitudes que estão interligadas para desempenhar melhor as atividades corporais.

SUMMARY

This research studies the corporal activity of men, as strategy of biocultural adaptation in their environment of black water river and land. The rural community studied is called Our Lady of Fatima of Igarapé Açu of the Massauari Lake and lays in the county of Boa Vista do Ramos, in the low Amazonas. The trip from Manaus to the community takes 20-22 hours in the regular boats. There are two stops to switch boats: one in Maues and one in Boa Vista of Ramos.

The ethnography procedures allowed us to describe and interpret the corporal activities in the cultural context. i.e. participate observation, interview, dialog, and films.

The body activities selected in this study are - hunting, fishing, harvesting and planting. The movements are of low-to-moderate intensity, either continuous or intermittent, which allows a performance of long duration and distances, without exhaustion. The data suggests an adequate adaptation in this environment, of hot and humid climate.

The corporal activity performance requires training of certain skills, which experience are taught from parents to children and are fundamentals to the tactic improvement of hunting and fishing.

The readiness to respond to stimulus of environment means better survival conditions and quality of life. The behavior of analyzing self reflecting, acting, reacting associated to the patience are attitudes connected to perform the body activity in a more efficient way.

INTRODUÇÃO

Buscar o sentido e a explicação das coisas faz parte da curiosidade do ser humano. Não me surpreendem os interesses das pessoas, por mais bizarros que sejam, em buscar sentido nas mais diversas “coisas”. Pode-se perguntar por que realizar um trabalho de Educação Física, com uma comunidade rural do Amazonas? Essa é uma pergunta que respondo hoje com melhor clareza. E para responder, é preciso fazer um breve histórico de vida. Esta pesquisa transcende o cumprimento de normas acadêmicas visando, inclusive, à obtenção de títulos. Para mim, como para quem me conhece, é impossível negar a ligação “pesquisa” e “vida”.

Ainda residindo em Maués, por volta de 11 ou 12 anos, fui pela primeira vez à Comunidade Nossa Senhora de Fátima, na companhia de um amigo que ia visitar seus pais que nela viviam.

O tempo passou, e passei a residir em Manaus. Meu interesse por conhecer outras comunidades aumentou, o espírito de aventura tornou-se mais presente, possibilitando percorrer outras áreas do imenso Amazonas. Durante vários anos, andando por essas regiões, tive oportunidade de conhecer homens que me puseram em contato direto com rios, lagos, cabeceiras e florestas, e algumas vezes fui surpreendido por encontrar seres humanos em áreas onde não os esperava encontrar.

Esses homens, face às necessidades do meio ambiente, necessitam, para sua sobrevivência, de um empenho corporal conforme as condições exigidas, ou seja, dadas as condições do meio, o homem interage por intermédio de uma “ação corporal”.

Sobreviver nesse meio ambiente exige conhecimento e domínio de habilidade corporal. A interação de ambos - conhecimento e habilidade - possibilita ao homem explorar rios, lagos, igapós, cabeceiras e florestas. Essas áreas se destacam, de acordo com as estações do ano

e são propícias à caça, pesca, coleta ou cultivo. Delas os habitantes podem tirar seu sustento, explorando-as e *respeitando-as*, com uma visão até certo ponto adulterada pela aculturação.

Andando com agricultores, caçadores e pescadores pude observar a diversidade e aplicação da atividade corporal manifestada frente às condições do momento. As condições a que me refiro são os estímulos novos, fornecidos pelo meio ambiente, solicitando, é óbvio, uma resposta a eles. Nessas horas, o pesquisador percebe que os sentidos desses homens estão desenvolvidos ou adaptados às condições presentes. Dessa forma, os sentidos lhes possibilitam, juntamente com o conhecimento adquirido ao longo da vida, distinguir e selecionar estímulos, tais como: sons, odores, aves ou animais que estão camuflados na vegetação, entre outros.

O homem pode ser observado a remar ou a andar horas pela mata, caçando, carregando um paneiro de castanha, ou de mandioca pelo roçado, o que implica uma resistência cardio-respiratória e muscular em condições adequadas, para enfrentar as exigências do meio.

As qualidades físicas - força, resistência, agilidade, velocidade, entre outras - são integradas com a aprendizagem das habilidades e as experiências de cada arte, passadas de pai para filho e são fundamentais para o aperfeiçoamento das táticas de caça e pesca. Essa integração de conhecimento e prática permite ao homem um equilíbrio corporal dentro desse ecossistema.

A habilidade de se movimentar entre árvores e folhas secas, e em manusear artefatos (como arco e flecha, terçado, espingarda, arpão etc.) indica um aperfeiçoamento que lhe permite aproximar-se silenciosamente de sua presa, e abatê-la. Ao se presenciar tais qualidades, reforça-se a concepção de que só a ação corporal integrada -corpo/mente - possibilita ao homem realizar essa ação com o máximo de eficiência.

Há homens detentores de habilidades especializadas, conhecedores do meio ambiente, das histórias de rios e florestas,

cobra-grande, boto, enfim, das histórias de pescador e caçador, dos mitos das águas e das matas, dos rituais de preparo para a pesca ou a caça. As crenças e o respeito aos animais, aves e peixes sempre tiveram seu espaço nos livros ou no dia-a-dia do senso comum. Fui impregnado por tais crenças, pois elas guardam no seu interior o respeito à natureza e pode-se supor que elas, ainda, contribuam para esse equilíbrio entre homem e meio ambiente. A região amazônica tem seus mistérios, fascinações e nos contagia, através das matas, rios e de seu povo. Com intuito de procurar compreender as relações entre homem e meio ambiente, associo a experiência vivida durante dez anos com a pesquisa e com a teoria científica.

As leituras de Antropologia e a Educação Física me possibilitaram a compreensão científica do fenômeno da ação corporal nessa comunidade. Hoje, após o contato com essas teorias, pude compreender e explicar, num enfoque biocultural, a adaptação motora do homem dentro desta área amazônica; o que, na concepção de algumas pessoas, pode ser compreendida como um paraíso para o homem viver.

Assim, este trabalho está dividido em quatro momentos:

O capítulo I discute a estratégia de adaptação em clima quente e úmido, fundamentada na Educação Física e Antropologia.

O capítulo II trata dos procedimentos metodológicos, dos caminhos percorridos para a concretização deste estudo.

No capítulo III, percorre-se a descrição dos dados coletados, isto é, faz-se a caracterização da área de investigação e descrevem-se as atividades corporais de caçada, pescaria, cultivo e coleta, a partir de observação participante e de informações dos sujeitos, obtidas através de conversas, filmagens e gravações.

O capítulo IV é o resultado dos capítulos precedentes, revela à luz de uma interpretação, os significados dos dados obtidos, a partir de bibliografia consultada. É nesse capítulo que se faz uma síntese das atividades desenvolvidas pelos habitantes da Comunidade Nossa

Senhora de Fátima, bem como se identifica o calendário das práticas corporais praticadas ao longo do ano, com base nas manifestações climáticas cíclicas.

Este trabalho foi escrito em alguns momentos na primeira pessoa do singular, por refletir a experiência em campo do pesquisador. O emprego na primeira pessoa do plural trata de opiniões envolvendo outros autores e pessoas.

Estou convicto de que esta pesquisa deixa caminhos abertos para outras investigações, que contribuirão para compreensão da atividade corporal do amazônide.

CAPÍTULO I

1) EM BUSCA DA COMPREENSÃO

1) Uma estratégia de adaptação em mais um habitat de uma espécie única

O estudo da adaptabilidade humana, em especial da adaptação ao meio ambiente, tem despertado o interesse de várias Nações¹, envolvendo a antropologia biológica e cultural. Verificou-se que as respostas adaptativas biológicas e culturais da atividade motora tem sido estudada na Educação Física em diferentes áreas, tais como: fisiologia do exercício, reabilitação de cardíacos, cineantropometria, aprendizagem motora e lazer.

O objetivo deste trabalho é compreender sob o ponto de vista da adaptação cultural e biológica os homens que habitam uma comunidade rural do Amazonas, cuja região está situada próxima à linha do Equador e, portanto, caracterizada por um clima quente-úmido.

Diante da capacidade adaptativa do ser humano, esse fenômeno é entendido como biocultural. A interação das capacidades morfológicas e funcionais com o desenvolvimento das habilidades motoras através da aprendizagem é um fenômeno constante, observado na região.

2) Olhando a espécie única pela adaptação.

Estudar uma espécie única, como outra, é ter em mente o conceito de que *“...Todas as espécies são fisiológica, ecológica e*

¹ Segundo Gabriel Lasker (1969, p.1480), a contribuição Americana ao Programa Biológico Internacional, envolve cinco estudos que pesquisam o grupo de formas de adaptabilidade humana, enquanto oito constituem o grupo do controle ambiental.

(D) O primeiro consiste num estudo Internacional sobre povos do círculo ártico, incluindo Esquimós, “envolve adaptação ao frio”; (i) A população genética dos Índios Americanos, “ênfatisa a adaptação de vida sob primitivas condições nos tributários dos rios Orinoco e Amazonas”; (iii) A “Biologia da População Humana das Altitudes altas” nos Andes do Peru e nas Montanhas coordenada com estudos das terras altas da Etiópia e no Himalaia e na montanha Tien Shan”; (iv) “Adaptabilidade Nutricional no Meio Ambiente”; e (v) A “Ecologia de Povos migrantes”. O sexto programa, segundo o autor, na cronobiologia está a ser preparado.

comportamentalmente única, da mesma forma que os humanos modernos", Foley (1993, p.30). A espécie humana é considerada como espécie única, pelas suas capacidades cerebrais, que lhe possibilita "aprender" (Changeux, 1991 e Gould, 1991). Por possuir esse aspecto privilegiado, ou seja, um sistema nervoso central aberto para aprender, criar, relacionar, interferir e transmitir, o homem, pelo que se tem visto, pode viver e sobreviver nos mais diversificados meios, transformando-os maléfica ou benéficamente, de acordo com suas concepções políticas e ideológicas.

MacElroy & Townsend reforçam tal idéia apontando para três níveis que sustentam essa propensão humana, qual seja "*...um cérebro capaz de aprendizado complexo, o desenvolvimento da fala, a habilidade para usar e fabricar ferramentas e laços sociais*". Estas características têm permitido aos humanos gerar uma expressiva diversidade de sistemas culturais e sobreviver num variado número de nichos ecológicos (1979, p.103). Isso mostra que o homem rompeu as barreiras ambientais e transformou toda a terra em seu habitat (Kroeber, citado por Laraia, 1992).

A qualidade do homem de habitar e sobreviver nos diferentes meios não é tão simples. É por intermédio da contribuição dos estudos da adaptação que se consegue entender essa dimensão humana. Portanto, adaptação é "*uma modificação na estrutura ou na função que habilita o organismo a sobreviver e reproduzir*" (Lasker 1969, p.1481). Esse autor, assim como Weiss & Mann (1981), Moran (1994), evidencia que a adaptação humana ocorre em três níveis, a saber: seleção do genótipo; modificação ontogênica; respostas fisiológicas e comportamentais.

Autores como Stini (1975), citado por McElroy e Townsend (1979) e Moran (1994), agrupam os níveis de adaptação humana em:

- Aclimatação é uma resposta de curto prazo. Para esse caso os autores relatam que o estímulo é reversível, (Stini e Moran, McArdle et al, 1985, Weineck, 1991).

- Ajustes de desenvolvimento são respostas irreversíveis. Elas ocorrem durante o crescimento e o desenvolvimento (Moran 1994, p.26). Sobre esses ajustes McElroy e Townsend (1979, p. 94) argumentam que

“...a maioria das adaptações fisiológicas são reversíveis, mas certamente aquelas desenvolvidas durante um longo tempo são irreversíveis, tais como as modificações que ocorrem em populações que crescem em altitudes altas como nos Andes ou Himalaia.”

Nesse caso o autor fala que existe um aumento da estrutura óssea da caixa torácica e volume pulmonar. Para chamar atenção desse nível, observem nas palavras de Moran (1994, p.27) *“É durante esse período que o organismo humano é capaz de se moldar às condições ambientais predominantes,”* o que ele chama de *plasticidade genética*. E é por intermédio dessa plasticidade que compreendemos a capacidade dupla do material genético, ou seja, em situação de estímulo uma capacidade pode vir a se manifestar, desde que tenha em seu patrimônio hereditário tais características, como Hann (1991) evidencia em seus estudos.

- O terceiro nível, segundo Moran (1994, p.27), são as estratégias culturais de vestuário e abrigo e estão entre os mecanismos reguladores mais comuns. Eles aumentam as possibilidades humanas de sobreviver e viver com relativo bem-estar em ambientes variados. Essa última acompanha os posicionamentos de MacElroy e Townsend (1979) , Gould (1991).

Tais níveis ou ajustes ao meio ambiente contribuem de uma forma ou de outra para que seres, em especial os humanos, que sob mesmo estímulo reajam de forma diferente. Há aqueles que estão bem adaptados a determinadas áreas, mas não estão a outras; Lasker (1969, p.1481) fala que a *“Adaptação implica numa antítese: se de uma maneira é adaptativa a um local, de outra maneira é menos adaptativa ou não adaptativa a outro local .”*

Desta forma, sobreviver nos mais variados meios, em constantes mudanças, exige do ser humano respostas dinâmicas. Estas, por sua vez, dependem do estado de equilíbrio ou homeostasia do corpo que é regulado, segundo Paschoal (1993) citando outros autores, pelo "sistema nervoso autônomo" . McElroy e Townsend (1979, p.93) conceituaram este estado como *"...o retorno do equilíbrio interno que mantém o organismo em limites toleráveis de mudanças externas"*. Neste caso, os estímulos externos são considerados, em condições extremas, agentes estressores do organismo, tais como: frio e calor extremos; radiação ultravioleta; excesso ou deficiência de nutrientes; baixa ou alta umidade; substâncias tóxicas ou produção de organismos nocivos.

3) Olhando a espécie única pela adaptação ao clima quente úmido.

As referências acima são importantes para compreender a capacidade adaptativa do homem aos estímulos do meio, com maior ênfase morfológica e funcional, ou maior ênfase cultural, ou ambas na mesma intensidade. Assim, o equilíbrio dinâmico é fundamental para a sobrevivência do homem, frente aos estímulos externos, como ocorre, por exemplo, em regiões desérticas onde

"... beber água é escasso, suar pode ser muito danoso; pode ser fatal perder água rapidamente em curto espaço de tempo. Se o corpo não for resfriado, o calor estressante pode trazer a morte. Felizmente, o corpo tem mais que um meio de se resfriar." (Weiss e Mann, 1981: 442).

Para ficar mais claro, é evidenciado nos estudos de Moran que exposição prolongada - ao frio ou ao calor - deixando a temperatura do corpo abaixo de 24 °C ou acima de 45 °C é fatal. O autor cita duas vias de transferência de calor pelas quais o corpo mantém o equilíbrio térmico: *"produção de calor como um subproduto dos metabólicos e*

pela perda de calor para o ambiente.” Nesse caso, o calor *“pode ser recebido ou liberado por condução, convecção ou radiação e pela evaporação.”*² Moran (1994); McArdle et al (1985); Weineck (1991);

Estudos de Lasker (1969) mostram que não há um consenso entre autores de que a pele escura ou pele bronzeada seja adaptada ao clima quente. Entretanto, esse autor diz que,

“.. pele clara reflete mais calor radiante, a pele escura deve proteger melhor a pele. Dentre outras coisas, pele escura inibe queimaduras do sol, e a queimadura do sol interfere com o controle do suor. A pele escura é menos susceptível ao câncer, e prevê-se mais síntese de vitamina D. Em zonas com muito sol no verão e pouco no inverno, a possibilidade de se bronzear seria portanto uma vantagem.” (p. 1483)

Por outro lado, a adaptação humana ao clima quente seco é diferente da solicitada pelo clima quente úmido, ou seja, a associação de temperaturas altas e umidades relativas do ar elevadas dificulta a evaporação do calor do corpo e, conseqüentemente, o seu resfriamento (Weiss e Mann, 1981; McArdle et al, 1985; Weineck, 1991; Moran, 1994). Segundo Moran, ainda não se encontra muito bem compreendida a adaptação a esse tipo de clima. Assim, o autor cita dados existentes referentes aos estudos, em sua maioria, realizados na África (Ladell, 1964) e uma pesquisa de campo, a qual envolve dados da América do Sul (Baker, 1966; Hanna e Basker, 1974).

Lasker (1969) fala sobre ancestrais do homem que viveram num certo estágio da vida em área de clima quente úmido. Nessas circunstâncias, o calor era bem tolerado durante o descanso, mas o trabalho pesado produzia estresse ao calor.

²Moran (1994, p.124), explica: “A *condução* refere-se ao fluxo de calor de um objeto para outro por contato direto; A *convecção* refere-se à troca de calor entre um gás ou líquido e um objeto; a *radiação* é a transferência de calor de um objeto para outro mais frio; a *evaporação* é a liberação de calor através da evaporação do suor da pele ou da umidade dos pulmões.”

O autor acrescenta que a perda de calor por esses quatro fatores depende: “ 1) da transferência de calor central ou do interior do corpo para a superfície, 2) da composição do corpo, especialmente dos tecidos adiposos, e 3) da proporção entre área de superfície e peso corpóreo.”

Os autores Weiss e Mann (1981); Lasker (1969) tratam sobre a dissipação do calor em relação a área corpórea.

Isso permite entender as reclamações de moradores de Vila Fátima após um dia de trabalho, sob a intensidade dos raios do sol. Ao chegar a noite, não conseguem ter um sono confortável, pelo cansaço do corpo e pela temperatura elevada, o que os incomoda.

Apesar de Emílio Moran (1994, p.339) expor sua preocupação pelos poucos estudos a respeito de populações que habitam regiões tropicais, é ele quem mostra alguns resultados de outras pesquisas indicando adaptações biológicas a essa área, entre elas:

"...uma redução relativa de massa corporal com relação à área de superfície (Newman, 1960; Ladell, 1964: 647; Baker, 1966: 296); uma pele altamente bronzeável; uma sudorese que assegura o máximo de evaporação com uma perda mínima de eletrólitos (Lowenstein, 1968; Ladell, 1964; 652); e um ritmo cardíaco reduzido para níveis moderados de atividade (Hanna e Baker, 1974)."

Esses trabalhos revelam uma adaptação a nível biológico, entretanto a leitura tem mostrado que isso não é suficiente. Assim os ajustes culturais assumem relevância considerável, ou seja, *"A maior parte dessas adaptações ao calor úmido é cultural e não fisiológico."* (Moran 1994, p.339). Dessa forma, as populações que habitam as florestas tropicais têm localizado suas *"residências em elevações do terreno próximas a uma fonte de água"*. Com relação ao vestuário, é observado que *"o uso de pouca roupa minimiza o calor do corpo (Ladell 1964, p.650-51) e proporciona o máximo de área superficial para a evaporação do suor."*

Com relação às atividades corporais desenvolvidas no cotidiano desses homens tem-se que,

"...segundo observações feitas por psicólogos, os povos tropicais 'agem de forma mais eficaz' e não se deixam ficar superaquecidos". Após o meio-dia, principalmente após as duas horas, a maior parte dos povos tropicais evita o trabalho pesado e se dedica a atividades relativamente leves em locais com sombra." (Ladell, citado por Moran, 1994, p.339).

Este fato nem sempre ocorre na comunidade Nossa Senhora de Fátima, como será visto no capítulo IV (interpretação dos dados). Assim, o referencial teórico sobre adaptação humana mostra sua relevância a partir do momento em que explica a prática e torna mais consistente este trabalho.

4) A atividade física: compreensão do termo

Pesquisas relacionadas com atividades físicas, termo mais comumente utilizado, têm comprovado sua importância para saúde, hipertrofia muscular, fisiologia do esforço, emagrecimento, reabilitação de cardiopatas, recreação através do exercício e a performance física para rendimento de atletas de alto nível.

Tais estudos têm priorizado os aspectos biológicos do corpo, não se preocupando, em parte, com os aspectos psicossociais. Esta é uma característica da corrente epistemológica positivista, para quem a dicotomia corpo e mente é uma particularidade significativa. Recentemente outras pesquisas têm indicado um novo olhar do corpo, como se pode encontrar nas obras de Parlebás (1987), Le Bouch (1987), Santin (1987), Medina (1990), Freire (1991), Moreira (1991), Manoel Sérgio (1991), Castellani Filho (1991), Rocha Ferreira (1991), Medina (1993), Daolio (1995) entre outros.

Os primeiros trabalhos com enfoque puramente biológico ofereceram sua contribuição para o desenvolvimento do conhecimento sobre respostas adaptativas à atividade física. As críticas, mostrando as limitações e o reducionismo do fenômeno visto somente pelo ângulo biológico, têm incentivado outros pesquisadores a buscar uma abordagem biocultural.

O instigante é observar a atividade motora, não somente dentro do aspecto biológico, mas também do psicológico e cultural, através de uma perspectiva que nos faça *"...lembrar que quando se mata o 'espírito do ser', tem-se o perigo de não obter o ser total."* (Rocha

Ferreira 1991, p.58). A autora acrescenta, ainda, que pelo fato de a atividade física variar seu significado intra e entre culturas, deve-se atentar para isso ao se trabalhar com diferentes grupos culturalmente definidos.

Pode ser observada, nos estudos etnográficos de Mauss, a preocupação com o fato de que dentro de uma mesma sociedade, assim como nas mais diversas sociedades, as pessoas têm formas diferenciadas de empregar técnicas corporais, acompanhadas de artefatos ou simplesmente só com o corpo. Isso fica muito claro quando os meios telejornalísticos mostram diariamente povos praticando diversas atividades motoras, ou empregando técnicas corporais, entendidas na célebre definição: “...as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos.” (Mauss 1974, p.211). O sociólogo complementa-nos falando que se deve partir do concreto para o abstrato, e não inversamente. Assim, o que se apresenta aos olhos do pesquisador é a atividade motora ou a atividade corporal ao fabricar ferramentas e manipulá-las, construir abrigos, cultivar alimentos. Enfim, o que se vê, é o homem em ação

Para Rocha Ferreira (1991, p.53) atividade física é um complexo simbólico que não pode ser tratada uma atividade biológica desconectada do social e do cultural. A autora define esse termo como “...o movimento humano realizado pela pessoa para melhoria da sua integração mente / corpo.” Esse movimento é intencional envolvendo atividades corporais diversas, incluindo corrida, caminhadas, exercícios físicos, artes marciais, capoeira e outros.

Rocha Ferreira explica que as respostas a atividades corporais variam entre as pessoas. Pode-se explicar esta variação pelas características hereditárias, experiências anteriores ao movimento, “o que em suma pode refletir o processo da adaptação humana ao meio ambiente.”(1991, p. 53)

No trabalho "O movimento como forma de adaptação do homem ao meio ambiente", Sobral considera aquele *"não apenas como um produto da adaptação mas também com um processo pelo qual os homens - mais do que o Homem - são capazes de defrontar o stress ambiental."* É entendido nesse conceito o fato de não se separarem os potenciais herdados dos adquiridos. Eles convivem no homem simultaneamente *"...aumentando o potencial humano para acção."* (1993, p.4).

Segundo Sobral, essa dupla condição pode ser melhor entendida quando se observa o papel preponderante da aprendizagem em habilidade complexas. Recombinando as unidades cinésicas discretas, a aprendizagem concede à educabilidade motora e à inovação uma relevância de movimento, no que tange à adaptabilidade humana. E esta funciona como um "processo" dirigido para diversos ajustamentos significativos, sob o ponto de vista ecológico.

Em se tratando de uma questão do movimento como um processo de adaptação, para o qual convergem o entendimento do que é inato e do que vem a ser adquirido, recorre-se ao trabalho de Freire (1991), pois contribui para ampliar nossas discussões.

Segundo Freire , o mérito da questão não *"é se a motricidade é herdada ou se é adquirida, mas a dificuldade de distinguir, em cada ação, o que é inato e o que é adquirido."* (1991, p. 47). Em seu trabalho, assim como pode ser visto no contexto deste, e de outros autores, fica evidenciado que o homem é um ser de cultura e por isso é capaz de habitar os mais diferentes meios.

Freire continua, *"o que não é inato nas condutas motoras humanas é seu lado cultural. Se o homem tem que construir sua cultura, o faz com sua ação."* (p.48). Uma ação complexa o homem não herda, mas aprende na experiência da vida. Pois em *"não sabendo nada dos gestos, começa a aprender", ou seja, "aquilo que parece ser uma desvantagem ao nascimento, isto é, uma motricidade pouquíssimo desenvolvida, constitui, segundo Freire, sua grande vantagem."*(1991, p. 49).

Não se deseja entrar no mérito da discussão terminológica. Parece-nos bem oportuno o emprego das citações porque elas, no fundo, levam a entender a presença da motricidade - se não do movimento ou da atividade motora no homem - a qual tem permitido sua sobrevivência em diferentes habitats. O importante é ter em mente que, ao estudar condutas motoras, é preciso cuidado de observar as dimensões do movimento humano, no contexto biocultural, tendo como base seus potenciais inatos sobre os quais interage um complexo de habilidades, as quais interrelacionadas permitem sua adaptação ao meio ambiente.

Pelas suas peculiaridades, acredito que o homem não sobreviveria por si só, no contexto em que está inserido, devido à sua fragilidade e à inferioridade corporal que apresenta ao nascer, mas ele se torna superior por sua capacidade de aprender.

5) Escolha do termo

A atividade corporal do homem amazônico é definida nesta pesquisa como a ação bio-psico-sociocultural especializada visando à sobrevivência numa unidade ecológica. A ação consciente ou inconsciente é decorrente da integração: inata (hereditário) e adquirida (meio ambiente). As características herdadas representam a história filogenética da espécie e expressam-se através dos genitores. A adquirida é aprendida com os pais, outras pessoas e experiências motoras, numa relação sujeito-meio, sujeito-sujeito.

O estudo da *atividade corporal* numa comunidade rural do Amazonas torna-se instigante, à medida que ela é entendida na sua totalidade, corpo e mente, como meio essencial à sobrevivência dos habitantes³.

³Veja sobre "atividade física" nos estudos de Dieckert e Meringer (1994), sobre a "Corrida de Toras" e a conotação de atividade motora na dissertação de mestrado de Tavares (1994), sobre os índios Kamayurá de Ipawu.

Existem diferentes papéis que o corpo tem representado na sociedade, porém não serão tratados em detalhes. Mas a atividade física pode ser entendida como uma representação social do movimento corporal.

A prática da atividade física está vinculada com a utilização do tempo livre na sociedade ocidental contemporânea. Existe uma decisão consciente da pessoa em realizar atividade física com finalidades de saúde, treinamento atlético, melhoria da qualidade de vida etc.

Na sociedade amazônica, esta prática é menos evidenciada em função das diferenças sociais intrínsecas. A ação corporal do homem nesta região é vinculada a questões de sobrevivência, numa relação com o tempo cíclico. O trabalho, o grande organizador do tempo (Thompson, 1991), na sociedade industrial é determinado pelo patrão, pelas leis; em contrapartida, na sociedade estudada, é determinado pelo tempo, estação do ano, necessidade de cada família. Desta forma, a relação do homem com o seu corpo não é a mesma, nesses dois tipos de sociedade.

Com base nesta descrição, fizemos opção de utilizar "atividade corporal", pois ela poderá refletir melhor a interação entre homem e meio ambiente.

No Amazonas, o valor da atividade corporal está no domínio de habilidades⁴ especializadas que possibilitam ao homem ter boas

⁴Estamos entendendo por esse termo, os "...atos ou tarefas que requerem movimento e devem ser aprendidos a fim de ser executados corretamente." (Magill 1984, p. 9).

Não entrando na discussão terminológica, será utilizada a posição de Valdir Barbanti (1987), que considera, até que se esclareça melhor, habilidade e destreza como sinônimos.

O autor evidencia a destreza pois: "*Capacita um desportista a dominar movimentos complicados, e a aprender movimentos novos no menor tempo. Possibilita um poder de adaptação, de orientação, de percepção espacial, de percepção de tempo, de movimentos, capacidade de transferir movimentos, poder de equilíbrio, precisão, ritmo, etc.*" (Barbanti 1987, p.208)

Tubino (1984, p.165), define destreza como: "*...a qualidade técnica específica da preparação para cada desporto que, através do equilíbrio harmonioso de algumas qualidades físicas (força, resistência, flexibilidade e velocidade), permite ao atleta cumprir um gesto desportivo com o máximo de eficácia e de economia do seu potencial energético.*"

No pescador e caçador se verifica a habilidade na prática da caça e pesca. Da habilidade geral, meio rústica, que dificulta aproximar-se de sua presa, à habilidade refinada, onde é observado o aperfeiçoamento dos gestos.

Sobre esse assunto leia: Valdir Barbanti (Idem, p.205-210) e Treinamento Físico: bases científicas- Valdir Barbanti (1986, p. 33-38); Tubino (Idem, p. 165-168); Magill (1984, p.9-11).

condições de vida. À medida que suas investidas pelos rios e florestas tenham resultados positivos, no que tange à prática da caça, pesca, coleta e cultivo.

A partir do momento em que é entendido que a sobrevivência do homem na face da terra tem sido consequência de uma adaptação biocultural, é pertinente entender que características herdadas e as culturais permitiram-lhe tal façanha. Numa comunidade rural, onde o homem ainda depende do meio ambiente para sobreviver, a aptidão física indicada pela força⁵, resistência⁶ cardio-respiratória, muscular, equilíbrio, flexibilidade, entre outras é importante.

Rocha Ferreira (1995, p. 9), lembra que o termo aptidão física tem sido usado amplamente na cultura ocidental contemporânea. *"Entretanto, o fenômeno em si, isto é: a capacidade de realizar esforços de forma prolongada sem exaustão precoce, existe independente da cultura."* Assim, é praticamente impossível conceber pessoas sedentárias na comunidade pesquisada, o que nos faz concordar com Moran (1994, p.129) quando diz que *"populações voltadas para a subsistência possuem um VO₂ máximo mais elevado do que populações urbanas"*.

Entende-se, todavia, que essas qualidades não são suficientes para a integração ao meio; elas devem estar associadas com a aprendizagem de habilidades como caça, pesca, extrativismo e cultivo.

O ensino dessas técnicas é realizado pela transmissão de verdadeiras experiências, passando de pais para filhos. O conhecimento e a prática desses movimentos, representados pelo diálogo biocultural, permitem o desenvolvimento do equilíbrio corporal neste ecossistema.

⁵Força, é entendido aqui pelo conceito de Schmolinsky (1982, p. 49), como *"a capacidade de vencer uma certa resistência exterior, ou de actuar contra ela por meio da tensão muscular."*

O autor emprega o termo "capacidade" como potencial funcional". Nesse caso "as manifestações desta capacidade são a força máxima, a força instantânea (ou força explosiva) e a força de resistência.

⁶Nesta pesquisa resistência é: *"...a capacidade do organismo de efectuar um determinado trabalho durante um período prolongado sem perda de qualidade desse trabalho."* (Schmolinsky 1982:, p.53)

A habilidade de se movimentar entre árvores e folhas secas e em manusear artefatos (arco e flecha, terçado, espingarda, arpão etc) indica uma destreza aperfeiçoada, que possibilita ao homem aproximar-se silenciosamente de sua presa e abatê-la. Ao presenciar tais qualidades, reforça-se a concepção de que: só a ação de corpo e espírito possibilita ao homem realizar essa ação com o máximo de eficiência.

É na prática do cotidiano que o homem interage com o meio ambiente, através dos conhecimentos adquiridos. Respeitá-lo e ter a possibilidade de apreender sua cultura é estimulante. O desafio é compreender a riqueza das atividades corporais e sua importância no cotidiano do caboclo⁷.

⁷ Segundo o dicionário Aurélio (1975), é o mestiço de branco com índio.

Supõe E. Stradelli (1929), o termo Caboclo vem da palavra Cauóca da Língua Geral e que significa - Despennado, raspado, pellado. Chamavam Cauóca, pelo facto de lhe cortarem os cabellos rentes, aos índios trazidos mais ou menos à força e conservados em domesticidade. Foi de cauóca, talvez, que no Amazonas, mais especificamente no Pará, se passou a chamar os índios mansos de Caboclo.

CAPÍTULO II

2) PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS⁸

Este capítulo trata dos caminhos percorridos para se estudar as atividades corporais desenvolvidas no interior de uma comunidade rural no Amazonas. Essas atividades representam um conjunto de símbolos que não são percebidos à primeira vista; o observador precisa conviver alguns anos com elas, para que possa compreendê-las e interpretá-las à luz de teorias.

A experiência nos mostrou que não é possível conhecer o cotidiano do caboclo da noite para o dia. Ele, detentor dos conhecimentos do seu meio, revela, passo a passo e de forma gradativa, ao pesquisador os segredos que resguardam a complexidade do meio ambiente onde vive.

O simples é compreender que se caça, pesca, cultiva e coleta. Entretanto, a complexidade está no fato de que cada estação do ano se manifesta e sobressai com o aparecimento ou escassez de algum produto da floresta, peixe ou caça. Beneficiar-se desses momentos é dominar certos conhecimentos e técnicas.

Captar essas informações preciosas significa passar horas no banco de uma canoa, na beirada do rio, numa caçada pela mata ou numa pescaria. Os detalhes que se mostram insignificantes, para o caboclo, pela prática rotineira, são essenciais e com eles o pesquisador monta seu quebra-cabeça.

Para conseguir vencer este desafio, foi preciso trilhar caminhos, cortá-los e segui-los novamente e, ao chegar à encruzilhada, decidir conscientemente por onde ir. A decisão tomada deveria levar à compreensão das atividades corporais em sua relação com o meio ambiente. Assim, a pesquisa intitulada *“Atividades corporais - uma*

⁸ Adotamos as definições de Piovesan (1974), na formulação: objeto, objetivos e seleção das variáveis desta pesquisa.

estratégia de adaptação biocultural numa comunidade rural do Amazonas" passou pelos passos que se seguem.

1) Delimitação da área de estudo

O **estudo** foi realizado numa comunidade⁹ rural localizada em área de *terra firme e água preta*¹⁰. Essa comunidade é subordinada ao Município de Boa Vista do Ramos, denominada Nossa Senhora de Fátima, no baixo Amazonas, a qual dista de Manaus, como ponto de referência, cerca de 20a 22 horas de viagem em barcos comuns.

O termo comunidade é empregado no Amazonas aos povoados que são subordinados aos Municípios. Nos lugarejos podem ser encontrados: capela; sede social; escola; campo de futebol e casas. Alguns possuem motor de força para gerar energia e telefone rural, muitos dos quais desativados, por falta de manutenção.

Na Vila da comunidade Nossa Senhora de Fátima podem ser encontrados: capela, sede social, campo de futebol, escola, motor de força (só é ligado em ocasiões especiais - dias de festa) e duas famílias residindo nela. Há, ainda, uma capela adventista e outra escola que funciona fora da sede. Os membros da comunidade residem espalhados nas margens, de um lado e do outro do rio.

Segundo Antônio Cândido, em "Caipira e a sua Cultura" e Maria Isaura Pereira de Queiroz em "O povoado de Santa Brígida", in: *Comunidade e Sociedade no Brasil*, organizado por Florestan Fernandes, 1972, são características de comunidades, como a que estamos pesquisando: economia de subsistência; trabalho agrícola da

⁹ Segundo o dicionário Aurélio (Op cit), Comunidade é: 5. Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão imanados por uma mesma herança cultural e histórica.

¹⁰ Moran (1991, p. 161), comenta que a utilização dos termos *terra firme e várzea* são aceitos para localizar a área de pesquisa.

Moran (1990), fala que florestas de terra firme são os ecossistemas terrestres mais ricos em diversidade de espécies na biosfera e com maior produção de biomassa vegetal. Sobre água preta, o autor diz que esses rios são caracterizados como "rios de fome". Outras informações, consulte as obras citadas nas referências.

própria família; solidariedade familiar; prática de auxílio mútuo; participação das atividades lúdico-religiosas, entre outras.

1.1) Escolha da área

A escolha da área está vinculada à experiência de vida do pesquisador. Há anos freqüentando algumas comunidades rurais do Estado do Amazonas, tive oportunidade de conhecer homens que detêm conhecimentos do seu meio ambiente, adentram matas e rios, em busca de alimento ou de outros produtos que o meio lhes oferece.

A comunidade Nossa Senhora de Fátima é a área onde foi desenvolvida esta pesquisa, por estar ligada à experiência do pesquisador. Conhecendo-a por mais de 10 anos, não hesitei em escolhê-la, justamente por andar com caçadores, pescadores, que ao serem citados na comunidade têm seu lugar de prestígio social por dominarem habilidades nessas e em outras atividades corporais. Com eles, pude entender o meio ambiente que se mostrava à minha frente. Assim, este estudo centra o foco na atividade corporal de homens adultos, na perspectiva de captar o seu significado para sua sobrevivência, bem como compreender sua relação com o meio ambiente de forma natural, e sua importância para a organização social da comunidade.

2) Objeto da pesquisa

O **objeto** da pesquisa é estudar as “atividades corporais” representativas do cotidiano, de homens adultos, numa relação com o meio ambiente, sob um enfoque biocultural. As atividades compreendidas pelo autor referem-se à pescaria, caçada, coleta e cultivo, as quais são fundamentais para sobrevivência dos habitantes da comunidade em foco.

3) Objetivos da pesquisa

- a) Identificar as atividades corporais, como mediadoras da interação homem e meio ambiente;
- b) Compreender o significado das atividades corporais nessa comunidade rural, e
- c) Representar as atividades corporais com base nas variações climáticas cíclicas, através de um calendário.

Os objetivos enumerados tiveram como preocupação básica a relevância deste estudo, pois acredita-se em sua originalidade, a partir do momento em que a literatura consultada, na área da Educação Física, se mostrou escassa em relação a esse tipo de pesquisa com populações do Amazonas. Portanto, esse trabalho sugere a continuidade de novos estudos.

4) Tipo de pesquisa e técnicas

O interesse em estudar esta área partiu do pesquisador pela necessidade de buscar o significado da peculiaridade de vida daquela população. Para captar e decifrar o significado dos códigos praticados habitualmente fez-se opção por uma pesquisa com trabalho de campo. A etnografia foi o método utilizado, o qual teve respaldo teórico da Educação Física e da Antropologia Cultural.

4.1) Procedimentos etnográficos

Como se manifestou acima, o instrumento utilizado para o desenvolvimento da pesquisa foi a etnografia, que segundo Geertz (1989, p. 20) “*é uma descrição densa*”, cujo etnógrafo deve,

“...em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro, entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedades, fazer o censo doméstico ... escrever seu diário.”

Esta foi a tarefa empregada no decorrer desta pesquisa. Seguindo pela obra de Geertz transcreve-se a seguinte pergunta que o citado autor faz: “*O que faz o etnógrafo? - ele escreve*”. Mas, não satisfeito, complementa falando que o etnógrafo “*...observa, registra, analisa.*” (p.30). Essa pergunta, em conjunto com o entendimento da anterior, fez-se presente na concretização deste trabalho.

Geertz (1989) aponta três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o 'dito' num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis.

Ao escrever o trabalho, “*estando aqui*” (isto é, longe da comunidade), levaram-se em consideração as exigências do método para qualidade da pesquisa, e na coleta de dados em campo, “*estando lá*” (isto é, na área de pesquisa), foi empregada a observação participante, que por sua vez exigiu disciplina para saber captar os significados dos símbolos de uma realidade que se mostra ao pesquisador. Portanto, ao empenhar-se na utilização dessa observação ficou mais claro que

“... os atos de Olhar e de Ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar (i.e. peculiar à antropologia), por meio da qual o pesquisador busca conhecer (melhor dizendo:

compreender) a sociedade e a cultura do Outro 'de dentro', em sua verdadeira interioridade.” (Cardoso 1994, p. 25-6).

Entende-se que é pela participação que se compreende a complexidade da atividade corporal do homem no seu cotidiano e sua importância na organização social da comunidade. Por outro lado, é pelo olhar e o ouvir do pesquisado, estando lá, que nossa atividade corporal nos identifica como pessoas de fora: é um remar mais frenético, é a pressa em terminar mais rápido uma atividade, é a pouca paciência expressada corporalmente ao esperar um peixe ou uma caça que não tem hora marcada para aparecer.

O *diálogo* foi um elemento importante na estruturação das informações. À medida que o pesquisador pôde acompanhar os homens nas atividades de caça, pesca, coleta ou cultivo extraiu informações elucidativas de uma atividade que estava sendo presenciada. As questões abertas, utilizadas de acordo com o contexto, propiciaram condições para os sujeitos fornecerem informações de maneira espontânea.

A observação participante, entrevistas e conversas possibilitaram-nos coletar informações preciosas, a respeito da interação dos sujeitos deste estudo com o meio ambiente. Foram reveladas experiências passadas de pai para filho, em diferentes momentos, tais como: táticas corporais de caça e pesca, estratégias de adaptação frente a uma situação imprevista, por exemplo: um temporal inoportuno no centro da mata e a reação do homem em construir abrigo (rabo de jacu¹¹) improvisado para passar o momento; num período de verão forte detectar entre os cipós da mata aquele que possa lhe fornecer água - cipó d'água¹² - (foto 01, pág. 36); na cheia do rio, em não havendo

¹¹ Rabo de jacú - abrigo de palha improvisado para passar momentos de chuva.

¹² Tipo de vegetação trepadeira encontrada nas matas centro. Em período de verão forte na ausência de água os caçadores e coletores se utilizam do líquido que fica armazenado em seu interior.

Para obter água o caçador corta na base ou próximo ao solo e, rapidamente, faz outro corte mais acima. Assim consegue reter a água naquele pedaço de cipó. Caso o caçador corte a parte de baixo e demore cortar em cima, a água subirá para o topo do cipó, e não se terá o líquido.

terra por perto, ser capaz de fazer o fogo sobre o capim que flutua na água (foto 02, pág. 36); ou, diante de vestígios deixados por animais, estudar seu comportamento por conhecimentos anteriores.



(Foto - 01) Em cima (foto -01), Caçador bebendo água do cipó d'água. Embaixo (foto - 02), pescador fazendo fogo sobre o capim na época da cheia do rio.



Foi possível captar em suas informações um ciclo de práticas das atividades que se manifestam dentro de um tempo natural, ou seja, a época da seca ou enchente do rio, que trazem fartura ou escassez de alimento, proporcionando-lhes outras opções diante de tal situação.

Enfim, ao acompanhar os habitantes da comunidade de Nossa Senhora de Fátima num banco de canoa, quando de uma caçada no início da vazante, em pescarias, ou em caçadas pela mata, o pesquisador serviu-se de um conhecimento experienciado ao longo de uma vida, e entre algumas práticas mencionadas, pôde-se evidenciar o respeito pelo meio ambiente.

Não seremos ingênuos a ponto de defender e dizer que o caboclo é um homem que convive com o meio ambiente, usufruindo dele sem causar danos. Pelo contrário, quando há necessidade de se beneficiar dele, para sua sobrevivência, (madeira, peixe, caça etc) não faz restrições. Existe, sim, um certo respeito, em pensamento, dentro das limitações de ser humano, mas na ação, devido à aculturação - exceção feita alguns elementos - o caboclo tende a se beneficiar cada vez mais de seu meio, pois se ele não o fizer, outro poderá vir e o fará. Isso é um dos fatores que exemplificam a influência da aculturação precipitada e a chegada da chamada "civilização" nessas comunidades simples.

Acompanhar as pessoas em suas atividades diárias é captar os segredos e os problemas que permeiam a comunidade, é ter informações dos furtos, das brigas entre famílias, ou da pessoa que atirou num porco do vizinho, das brigas nos jogos de futebol, é ter conhecimento dos falecimentos, das pessoas que chegaram à comunidade, é saber das festas que vão acontecer, é saber dos romances, é ter conhecimento do custo de vida, que se torna cada vez mais difícil, à medida que os produtos da região são desvalorizados pelos comerciantes. Enfim, andar na companhia desses homens é saber quem tem prestígio dentro da comunidade por dominar a habilidade da

caçada, da pescaria e da coleta, é entrar na intimidade de um contexto cultural.

4.2) Aspectos da Educação Física

Os procedimentos utilizados neste trabalho envolvendo os aspectos da Educação Física, talvez sejam os maiores desafios para o pesquisador. Enquanto iniciante, investiguei o fenômeno por caminhos não comuns à área de conhecimento que faz parte da minha formação. Mas é bom que seja assim: um caminho desbravado sempre deixa espaços abertos para rumos diferentes, a interesse diversos, quer no seu início, meio ou fim. A busca de interpretação o “desconhecido / conhecido” nessa empreitada não foi feita de sofrimentos, mas de momentos instigantes. Para cada encontro com a teoria, uma idéia nova surgia, ou ainda, para cada encontro com um “expert acadêmico”, ampliavam-se as intenções, cortavam-se outras ou simplesmente quebravam-se as anteriores. Em todo momento desta realização, a inquietação esteve presente. Se não estivesse, esta pesquisa não se concretizaria e, para falar a verdade, ainda não me sinto apaziguado, pois estou convicto de que este trabalho não esgota o assunto, apenas o inicia.

Quando Freire fala que *“se não soubermos construir o método enquanto caminhamos, só alimentaremos ilusões - as nossas e as dos outros”* (p.54), e em seguida complementa ao comunicar que *“de fato... vivemos procurando chegar ao desconhecido seguindo sempre por caminhos conhecidos.”* (1991, p.55), é possível compreender minha angústia, a partir do momento em que os estudos da atividade corporal realizados pela Educação Física se concentram em populações urbanas, e em sua grande maioria referem-se a estudos de caráter mensurável, que inegavelmente trouxeram significativas contribuições, por exemplo,

“... conhece-se melhor a idade para se iniciar determinados esportes, os malefícios e benefícios da atividade física nas diferentes idades, influência da má nutrição e atividade física, respostas do organismo a programas de atividade física a partir de

3 anos de idade, influência da atividade física na reabilitação de cardíacos e arteriosclerose, etc.”
(Rocha Ferreira 1991, p.53)

Entretanto, a autora reconhece a importância dessas pesquisas mas fala que o organismo humano tem sido visualizado como um ser biológico, desprovido de mente e acrescenta, *“muito foi desmitificado...No entanto, o que foi que os cientistas descobriram mesmo? A existência de um corpo separado da mente e do cosmo?”* (Rocha Ferreira 1995, p.16)

Com relação aos estudos do movimento humano, no que tange aos aspectos da medida e método, Sobral (1993) mostra preocupação com o assunto e faz considerações de que *“...temos de decidir previamente se o movimento é compatível com a medida ou, pelo contrário, não permite senão uma abordagem descritiva e qualitativa.”* (p. 12). Neste mesmo estudo, Sobral discute o assunto citando vários autores e deixando evidente sua preocupação de uma abordagem que não seja feita apenas envolvendo o biológico, mas o cultural também, ambos se complementando e formando o ser.

Procurando evitar “caminhos profundos”, partimos para interpretar a atividade corporal dando maior ênfase à sua descrição, buscando envolver o lado biológico compreendido empiricamente sob o ponto de vista de que o homem, embora dentro de suas limitações, tem desenvolvido força, resistência e aptidão adequada à prática de atividades essenciais à sua sobrevivência: pescar, caçar, derrubar uma árvore, carregar um paneiro com mandioca ou com castanha.

Pela visão cultural, busca-se a interrelação das atividades corporais praticadas no cotidiano da comunidade e seu significado dentro da organização social da comunidade. Essas atividades, por serem praticadas pela maioria, se não por todos, identificam uma área de pesquisa versátil, ou seja, a do pescador, caçador, agricultor, coletor, criador etc.

Olhando a atividade corporal pelos conhecimentos da Educação Física, pôde-se interpretá-la com embasamento teórico. Estando essa área de conhecimento muito vinculada às sociedades urbanas, procurou-se romper com “o comum” para buscar no “exótico” outras interpretações da atividade corporal. Assim, a preocupação foi observar o fenômeno, e aqui se empregou um termo bem original utilizado por Pierre Parlebás (1987), que não seja no “estandardizado”, mas sim no meio “selvagem”.

Parlebás, em sua teoria da “Ciência da ação motriz”, cita algumas das características da ação motriz, no que tange “à relação do praticante com o meio físico.” O autor fala que no meio *“acondicionado ou estandardizado ... a ação motriz se orienta frente a um automatismo repetido cuidadosamente nos treinamentos e perfeitamente posto a ponto”*, ou seja, as ações *“seguem umas seqüências programadas com muitíssima antecedência, sem que o autor tenha que recorrer a informações nem tomar decisões no transcurso da ação”*. (p.13 - 14). Por sua vez, o *“... meio selvagem não é estandardizado,”* e o *“... praticante mantém um constante diálogo com o espaço.”* E continua o autor:

“As práticas domésticas supõem um gesto sem surpresas, automatizado, programado, sem improvisação possível.” Por outro lado “as práticas no meio selvagem requerem um ajuste à novidade e uma orientação para a adaptabilidade frente ao imprevisto.” (p.14)

Se este trabalho é um desafio, é porque se escolheu investigar o fenômeno, o homem na prática da atividade corporal, no meio “selvagem”, cujo ambiente proporciona aos sujeitos da pesquisa e ao pesquisador estímulos desconhecidos, não premeditados, exige uma tomada de decisão desse ser biológico impregnado de cultura, que vai lhe proporcionar sucesso ou não.

Sabem os habitantes da comunidade que sua habilidade em responder positivamente frente aos estímulos do meio ambiente pode significar para eles melhores condições de vida. Por isso o ato de

analisar, refletir, agir, reagir associado à *paciência* são atitudes que estão interligadas para seu melhor desempenho.

5) Revisão bibliográfica

A pesquisa passou por um levantamento de obras e textos alguns dos quais foram selecionados por estarem direta ou indiretamente ligados à teorização. Assim, por intermédio dos termos-chaves - homem e meio ambiente, atividade corporal e meio ambiente e adaptação ao meio - em populações rurais, mais particularmente em populações de clima tropical úmido, foi possível estruturar este trabalho.

O arcabouço teórico elaborado com bibliografia consultada permitiu-nos compreender e separar quem é de dentro, olhando o outro de fora, através da presença do observador no cotidiano da Comunidade Nossa Senhora de Fátima. Enfim, foi possível interpretar atividades corporais, e entender que elas se apresentam como estratégias de adaptação cultural do homem ao meio ambiente, bem como sua importância no que tange à organização da comunidade. Essa leitura da prática, a partir da teoria, proporcionou entender a relação do homem com o meio ambiente, dentro de um tempo cíclico, o qual propicia o aparecimento sazonal dos produtos da fauna e da flora, graças aos quais o homem ainda tem sobrevivido.

6) Entrevistas de apoio

Entrevistamos profissionais da área de Educação Física, preocupados com o entendimento da motricidade ou do movimento humano em aglomerados urbanos, especialistas em treinamento desportivo. Eles nos possibilitaram uma discussão e nos auxiliaram na interpretação da aptidão motora e das habilidades dos moradores da comunidade em foco.

Os especialistas da área de Lazer tiveram importante papel em ponderar as questões da divisão do trabalho e do tempo livre na comunidade. Ressaltaram-se as diferenças com a sociedade industrial.

Os antropólogos forneceram base teórica metodológica para interpretar e relacionar fatos dentro de um sistema cultural peculiar.

Esta pesquisa teve a contribuição de informações de pessoas que residiram na comunidade. Elas forneceram dados importantes, agora com uma visão mais urbana, para nos orientar e nos situar dentro de seus aspectos históricos e dos problemas que ainda perduram naquela população.

7) Seleção de variáveis

Compreendendo, segundo Piovesan, que uma variável é uma característica comum a certo número de indivíduos, foi possível selecionar para este estudo quatro variáveis, as quais representam uma característica da comunidade pesquisada, pois, segundo Taylor *"...as características culturais não são apenas individuais, mas compartilhadas. Se os costumes forem únicos para os indivíduos, eles deveriam ser nada mais nada menos que características da personalidade"*, e continua o autor :

"quando, entretanto dois ou mais membros de uma sociedade manifestam intimamente características de personalidade similares isto é vantajoso ao grupo que está dentro de uma categoria simples chamada característica cultural." (1973, p. 26)

Essas variáveis estão no seio da comunidade como prática de sobrevivência menos para as crianças de colo que ainda não as praticam diretamente e os idosos que já praticaram. Assim, as variáveis em destaque são aqui descritas como prática corporal de:

- **Caçada**
- **Pescaria**
- **Coleta**
- **Cultivo**

7 1) Categorias selecionadas

É fácil entender, segundo Piovesan, que categoria é cada um dos valores da variável. Assim, foi possível selecionar dentro de cada uma daquelas, algumas categorias praticadas com mais frequência pelos habitantes da comunidade estudada:

a) Na variável *caçada*, pôde-se relacionar e escolher: a caçada andando pela mata; com cachorro; de moitá e de canoa.

b) Na variável *pescaria*, relaciona-se: pescaria de caniço; de tarrafa; de rede ou malhadeira; facheação; de arpão; de arco e flecha, de espinhel, entre outras. Dessas selecionou-se a de caniço, de malhadeira, facheação, arpão, arco e flecha e de sururucar no barranco atrás de tracajá (espécie de quelônio).

c) Na variável *extrativismo* ou *coleta*: extração de madeira; cipó; palha; mel; castanha amazônica e outros produtos da floresta. Dentre essas, a coleta da castanha amazônica foi alvo de nosso estudo.

d) Na variável *cultivo*: cultiva-se mandioca; guaraná; banana; milho; feijão e outras plantas domésticas. Nessa variável encontrou-se interesse pelo cultivo da roça (plantio de mandioca, macaxeira, cará) e pelo cultivo do guaraná.

8) Observação e entrevistas (conversas)

a) A observação das atividades corporais categorizadas foi feita de duas maneiras: a olho nu e com a utilização de filmadora, a qual nos possibilitou, a partir das várias horas de filmagem (aproximadamente 10 horas), descrever as habilidades corporais dos habitantes da área.

b) As conversas foram feitas com moradores da comunidade e informantes que residiram, na comunidade.

c) Foram anotadas as conversas no diário de campo, gravadas as entrevistas e diálogos, e filmadas as atividades corporais. As fitas foram analisadas e comentadas pelo pesquisador.

9) Material utilizado na pesquisa

Máquina fotográfica Yashica 107 multi program, composta por duas lentes: Yashica MC zoom 75~70 mm e a lente macro Yashica MC zoom 75~200 mm

Câmera filmadora panasonic M1000

Caderneta de campo;

Micro gravador - cassette recorder (GE)

Frequencímetro - PE 300 - sport tester

É importante relatar que os equipamentos utilizados são de uso do pesquisador, exceto o frequencímetro que pertence ao laboratório de Antropologia Biocultural da FEF/UNICAMP.

As cargas das baterias da filmadora só podiam ser recarregadas quando havia viagem para o Município, pois na comunidade não há eletricidade.

CAPÍTULO III

3) PESQUISA DE CAMPO

1) Descrevendo a Comunidade de Nossa Senhora de Fátima

Este é o momento em que dados são revelados ao campo do conhecimento científico pelo autor, num ambiente conhecido. Mostra ao mesmo tempo seu envolvimento com os entrevistados e sua análise racional. Olhando os informantes pelo lado emocional, o pesquisador, sem sombra de dúvida, poderá omitir informações, graças à visão muito subjetiva do fenômeno pesquisado. Ao contrário, sua credibilidade vai ser respeitada, a partir do momento em que consegue separar os informantes de seus laços de envolvimento, ou melhor, consegue vê-los como pessoa de fora, com um olhar puramente crítico. Esta é uma das preocupações dos pesquisadores que usam como técnica a etnografia ou a pesquisa qualitativa.

Tal preocupação é pertinente e permeou todo o desenrolar do trabalho de campo e a descrição desta dissertação. Entretanto, não se pode negar o envolvimento com os informantes, a partir do momento em que se frequenta por mais de dez anos a área de que resultou esta pesquisa.

Além de pesquisador, não se pode negar uma das qualidades do homem, particularmente acredito que essa não permeia entre todos, a de ser humanitário. Durante vários anos, frequentando a comunidade Nossa Senhora de Fátima, pude compartilhar¹³ com algumas famílias o sofrimento pela perda de um dos seus membros; contribuir com medicamentos para outras, no momento em que a doença, inesperadamente aparece, e o acometido não tem a quem recorrer, a não ser alguém que se previna, sabendo da precariedade de recursos na comunidade. Auxiliei caçadores e pescadores, fornecendo aos

¹³ Nossa contribuição não tem o sentido de assistencialismo, mas sim, de ser necessária ao momento.

primeiros munição e aos segundos, anzol e linha; pude contribuir com alimentação de famílias, ao chegar à comunidade ou na volta de uma caçada ou de uma pescaria bem sucedida, quando a escassez do alimento era um fato na mesa de uma família de 6 a 8 filhos; contribuí, embora tardiamente, com as famílias, no momento em que estavam sendo enganados em consequência da confusão causada pelos Planos Econômicos do Governo Federal. Enfim, estes são alguns envolvimento que o autor, mais do que pesquisador, conseguiu ter com a população estudada. Essa, por sua vez, retribuía com farinha, carne de caça, peixe, castanha etc.

Ao declarar-se envolvido, o pesquisador torna-se um alvo frágil, e disso temos consciência. Entretanto, estar participando corporalmente foi a forma que julgamos poder captar a intimidade da comunidade e passar por experiências que nos dariam convicção e segurança para falar.

Nas rodas de compadres, ou no banco de uma canoa pelo rio, a conversa se estendia por horas onde os mais diversos assuntos surgiam - da boa safra do guaraná ao baixo preço que pagam por ele; da enchente poderosa do ano anterior às chuvas fortes desse ano, prejudiciais ao plantio da roça; do veado que o compadre matou ao pirarucu perdido por outro compadre; do marupiara¹⁴ ao panema¹⁵; dos romances que surgem na comunidade, entre outros.

Estando lá, era participar, sem induzir o informante; nesse caso, procurou-se ser objetivo e “estando aqui”, buscou-se, com auxílio da teoria, a objetividade do assunto pesquisado. Sendo assim, as informações e os dados descritos a seguir (ressalvada a subjetividade), são frutos da experiência na área desde o ano de 1989, quando

¹⁴ Marupiara - aquele que tem sorte para caça ou pesca.

¹⁵ Sobre panema, Wagley em sua obra “Uma Comunidade Amazônica” (1988, p.95-98) fala que panema é “... força maligna que se apodera da pessoa, de sua arma, de sua linha de pescar, o u de sua bagagem.” (p. 95). O autor cita alguns remédios utilizados pelos caboclos para curar a panema. Na linguagem corrente, o panema não tem sorte na pesca, caça, entre as mulheres etc.

Veja nas páginas 86, 91, 99, 100,101, 103 (nas entrevistas), formas de curar a panema.

despertaram o interesse pelo trabalho, reforçados pelas conversas dos informantes.

Estar na Comunidade é tentar ser um deles¹⁶, não apenas o agente de fora observando, enquanto os habitantes desenvolvem suas atividades. O pesquisador, com a experiência adquirida com os anos, não só anota os acontecimentos, mas registra-os a partir das dificuldades que tenta superar quando na posição de caçador, pescador, remador. Sabe que na casa visitada ou em que reside moram de 5 a 10 pessoas. E esperar que o alimento trazido por um deles seja o suficiente para todos é um luxo a que não se pode dar.

O pesquisador tem, sim, que se apossar de uma canoa e sair pelos lagos e cabeceiras pescando ou caçando, a fim de auxiliar em momentos difíceis a família hospedeira. O convívio diário com as famílias gera informações preciosas para o pesquisador. Pois uma coisa é certa: os "segredos" do cotidiano da interação do homem com o meio ambiente, só são revelados pelo caboclo, à medida que os encontros vão se concretizando, a cada nova pescaria ou caçada. O simples se torna complexo pela dimensão que as atividades corporais desses homens alcançam, na busca de um melhor meio de vida.

1.1) Caracterização da área de investigação

A Constituição do Estado do Amazonas (1987), em seu art. 24, determina: "Para efeito do que trata o *art. 129*, o aspecto territorial do Estado do Amazonas se integrará de 9 (nove) sub-regiões." Essas 9 sub-regiões perfazem um total de 61 municípios e devido à vastidão

¹⁶Falo dessa forma partindo do entendimento que o conhecimento, as habilidades, a aptidão motora não se fazem da noite para o dia. Portanto, ao chegar na comunidade o pesquisador busca com todos os esforços ser um deles, mas com restrições. Passar um, dois ou três meses nesse meio não é suficiente para conhecer as matas, os rios e lagos. O tempo não é suficiente para aprender e aperfeiçoar certas técnicas de caça ou pesca. Anos frequentando a comunidade me proporcionaram alguma experiências.

Ao pesquisador, recomenda-se fazer um condicionamento físico, antes de ir a uma comunidade rural como a pesquisada. As qualidades física (força, resistência entre outras) desenvolvidas, poderão levá-lo a algum lugar. Mas não são elas que lhe proporcionarão bons resultados na pescaria, na caçada ou andar no mato à procura de madeira, mel. Queremos dizer que, sem técnicas e conhecimentos, os músculos pouco levam a resultados positivos. Ser um deles, é passar por uma série de adaptações exigida pelo meio.

territorial desses municípios, nos últimos anos formaram-se associações comunitárias, nos vilarejos cujos dirigentes levam seus problemas e reivindicações aos administradores do Município.

A área em estudo, concentra-se na 9^a sub-região - no Baixo Amazonas, e denomina-se *Comunidade Nossa Senhora de Fátima, do Igarapé Açu, do lago do Massauari*, e responde às Leis do Município de Boa Vista do Ramos.



(Foto - 03) Vista da Comunidade Nossa Senhora de Fátima

A comunidade Nossa Senhora de Fátima ou Vila Fátima (como é conhecida pelos seus moradores, foto 03), embora por lei seja uma comunidade nova, já existe há mais de 50 anos, conforme relatos feitos por seus moradores, que são atualmente em torno de 30 famílias, com aproximadamente 170 habitantes, entre homens e mulheres, crianças e jovens. Por não ser próximo de grandes centros, seus moradores convivem com problemas, tais como: educação, saúde entre outros.

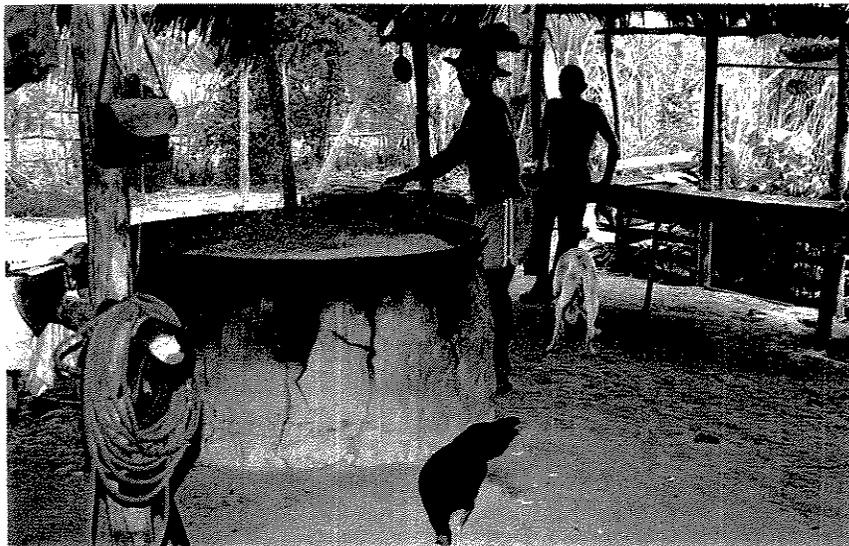
a) Moradias

As casas da comunidade de Nossa Senhora de Fátima são construídas de tábuas e cobertas de folhas de alumínio, telhas de

amianto ou de palha branca (espécie de palmeira), com o piso em tábua ou de barro batido. Encontram-se também casas cujas paredes são fechadas de palha branca, o piso de tábua ou de barro batido e a cobertura também de palha, (Foto 04). Esse tipo de cobertura é mais agradável na época de estiagem, pois não esquenta tanto o interior das residências, o que não acontece com as casas cobertas de telha de alumínio ou de amianto.



Em cima (foto- 04), casas toda em palha branca. Embaixo (foto- 05), a casa de farinha anexa à casa principal. No centro, o rapaz fazendo farinha no tacho; ao fundo, à direita, o senhor encostado na garera.



As casas, que podem ser palafitas, estão dispersas de um lado e do outro do rio e localizadas em áreas elevadas, observado por Moran (1994) como uma forma de adaptação ao clima quente úmido. Dessa forma, as famílias se comunicam e participam das atividades sociais da comunidade, à medida que se colocam a remar.

Atrás ou ao lado da casa principal, há quase sempre a Casa de Farinha, com implementos necessários, por exemplo: o tipiti, peneira, gamela ou garera¹⁷, forno de barro, tacho de ferro ou de cerâmica, caititu (ou ralos feitos de lata). Esse forno serve para torrar guaraná, fazer beiju e farinha de mandioca. (Foto 05, pág. 49)

b) Educação

A educação formal é realizada nessa parte do município em duas escolas. Uma, situada na Vila Fátima e outra, afastada da Vila, chamada Escola São Pedro (foto 06, pág. 51), e ambas funcionam nos períodos vespertino e matutino, num sistema multiseriado, ou seja, numa única sala se acomodam alunos de 1^a. à 4^a. série do primeiro grau, na faixa etária de 7 a 14 anos, matriculados oficialmente. Mas pode-se encontrar alunos com a idade de 6 a 16 anos.

No período de 1994 / 95 somente a escola São Pedro funcionou no vespertino. A escola situada na Vila Fátima, durante esses dois anos, esteve sem funcionar, prejudicando os alunos da redondeza.

Em conversa com o professor João Belém, como é conhecido na comunidade, foi verificado que há dois períodos do ano em que se constata maior ausência dos alunos na escola. O primeiro é na época em que a chuva intensifica, impedindo que as crianças se dirijam pelos rios até a escola e o segundo é na época da seca, que coincide com o trabalho na roça.

¹⁷ Segundo Alcides Werk em Trilha D'água - poesia reunida - (1994 , p.276), Garera - é o casco, depois de ter servido longo tempo para transporte e pescarias, sobe para a casa de farinha como recipiente para massa de mandioca. Finalmente, muito deteriorado, vai para a beira do rio, onde será suspenso para hortaliças. Esta é a garera.



(Foto - 06) Alunos na Escola São Pedro.

Em época da vazante do rio, as distâncias das residências aumentam e os alunos enfrentam maiores dificuldades, pois em certas ocasiões precisam tomar uma canoa, depois caminhar e depois tomar outra canoa para chegarem à escola. Isso desestimula e causa ausência escolar.

Por outro lado, essa é a época em que acontece o trabalho na roça, pela atividade de puxirum. Na animação do evento, os filhos acompanham os pais e acabam por faltar na escola. Quando os pais não têm com quem deixar os filhos mais novos, são os mais velhos que tomam conta da casa. Assim é verificada uma ausência, às vezes significativa, em salas de aula. O professor conhece a situação e não pode fazer muita coisa para melhorá-la, pois do roçado a família depende.

c) Sistema de saúde e higiene sanitária

De acordo com informações dos moradores da comunidade, *o agente de saúde visita as casas, orienta as pessoas como usar a água, asseio*. Pode ser constatado que o sistema de saúde restringe-se às atividades da Fundação Nacional de Saúde que periodicamente (2 a 3

meses) visita a área, pulverizando as residências e levando alguns medicamentos, principalmente contra a malária. Quando ocorre um falecimento, por falta de assistência especializada, dizem apenas: "foi porque Deus quis."

A comunidade conta com o "agente de saúde"¹⁸, ou seja, um de seus membros recebe treinamento na Sede do Município, com noções básicas de saneamento. Sua responsabilidade é visitar residências e distribuir alguns medicamentos, para dor, amebas, diarréias, febre, resfriado etc, conforme a orientação recebida.

As necessidades fisiológicas (defecar, urinar etc.), são feitas em casinhas construídas por alguns habitantes, onde há um buraco no chão e dois paus para apoio dos pés. Outros limitam-se a fazer trilhas na mata e, a 50 ou a 100 metros da sua casa, fazem suas necessidades sobre uma árvore morta, onde apoiam os pés, alternando as trilhas conforme a conveniência. Hoje já é possível constatar algumas casinhas com construção mais adequada.

A água de beber é retirada dos rios e igarapés da região, em cujas margens os moradores constróem suas casas e onde lavam roupas, alimentos e tomam banho.

Um fato importante observado na comunidade, entre final de setembro e final de outubro no período da seca e a estiagem é intensa, o rio está secando, as praias estão surgindo e nas margens aparece uma maior quantidade de tabatinga¹⁹. O vento forte, inquietando as águas dos rios e, a agitação dos peixes que se aglomeram nesses rios, contribuem para que a água fique *branca*, ou seja, água com argila. (Veja nota 83)

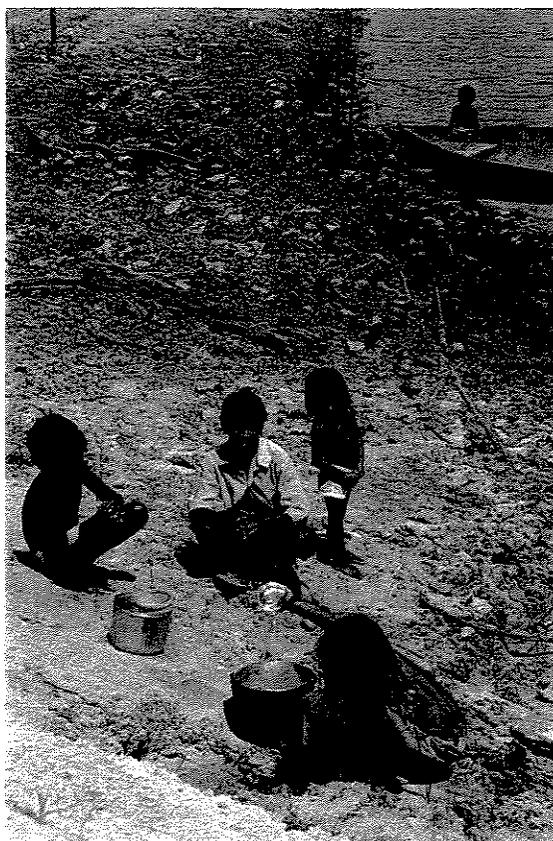
¹⁸ David Werner em sua obra "Onde não há médico" (1984) fala que, "o auxiliar de saúde é qualquer pessoa que participa do trabalho de tornar a sua comunidade um lugar mais sadio para se viver." (p. a1). Este é um livro que os **agentes de saúde devem ter em mãos**, acredito que pode contribuir para o conhecimento da medicina natural, desmistificando algumas crenças e reforçando outros conhecimentos. O livro pode oferecer conhecimentos sobre medidas profilática em combate ao aparecimento de doenças.

Tive oportunidade de conhecer, na comunidade, essa obra quando em contato com algumas de suas partes.

¹⁹ Segundo o Dicionário Aurélio (op cit) - 1 - Bras. Argila sedimentar, mole, untuosa, e com teor de matéria orgânica.

O verão forte torna a água "morna", principalmente entre os horários de 10:00 a 18:00 horas. A união desses fatores deixa a água não agradável para se beber e tomar banho.

Nesse período percebem-se, em algumas margens, nascentes de água. O *olho d'água*, como é conhecido, proporciona uma água límpida e fria para se beber. Durante o dia, vê-se o trânsito de crianças dirigindo-se de canoa, para esses locais, a fim de se aprovisionarem de água. (Foto 07)



(Foto - 07) Crianças, no período de estiagem, pegando água no "olhos d'água", nas margem do rio.

d) Religião

Na comunidade há duas religiões: a católica e a adventista. Esta última, segundo os moradores, proíbe a seus seguidores comer peixes de couro (peixe liso), aves sem moela, animais da mata sem unhas

fendadas. Portanto, em outros tempos, carne de caça era uma alimentação saudável. Hoje, pela religião, passou a ser quase proibida.

Numa conversa com adeptos dessa religião, foi obtida a informação de que *"nós, adventistas, nos alimentamos de alimento que dá nutrição ao físico. Carne de caça, segundo a Bíblia só as que remoem, como o veado e as aves que têm moela."*

Embora os seguidores dessa religião não se alimentem desses animais, é observado que alguns capturam e comercializam qualquer espécie de animal, sem restrição.

O veado é um dos animais mais procurados por alguns motivos: tendo unhas fendadas, pode ser consumido na região por qualquer crente, por ser uma carne muito apreciada pelas famílias.(Foto 08).



(Foto- 08) Caçador com veado roxo nas costas

Este animal é considerado pelos caçadores (ver depoimento na página 85 e 86) um animal arisco. Torna-se um troféu abatê-lo, pois o caçador tem que dominar a arte de caçar, possuir boa habilidade e

conhecer o comportamento do animal. Abatê-lo é notícia e prestígio na comunidade. Por isso, é um dos animais que está sob constante pressão de caçadores.

e) Crenças

A crença na comunidade está vinculada ao respeito aos dias santos e do descanso semanal. Há ainda credices populares muito fortes como, por exemplo: mulher gestante deixa homem panema²⁰; quem caça ou pesca em dias santos, pode ver assombração; se se caçar ou comer algum bicho no dia em que a mulher vai parir, a criança nasce parecida com o animal; onde mulher gestante sobe, tracajá não sobe; mulher gestante quando come embiara²¹ do caçador, deixa ele panema. Há muitas outras, como da cobra-grande, do boto, curupira, comentadas por Moran (1974). Esses tabus têm uma representatividade no cotidiano do caboclo em suas relações com o meio. É importante salientar que com os meios de "comunicação" penetrando nas comunidades rurais, novos hábitos e interesses vão surgindo. As crenças e as relações homem/meio vão se deteriorando, a partir do momento em que os produtos da fauna e flora assumem valores econômicos significativos.

As crenças estão relacionadas, de certa forma, com uma interferência significativa da atividade corporal dos moradores da comunidade, principalmente nos dias que antecedem os dias santos. Procuram terminar seus afazeres, e saírem em busca de alimentação no rio ou na mata, justamente pelo receio que os caboclos têm de defrontarem-se com animais possuídos pela "mãe da mata ou do rio".

É observada a influência psicológica negativa²² de uma crença sobre um caçador ou pescador. Isso o deixa desmotivado²³ para a

²⁰ Moran (1974, p. 148 - 149), também, escreve sobre a panema (sem sorte para caça ou pesca) na vida do caboclo.

²¹ Embiara é aquilo que a pessoa conseguiu apanhar na caçada ou pescaria.

²² Veja depoimentos nas páginas: 86, 87, 91, 99, 100, 101, 102, 103.

prática de tais atividades. No caso do primeiro, ao trazer sua caça (embiara) para casa e se uma mulher gestante chegar a comê-la, empanemará o caçador.

O caçador com a panema mostra-se psicologicamente abalado, convicto do mal que o atingiu, carrega dúvidas para sua caçada, tudo é incerto. Atirar numa presa é questão de possibilidade; em não a atingindo, reforça-se a crença da panema, a qual repercute na vizinhança, quando o caçador chega a casa e conta sua história.

Quando está acompanhado, antes a incerteza que carrega, prefere dar prioridade ao companheiro e deixar que ele atire, pois tem *convicção* de falhar. O panema sai de casa sem nada e volta como foi.

O caboclo acredita que a panema debilita o corpo e conseqüentemente interfere negativamente em suas habilidades de caçador ou pescador, deixa-o indisposto. Moran (1974), fala sobre a panema.

O interessante é que a pessoa acometida pela panema é alvo de chacota entre amigos e mesmo entre familiares. A família, desconfiando do mal que acometeu seu chefe, contribui para curá-lo²⁴, pois sabe que seu equilíbrio corporal tem que estar em harmonia, para que seus movimentos sejam eficazes; a sua sobrevivência depende da eficiência de movimentos no manuseio dos artefatos, na paciência ou na aproximação de seus alvos.

²³Segundo Barbanti (1987): “A motivação é uma característica psíquica de rendimento. A falta de motivação para uma ação não leva a um ótimo rendimento, mesmo quando se tem desenvolvido outras qualidades físicas.” (p.217)

Magill (1984), define motivação como: “... as causas que afetam o início, a manutenção e a intensidade do comportamento.” (p.239)

Sobre motivação veja Tubino (1984, p.357-358).

Entendemos que a motivação está em nosso cotidiano.. O caçador ou pescador panema fica desmotivado pelo mal psicológico que o acometeu. A família tenta curar o mais rápido possível esse mal. A motivação é verificada o caçador volta da caçada bem sucedida e faz-se repercute seu nome na comunidade. Acreditamos, que certas práticas e crenças não devam ser inibidas por uma aculturação precipitada, pois no fundo, elas indicam um equilíbrio entre homem e meio ambiente.

²⁴Veja nas páginas 86, 91, 100, 101, 102, 103, remédios para curar a panema. Esses remédios, em nossa concepção, respeitando a crença dos amazônidas, atuam como “placebo”.

Segundo o dicionário Aurélio (op cit), Placebo. Medicamento inerte ministrado com fins sugestivos ou morais, ou, ainda, em trabalhos de pesquisa, quando é dado a um grupo de pacientes que ignoram estar, paralelamente, tomando o remédio que se quer investigar.

f) Festas e jogos

“É bom o futebol, porque é uma diversão mais bacana que tem por aqui. Dia de domingo é quando o pessoal se reúne. O que reúne mais o povo é o esporte com festa. Mas o pessoal vem mais por causa do esporte, por causa do torneio.”

As festas tradicionais da comunidade são: festa da Padroeira Nossa Senhora de Fátima do Igarapé Açu; festas dançantes com torneios de futebol, envolvendo vários times formados por jogadores das redondezas.

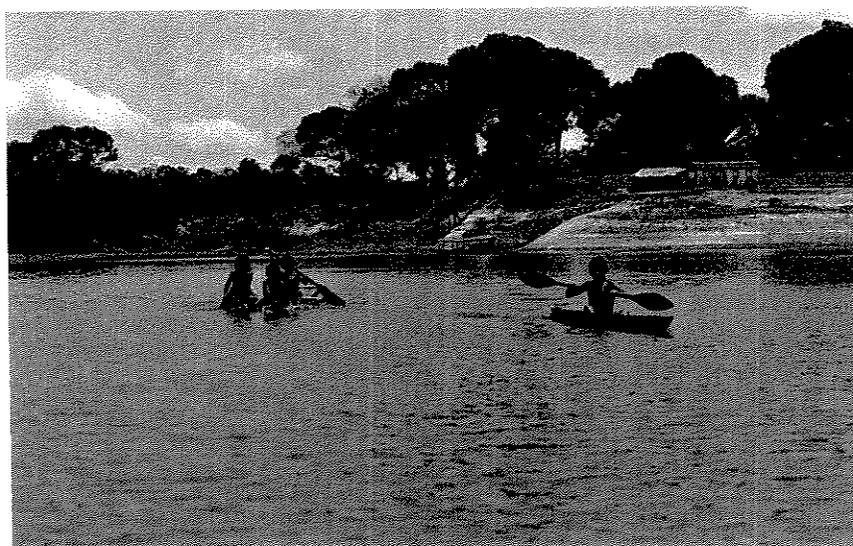
O jogo de futebol é o mais praticado na comunidade, contando com participação dos moradores durante os finais de tarde e finais de semana, quando os praticantes e torcedores se reúnem no campo da Vila Fátima ou outro em campo da redondeza, para jogar. (Fotos 09, pág. 58)

Antes do jogo masculino, as mulheres, quando há número suficiente, formam seus times e jogam entre elas, sendo a partida apitada por um homem. As crianças participam, jogando nos espaços limpos próximos ao campo ou à igreja, onde colocam dois paus delimitando as áreas de gol, com as regras feitas por eles, conforme suas concepções de futebol. Os times mistos são bastante praticados, talvez o mais empolgante pelas peculiaridades das mulheres no domínio dessa atividade. Elas gritam, para onde a bola vai, corre a maioria e isso é motivo de gargalhada entre os torcedores.

O campo oficial de jogo é uma área delimitada por árvores e o terreno tem alguns altos e baixos. O jogo tenta seguir as regras oficiais do futebol, embora dentro de suas concepções. Os moradores se divertem torcendo, dizendo o que os jogadores, jogadoras e árbitro devem fazer no campo. Vaiam-nos, criticam-nos e elogiam-nos. É um momento de envolvimento social bastante prestigiado. (Ver depoimentos nas páginas 103, 104, 107, 109, 110, 111)



Em cima (foto- 09) Jogadores participando de torneio de futebol. Embaixo (foto- 10) à porfia é divertimento constante principalmente na vazante do rio. À direita, criança utilizando o pequeno casco com o artefato faia



É visto que o futebol aparece como única forma de competição na comunidade, tanto para homens como para mulheres. Ele, na concepção dos moradores da comunidade, tem o poder de reunir a maior quantidade de pessoas reforçando a participação social da comunidade. Evidencia-se que o futebol é a forma conhecida por eles como divertimento.

Seus participantes estão sempre em busca de testar suas habilidades; assim, o "Presidente de esporte", junto com o Presidente da comunidade" organizam os times e os melhores saem para jogar em campos, a convite de outras equipes. Isso permite aos jogadores colocarem em prática suas técnicas, táticas, resistência e outras qualidades. Mediante tal teste, eles têm idéia do que precisam para melhorar.

Mas não é só o fato de os jogadores colocarem à prova suas habilidades que os leva a procurar outros campos. Verifica-se nas conversas dos participantes, que a "mulher" é chamariz. Onde há jovens, os homens procuram colocar suas habilidades corporais em evidência, a fim de se destacarem perante os participantes.

É verificado, também, que as atividades como brincadeira de manja, pular no rio, mergulhar e nadar, bem como à porfia de cascos (foto 10, pág. 58), são divertimentos de crianças e jovens que se intensificam nas praias, quando no período da seca do rio.

h) Atividades econômicas e criação de animais

As atividades econômicas da comunidade, limitam-se à colheita e venda do guaraná²⁵ (fotos 11, pág. 60) e à coleta da castanha amazônica; quando a produção de farinha de mandioca é excedente algumas famílias a comercializam; a fartura do pescado pode levar à sua comercialização; a madeira²⁶, palha para cobertura de casa, cipó

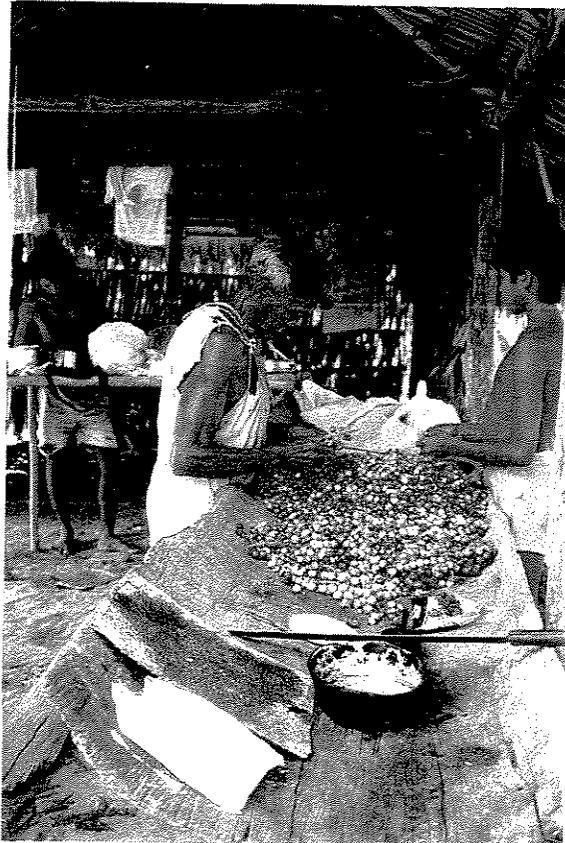
²⁵ Segundo o dicionário Aurélio (op cit) é: 1. Grande cipó da floresta amazônica (*Pullinia cupania*), da família das sapindáceas, cultivado pelos índios maués, de folhas trifoliadas, flores pequenas, alvacentas, e cuja cápsula fornece semente rica em substâncias excitantes (xantinas) e, por isso, adequadas à fabricação de refrigerantes e certos medicamentos; guaranzeiro. 2. Massa consistente, comestível, com formas diversas, fabricada pelos índios maués com as sementes desse arbusto.

Não só domínios dos índios mas dos caboclos, o guaraná é cultivado por trazer uma boa renda no período de seu fabrico. Possui substâncias estimulantes e os moradores da comunidade têm o hábito de ingeri-lo. É comum chegar nas residências pela manhã e encontrar pessoas ralando o bastão ou a semente do guaraná na língua do pirarucu. Antes de saírem de casa, pescadores e caçadores, tomam uma dose bem forte de guaraná para não sentir sono.

Hanan e Batalha (1995, p.104-104), falam sobre as substâncias contidas no guaraná, os Estados do Brasil que produzem.

²⁶ Na mata, andando com caçadores, é possível observar árvores (Pau-rosa, Itaúba branca e Itaúba preta, Massaranduba, Cedro, Louro, Mogno, entre outras) marcadas com as iniciais do nome de quem a encontrou.

são extraídos da mata sob encomenda; a carne de caça serve para a alimentação da família, entretanto em época de fartura, seu excesso é comercializado.



(Foto- 11) Debulhando guaraná para torrar

Produtos como palha branca, madeira para construção de casa ou para fazer cercado, são extraídos da mata, geralmente, no período da cheia do rio, pois as canoas adentram pelas cabeceiras dos rios, facilitando a retirada do material por via fluvial. Por terra, na época da seca, isto seria algo impraticável devido às distâncias a serem percorridas.

Quando se tem maior produção, do pescado ao extrativismo, a comercialização se desloca para Boa Vista ou Maués, onde os produtos podem alcançar preços melhores. Frequentemente, são

Numa área de livre acesso, essas árvores são propriedades de quem as encontrou. Na comunidade as normas são claras: ninguém pode usufruir dessas árvores sem a permissão do seu proprietário.

Sobre tal assunto leia: La Tragedia De Los Espacios Colectivos (p.111 - 124), em Economía, ecología, ética: Ensayos hacia una economía en estado estacionario. Por Herman E. Daly. Publicação Ed. Fondo de Cultura Económica, Economía Contemporánea, 1992.

vendidos dentro da comunidade, aos mercadores que por ali passam, em embarcações chamadas regatões, os quais trazem dos centros maiores, produtos industrializados (leite em pó, carne enlatada, pilha para lanterna, tabaco etc.). Compram ou trocam essas mercadorias por produtos regionais.

Os animais de grande porte, como o boi, trazem certo status e segurança à família, por saber que tem onde recorrer, em caso de emergência. Já os animais de pequeno porte (patos, galinhas etc), são abatidos em casos especiais ou por necessidade, no caso uma chuva ininterrupta, impossibilitando aquisição de alimentação ou em situação de a família estar envolvida com o fabrico da farinha.

Os animais de pequeno porte: galinha, pato, caprinos, são criados no terreiro da casa, com sobras de alimento e com alimentação oferecida pelo meio. Seria difícil criá-los em cativeiro devido à precariedade de ração.

Porcos são criados em pequenas ilhas. Lá eles sobrevivem precariamente. Por outro lado, quando estão soltos, podem causar transtornos nos roçados vizinhos e, pela falta de alimento, podem desenvolver seu instinto carnívoro, devorando filhotes de outros animais como cabrito, pintinhos etc.

A criação de gado bovino é feita em pequena escala, utilizando no período da seca as várzeas. É a época em que os animais ficam gordos, devido à abundante e rica alimentação característica desse meio. No período da cheia, o gado é levado para terra firme. Emagrece, devido à precariedade de pasto.

Esses animais, às vezes, causam problemas, ao invadirem as roças vizinhas ou ao adentrem nas ilhas, exigindo de seus donos empenho significativo para encontrá-los, no meio da cacaia²⁷.

O fato é que os animais criam problemas, ao danificarem um roçado do vizinho ou ao serem abatidos por estarem invadindo um

²⁷ Cacaia - áreas de ilhas com vegetação densa: gramíneas de folhas cortantes (tiririca); palmeiras e arbustos com espinhos (rabo de camaleão, língua de onça, jurubeba) entre outras. Por ser uma área incômoda de transitar e o caboclo evita, a não ser quando está atrás de gado ou animais ferido na caçada.

terreno alheio. Um agente de polícia (subdelegado²⁸), tenta resolver da melhor forma a situação.

i) Transporte

O que acontece se o homem ou a família ficarem sem a canoa?

“Não pode andar, roubam. Ele não pode se comunicar.”

Os meios de transporte mais utilizados pelos moradores da comunidade são o casco²⁹ e a canoa (fotos 12) os quais os conduzem para dentro das cabeceiras, lagos, igapós conforme seus objetivos. Os barcos com motores de centro, denominados recreios, (foto 13a e b, pág. 63) são meios de transporte que trafegam dentro do lago e fazem viagens para os municípios de Maués e Boa Vista do Ramos, levando cargas e passageiros.



(Foto- 12), Homens dirigindo-se para o puxirum, utilizando casco.

²⁸O subdelegado é uma pessoa da comunidade, nomeada ou indicada pelos seus moradores ao delegado do Município de Boa Vista do Ramos.

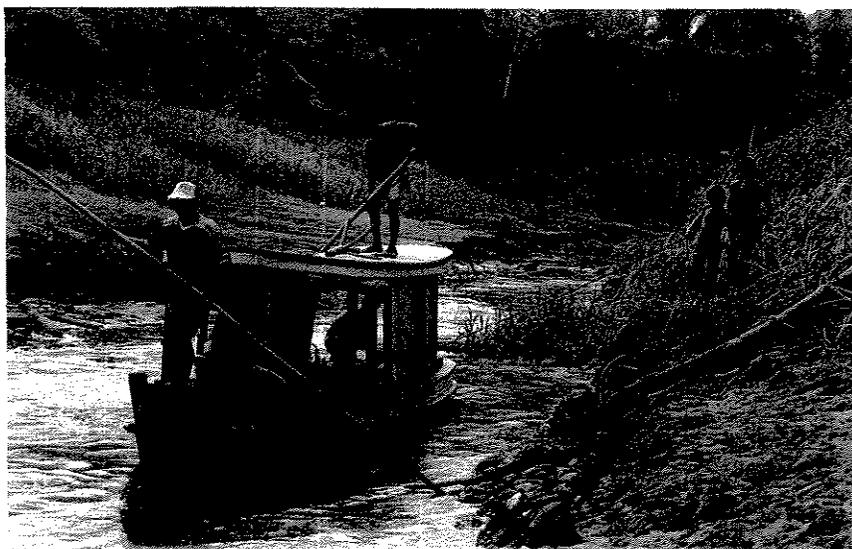
Na comunidade o subdelegado tem o poder de resolver problemas causados por animais, brigas entre os moradores e pequenos problemas de terra. Caso não encontre solução ou se o problema for mais grave, este é levado à Sede do Município. Os serviços do subdelegado (que envolve um ou mais dias e este não pode pescar, caçar ou trabalhar na roça) é bancado pelo causador do problema.

²⁹Segundo Alcides Werk (Op cit, p. 273), casco é: canoa feita de um só tronco de árvore escavado a machado e enxó e alargado ao calor do fogo. Difere da ubá indígena, que é apenas escavada, sem sofrer o alargamento, que torna aquela bojuda e mais estável.

O casco pode ser feita de árvores conhecidas na área de pesquisa como: Pequiazeiro, Castanheira, Itaúba, Cupiúba e outras. Por ser menor que a canoa é mais fácil de manobrar nas cabeceiras e igapós no momento da pescaria e caçada noturna.



(Fotos-13a e 13b) No período da seca os furos são fechados. A cima, os homens aproveitam a passagem de um furo e ganham tempo. Embaixo, o prático sonda a passagem, enquanto outros viajantes ajudam por terra.

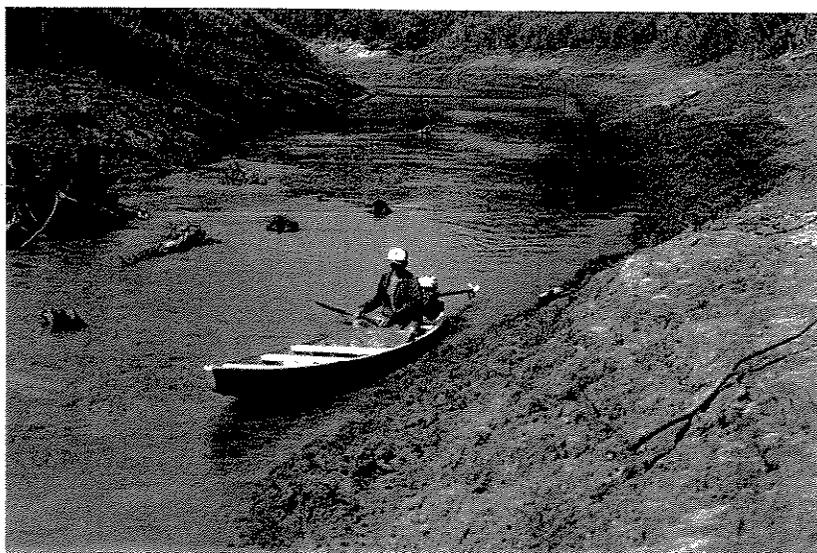


Há a embarcação denominada rabeta³⁰ (foto 14, pág. 64), muito usada na comunidade, por ser econômica e levar a lugares onde os barcos maiores não conseguem penetrar.

³⁰ Rabeta -tipo de transporte que se caracteriza por uma canoa, com motor de popa o qual possui um longo "rabo" onde é fixada a hélice. Essa embarcação é utilizado em várias regiões do Amazonas. É econômica, fácil de manusear e levar a lugares, principalmente na época da seca do rio, não transitáveis por barcos maiores, em razão da sua versatilidade. Quando há muito barranco (veja nota 23), ela consegue vencer os obstáculos e atingir áreas em que possa navegar livremente, com um simples gesto do condutor baixando a hélice.

Recentemente foi introduzido na comunidade uma embarcação que utiliza "faia" (foto 10, pág. 58). Essa embarcação, em relação à canoa, é considerada veloz, sendo utilizada pelas crianças e jovens para tirarem a porfios, pegar onda, além de servir para envios de mensagens ou para chamar alguém de forma mais rápida. Isso é admirado pelos moradores da comunidade e, por utilizar o sistema de faia, não sobrecarrega lateralmente um dos membros. Por ser uma embarcação pequena, solicita do navegador um equilíbrio tal que permita manter o casquinho bem estabilizado. Com o movimento de remar bilateral, o remador conduz com maior velocidade, por um tempo que vai depender do seu condicionamento físico.

Em época de "política", as comunidades rurais são bem cobiçadas. Barcos passam pelos rios com alto-falantes divulgando os nomes dos candidatos ao cargo de prefeito e vereador, convidando os habitantes da região para um comício, onde serão distribuídos *camisetas e bonés*, e onde viverão a "ilusão das promessas".



(Foto- 14) De rabeta a passagem pelo igarapé, que dá acesso à Comunidade Nossa Senhora de Fátima é mais fácil no período da seca.

No tolda do barco, jovens - homens e mulheres - vão dançando, gritando e soltando fogos de artifícios, para chamar atenção dos

moradores que, em casa, falam uns para os outros, com ar de ironia: "*agora eles se lembram da gente.*"

j) Meios de comunicação

A comunidade recebe informações da Rádio Nacional de Brasília, noticiários e avisos provindos das emissoras de rádio do Município de Maués e de Parintins.

Por esses, os moradores da comunidade, os parentes que estão em Maués, se houver problemas de saúde ou de interesse, mandam seus "avisos". Assim, ou através de mensagens levadas pelos donos de barco, era-nos possível receber e enviar notícias para fora da área de pesquisa.

Os habitantes da comunidade têm acesso à televisão quando estão na Sede do Município (Maués ou Boa Vista do Ramos). Vale ressaltar, que na Copa do Mundo de 1994, um ex-morador levou para a comunidade uma antena parabólica, uma televisão e um motor de força. Os habitantes, segundo informações, se reuniam todos os dias, para assistir ao grande evento.

k) Atividades desenvolvidas na comunidade e o emprego dos instrumentos.

Estão relacionados neste tópico as ferramentas que os habitantes da comunidade Nossa Senhora de Fátima utilizam no trabalho da roça, derruba da mata, nas diversas formas de pescaria, na caçada e extrativismo.

a) **Cultivo:** baseia-se na produção de farinha de mandioca, guaraná e frutas regionais. São utilizados no trabalho de cultivo: terçado, machado, gancho, enxada, enxadeco, (moto-serra, quando há). Não conhecem o arado nem a grade de discos.

b) **Criação:** em pequena escala, cria-se gado bovino, ovino, caprino, suíno e ainda galinhas e patos.

c) Através do **extrativismo** são coletados castanha amazônica, madeira de lei, palha branca para coberturas, óleos vegetais, mel silvestre etc. Para tanto, utilizam-se as ferramentas: terçado e machado. Os produtos, com exceção da castanha e mel, são retirados da mata por encomenda, ou para uso próprio.

d) **Caça**, de acordo com a época do ano, seguindo um tempo cíclico: paca, tatu, cutia, veado, caititu, capivara, anta, macacos diversos, mutum, jacu, cujubim, tucano, papagaio, inambu, jacamim, patos selvagens e outros.

Para caça, são utilizados a espingarda, armadilhas, lanterna e apitos, confeccionados pelos próprios moradores, para imitar e atrair os animais.

e) **Pesca**, como a caçada, está relacionada com as estações do ano. Os peixes aparecem conforme a época do ano (evolução da enchente ou da vazante): jaraqui, curimatá, matrinxã, sardinha, aracu, pacu, apapá, piranhas diversas, tucunaré, tambaqui, pirarucu, peixe-boi e outros.

Na pescaria, são utilizados o caniço, arco e flecha, arpão, azagaia, linha de pescar, anzol, espinhel, malhadeira, tarrafa, lanterna etc, conforme a época e o tipo de peixe que se pretende pegar.

2) Deslocamento dos moradores para fora da comunidade

Os habitantes de Vila Fátima para se deslocarem da comunidade para outros centros, no caso o Município de Boa Vista do Ramos e Maués, fazem uso de motores de linha. Em proporção muito pequena (geralmente em caso de doença), se deslocam para Manaus. Para sair da comunidade, os habitantes dependem de transportes fluviais, de acordo com a enchente e a vazante.

Um passeio ao Município de Maués, além do lazer, geralmente está vinculado à compra ou à venda de alguns produtos, ou a assuntos bancários, festas tradicionais, motivo de saúde etc.

São mais utilizados três trajetos como forma de se deslocar para fora de Vila Fátima. O autor durante suas experiências na área, teve oportunidade de fazê-los em companhia de seus moradores, conforme se descreve em seguida. (Veja *croqui*^{*} de situação na página 69)

Para falar como se deslocar da área de pesquisa, é preciso lembrar um pouco da história do local. Há alguns anos atrás (relatos feitos por pessoas que fizeram esse percurso várias vezes), era difícil às embarcações tipo recreio entrar na comunidade. Os moradores, mais precisamente os pescadores, para vender seus produtos, peixes ou carne de caça salmourada, se deslocavam com canoas carregadas por entre os furos, principalmente na cheia do rio, com intuito de atalhar o percurso, até o Município de Maués. Dependendo da época do ano, conseguiam vender ou não seu pescado. O Município, em tempos anteriores, tinha uma população pequena, e se fosse uma época de fartura de peixe, a população facilmente era abastecida.

Esses percursos, segundo os relatos, chegavam a durar cerca de 12 a 14 horas a remo (veja descrição da técnica de remar). Hoje as condições estão mais favoráveis, devido ao fato de que alguns moradores da comunidade possuem pequenas embarcações, como "recreios" e rabetas. Essas últimas, ainda hoje, por serem canoa com motor na popa, facilitam a entrada em lugares não penetráveis pelo "recreio", como será melhor entendido na descrição abaixo.

Como há diversos interesses que levam a sair da comunidade, tomamos um deles como exemplo, pois a nosso ver é o mais dramático. Qualquer pessoa é passível de se encontrar diante de momentos difíceis, em se tratando de questão de saúde.

É preciso não esquecer que o sistema de saúde é precário; conta-se com um agente de saúde, cuja responsabilidade é visitar as

* Localizar no croqui: Sair da comunidade para Maués: Igarapé do Massauari → Paraná do Ramos → Paraná do Uraria → Rio Maués Açú.

Com destino a Boa Vista do Ramos: Igarapé do Massauari → Paraná do Ramos.

Com destino a Manaus. Igarapé do Massauari → Paraná do Ramos → Rio Amazonas → Rio Negro

residências que se dispersam na área da comunidade. A visita é feita em canoa a remo. O agente distribui medicamentos, conforme orientação recebida.

Quando a situação é mais grave, como picada de inseto, mordida de cobra, ataque de animal selvagem, acidentes com ferramentas, fraturas e outros, a pessoa tem que ser medicada em Maués ou em Boa Vista do Ramos. Se ali não houver recursos para o caso, a solução é levar para Manaus, onde nas mais das vezes, os doentes já chegam com ferimentos infeccionados, depauperados pelas febres palustres, diarreias, hepatites, amebíases etc.

Quando se trata de doença, é fácil compreender a mobilização da família, principalmente se o homem for acometido pela enfermidade, pois suas atividades corporais em termos de pescar, caçar, trabalhar na roça ou no extrativismo são interrompidas. A responsabilidade de trazer comida para casa passa para esposa ou filho mais velho. A mulher, fica mais restrita à atividade de pescar, o trabalho doméstico e ao da roça.

Tive oportunidade de constatar tal fato em plena seca do rio. Quando derrubava uma árvore, o professor João Belém se acidentou. Um tronco de árvore caiu sobre seu pé esquerdo, quebrando-lhe todos os dedos. O acidente aconteceu entre 09:30 a 10:30 horas. Chegou a sua casa, auxiliado por seus filhos, por volta das 11:30 e saiu para o Município de Boa Vista numa rabeta às 13:00 horas, pois só uma embarcação como essa possibilitaria uma saída mais rápida. Chegou à Sede do Município às 15:00 horas.

No citado Município, não havia condições médicas para atender a este tipo de acidente. No outro dia, uma voadeira (lança bastante veloz), de um particular, sem vínculos com instituições públicas, foi buscá-lo para ser atendido em Maués. O resultado foi um dedo amputado e 30 dias sem ministrar aula, e 65 dias sem se envolver com o trabalho na roça e na pescaria.

Em casos de doenças comuns, utilizam-se os "recreios", que vão para o Município de Maués, na região do Médio Amazonas. Leva-se em torno de 6 horas de viagem aproximadamente na época da cheia e 8 horas na seca. As embarcações vão parando nos beiradões (margens de rios) para apanhar cargas (produtos da região) e passageiros. Estes, por sua vez, após embarcarem, armam redes de dormir para viajar mais confortavelmente.

Os "recreios" que fazem linha para Maués são de pessoas que residem no lago; assim só há transporte semanalmente, quando alguém da comunidade ou algum barco conhecedor da linha para o Município está com viagem marcada. Em geral, a viagem é no domingo. Às 6 horas da manhã o barco já passa nas residências pegando passageiros, e chega ao seu destino entre 13:00 e 15:00 horas do mesmo dia. Dali sai às segundas feiras entre 12:00 e 13:00 horas, com regresso à comunidade.

Quando os barcos de dentro do lago não saem para Maués, o problema para a família é evidente: sua opção é remar da comunidade, e dependendo da localização da residência do morador, cerca de 1 a 1:30 horas aproximadamente, até a margem do lago (*Lago do Araçazinho*) que dá acesso ao paraná³¹.

Da margem do lago ao paraná o homem deve andar, dependendo da cheia ou vazante do rio, cerca de 10 a 30 minutos, com todos os seus apetrechos em mãos, por uma estrada de boi (caminho lamacento utilizado pelas reses) até uma paragem (localizar no croquis: *Tarumã*), situada à margem do paraná, onde param os recreios provenientes do Município de Boa Vista do Ramos. Desse ponto até Maués, levam aproximadamente 6 horas de viagem. Esse percurso é mais utilizado no período da seca, como veremos a seguir.

³¹ Paraná - braço de rio que conduz água para o mesmo rio, mais abaixo, ou para outro rio. O paraná possui uma força provocada pelas correntezas, o que dificulta o deslocamento dos barcos quando estão subindo.

Na cheia do rio, o igarapé que dá acesso à comunidade é bem navegável. Para os regatões, recreios e rabetas, é uma passagem tranqüila, o que não acontece na seca.

Na seca, um dos maiores problemas enfrentados pelos moradores da comunidade é o transporte, que se torna mais difícil pois nessa época o igarapé se estreita e surgem obstáculos, como paus e pedras. As embarcações maiores, como recreios e regatões, tanto não podem sair da comunidade como entrar nela. Só barcos pequenos, como a rabeta, conseguem passar pelos igarapés, com certa dificuldade (Fotos 13 e 14 páginas 63 e 64)

O problema pode agravar-se na época da vazante, quando o rio fica muito seco, tornando difícil para as canoas carregadas passarem por caminhos estreitos nos quais se formam barrancos³², (foto 15, pág. 72). As pessoas precisam utilizar a força para empurrar a embarcação no emaranhado de capim ou precisam descer dela para empurrá-la por estar encaçada na terra, ou carregá-la e arrastá-la, quando as passagens estão completamente fechadas, (foto 16, pág. 72).

Quando esses obstáculos aparecem, todos da canoa se empenham e ajudam como podem: puxam o capim com as mãos, utilizam o terçado, empurram com o remo, até o momento de a canoa estar livre. Isso influi no tempo em que é feito o percurso, e na maior mobilização corporal, para realizar a viagem.

Ao se chegar a Maués, toma-se um barco de linha para Manaus, fazendo escala no município de Itacoatiara. Esse percurso, é feito em aproximadamente 22 horas, quando o barco está subindo o rio.

Outra opção de sair da comunidade, embora deva ser dito que essa não é uma prática corriqueira, é tomar o recreio com destino ao município de Boa Vista do Ramos, o que leva cerca de 3 a 4 horas.

³² Barranco- termo empregado pelos moradores da comunidade ao amontoado de capim aquático que se forma. Quando o rio está mais seco forma barreiras às pessoas que estão em canoas se dirigindo para roça, pescaria, caçada ou mesmo uma viagem. Às vezes torna-se impraticável ultrapassá-lo dada a consistência desses capins conhecidos pelos nomes: pipirioca, sinoaua, membeca, canarana, amã.

Desse Município, pega-se um barco de linha proveniente do Município de Parintins. Esse barco cujo percurso dura de 20 a 22 horas até Manaus, faz escala no Município de Itacoatiara.



(Foto- 15), caçando capivara, à noite. O caçador se depara com um obstáculo indesejável: o barranco. Embaixo (Foto - 16), pesquisador junto com os pescadores passando o casco para pescar em outro lago



Essas alternativas de comunicação com outros centros foram por nós praticadas, e observa-se que não são tão simples, pelas condições que o meio ambiente oferece. Nesse caso, alguns moradores da comunidade, quando precisam vender ou comprar produtos com urgência, e não há barco para o Município de Boa Vista, vão até ele de canoa, a remo, levando de quatro horas ou mais para fazer o percurso.

Em situação crítica, os moradores formam grupos para sair da comunidade em canoas e pegar o barco para Maués, no paraná. Nessa época, o rio corre do lago para o Paraná; assim, na saída o percurso é feito a favor da correnteza, o que leva em torno de uma a duas horas devido a dificuldade em vencer os obstáculos encontrados pelo caminho. Na volta, a dificuldade  maior: a correnteza exige muito dos moradores da comunidade, e há troncos e pedras no percurso.

Quando se dispõe de uma rabeta, por ser menor, consegue-se sair do lago, o que não é mais fácil, pois viajar nessa área solicita dos viajantes atenção e participação.

Ao viajar pelo igarapé, é comum constatar marcas de ps de pessoas, que se estendem ao longo das margens. Isso indica que as pessoas descem constantemente das embarcações, para diminuir o peso e auxiliar a empurrá-la ou a puxá-la com corda, se ficam encahadas. Em momentos como esses, o pesquisador deve abandonar sua caderneta de campo e cair na água ou sair para terra a fim de auxiliar os companheiros, pois toda a ajuda  necessária

O prático, homem que conhece muito bem o percurso, vai com uma vara na mão sondando o caminho a ser seguido, desviando de paus, pedras e esbarrando em outros obstáculos. (Foto 13, pág. 63)

Com problemas que se agravam com a seca, os moradores da Comunidade de Vila Fátima passam a utilizar a opção do Tarumã, embora esse ofereça dificuldades: os viajantes fazem um percurso em canoa, em seguida deixam suas embarcações para percorrer um caminho a p. Depois pegam nova canoa e remam. Novamente seguem

pé até o porto onde o recreio irá pegá-los. Isto não acontece na cheia do rio, pois os recreios encostam nos portos, tornando a viagem mais confortável.

Durante a execução desta pesquisa não havia muita escolha, viajava conforme as circunstâncias exigiam. Hoje, assimilada a experiência e a paciência dos habitantes da comunidade, o pesquisador observa, da rede de dormir, a fleuma dos passageiros que, ao adentrarem o recreio, armam suas redes ou sentam-se em algum lugar a olhar as margens dos rios que passam diante de seus olhos, conforme a velocidade do motor.

Há momentos em que a viagem parece não chegar a seu destino, o barco é pequeno e de pouca velocidade. O corpo manifesta cansaço, talvez pela monotonia. Embarcações pequenas, sem local para armar rede, deixam o corpo fadigado. Passageiros procuram lugar, estendem-se por alguns instantes a fim de relaxar o corpo.

Morar em áreas como essas, onde habitantes dependem das condições do meio ambiente, implica no desenvolvimento de habilidades corporais e ajustes culturais para saber interagir com desafios, apresentando ou não condições favoráveis à sobrevivência.

3) Na intimidade das entrevistas, a realidade se revela

Conversas em bancos de canoa, numa rede ou em rodas de compadres nos finais de tarde, em caçadas pela mata ou em pescarias, nos revelaram as práticas desenvolvidas na comunidade. Estas, aliadas à nossa experiência, sustentam esta pesquisa.

A seguir serão apresentadas as perguntas e respostas dos informantes.

GEOVANE CARDOSO – Em 23/01/95

Senhor Geovane tem 66 anos de idade. Homem respeitado na comunidade, sempre envolvido com eventos sociais. Ajuda a promover a limpeza da comunidade, contribui para realização de jogos de futebol. Desenvolve atividades de roça, cultivo do guaraná e pescaria.

- 1- Qual a atividade que o Senhor. desenvolve na Comunidade?
-Roça; criação (porco, bode); pescaria, só para o consumo.
- 2- Qual a época da roça?
-Começa o trabalho em julho com o roçado; agosto a derrubada; queimada e plantio em outubro; novembro é época que acontece o puxirum. (Veja descrição do puxirum mais à frente)
- 3- Será que sem o puxirum as pessoas teriam um roçado?
-Não. Porque o puxirum se reúne porção e faz serviço em só um dia. A gente ajuda eles, eles ajudam a gente.
- 4- Qual é a época da capina, arrancar mandioca e fazer farinha?
-Por volta de junho começa a arrancar a mandioca para fazer a farinha. A mandioca é arrancada com 1 ano, mas conforme a necessidade se arranca com 8, 9 meses ou com 2 anos, que são as pessoas que têm roçado mais velho.
- 5- O que acontece se ficar sem roçado?
-Fica ruim, porque tem que comprar farinha e fica sem os outros produtos que saem delas (tapioca, goma, beiju, mingau e outros).
- 6- O que acontece se o homem ou a família ficar sem canoa?
-Não pode andar, roubam. Ele não pode se comunicar.
- 7- Qual é a época de escassez de alimento (peixe)?
-Faz mais falta de peixe na cheia e na seca é fartura.
- 8- Qual é a importância da água branca no lago?
-É quando seca.
Fica difícil pescar.
Pesca de tarrafa, de malhadeira. Se pesca na seca quando a água está branca.
- 9- Qual a pescaria que mais se pratica na comunidade?
-É de malhadeira e de caniço (anzol).
- 10- Qual é a época de fartura de peixe no lago?
-Setembro, outubro novembro, dezembro até por volta de janeiro.
- 11- Todos sabem pescar, mas nem todos pescam com a mesma técnica. Por quê?
-Porque muitos não têm a experiência da pesca.
- 12- E como se adquire essa experiência da pesca?
-Aprende vendo como o outro faz, o corpo se movimenta.
O outro vai dando as dicas.

13- Ser um bom pescador, caçador ou trabalhador, a pessoa é bem vista na Comunidade? Por quê?

-É. Porque eles têm a experiência e eles arranjam para os outros, ajudam.

14- Em que a mulher ajuda no trabalho da família?

-Faz os serviços de casa.

Faz capina na roça, arranca mandioca, faz farinha, pesca de anzol. A mulher tem que procurar alimentação.

15- E se a família não tiver roça o que a mulher faz?

-Trabalha só em casa.

TEMIS – EM 09/01/95

Temis tem 62 anos. Por suas habilidades e força física é apelidado de "Tigre". Homem de profundo conhecimento do meio ambiente, domina muito bem as técnicas de pescaria. É muito prestativo e contribui com as pessoas na época em que há escassez de alimento. Desenvolve a roça.

1- Temis, nós estamos pescando, o senhor gosta de pescar?

-Sim, desde pequeno. Meu tio me levava para tudo que era lago. Quando é meu trabalho (minha família), arranjo peixe por ali.

2- O que mais gosta de pescar?

-Peixe miúdo: jaraqui, pacu, tambaqui, pirarucu.

3- Tem uma época de pescar, que se pode considerar de fartura?

-Época de fartura é maio, junho, julho.

4- E tem uma época de escassez?

-Quase todo o tempo é fartura.

5- Você só faz pescar?

-Já caçei também, o que o cachorro topar vai.

A profissão dos filhos do Firmo é todo o tempo pescaria.

6- Temis, o senhor rema muito?

-Comigo não tem lonjura. Na época da seca, rema mais porque vai rodando.

7- Para cada tipo de peixe há uma forma de pescar?

-Peixe miúdo usa malhadeira na seca.

Na cheia, tempo de caniço pelo igapó, pois fora não pega mais.

8- Porque não tem peixe fora?

-Os peixes vão ficar nas últimas cabeceiras, até onde dá água. Tem que remar mais para pegar peixe. Se não pegar num lugar, rema para outro lugar. Sai procurando peixe pelas cabeceiras.

9- O que acontece com a quebra d'água?

-Na quebra d'água os peixes vêm acompanhando o rio e vêm saindo.

O peixe vem acompanhando novamente a água para trás.

10- Sim, então pode-se dizer que os peixes ficam mais perto para serem pescados?

-Os peixes ficam mais perto e não se rema muito. Não é preciso ir longe. Se procura por aqui mesmo.

11- Qual a época que os peixes começam a ficar mais perto?

-A partir de julho. A quebra d'água começa em maio.

12- E até quando vai?

Maio, junho, julho. Agosto, setembro, outubro é época de fartura mesmo.

Aí é entrada de peixe. Os peixes estão tudo fora, não tem barranco, só as beiras de terra.

É época que todos pegam mais fácil sua comida e é época de trabalho na roça.

Se for roçado na mata, começa em julho e vai fazer o plantio da roça em agosto, setembro e outubro. Em novembro planta arroz, feijão.

A queimada é feita em setembro e outubro, é tempo de verão forte.

13- Agora eu gostaria de saber sobre a pescaria do tambaqui, quem é que faz?

-Faz a turma quase toda.

14- Como é feita?

-De malhadeira.

Nas cabeceiras.

Tudo a gente tem que ter uma prática na pescaria.

15- As pessoas na Comunidade vivem mais da pesca ou da caça, ou de que vivem?

-Tem uns que gostam mais de caçada, outros mais de pesca. O Raimundinho é difícil pescar. A profissão dele é mais caçar.

O Evandro, tanto caça quanto pesca, sabe um pouco de cada.

16- Até quando vai a fartura de peixe?

-Começa a faltar o peixe a partir de mais ou menos janeiro e fevereiro, ainda março. A partir de maio começa a arribação. Sobe jaraqui, curimatá, tambaqui.

17- De que é pego esses peixes?

-De malhadeira, flecha, anzol.

18- Em que a família ajuda?

-A mulher vai ajudar a cuidar do peixe: assado, guisado.

19- E quando não pega?

-Aí ela fala: cadê? Quede o peixe? E agora o que a gente vai almoçar?

Não tem. Aí a gente puxa por uma galinha, um pato.

20- Quem o Senhor acha que é um grande pescador?

-Só tem um, o Exedito. Ali é todo o santo dia na proa da canoa. É a profissão dele. Ele é muito paciente.

21- Ser um bom pescador ou caçador é bem visto na Comunidade?

-É sim. É porque pode ajudar seus amigos. Tenho uma consciência que me dói.

EVANDRO O. CARDOSO -EM 13/01/95

Evandro tem 38 anos e assume a função de Sub-delegado. É respeitado pela competência que assume o cargo e conhece muito bem o meio ambiente que vive, assim como a cultura de sua comunidade.

Evandro é homem paciente e domina as técnicas de caça, pesca e a coleta. Trabalha na roça com mandioca e guaraná.

1- Evandro, eu gostaria de saber sobre a caçada de pato e a pescaria de pacu, qual é essa época?

-Tem duas épocas: a primeira é a partir de janeiro e vai até fevereiro, quando dá bem o amã.

A segunda é na época que tem arroz-de-marreca³³, quando está mais cheio. O arroz está caindo em abril e vai até maio.

Essas duas épocas de pato e pacu.

2- E as pessoas caçam?

-Diversas pessoas caçam pato.

3- Mas é o período que está faltando peixe?

-Não, ainda está dando bem peixe.

4- Qual a época que falta peixe?

³³ Veja nota 77.

-Fica difícil é no fim de janeiro pra fevereiro com o início da chuva.

O murizal³⁴ está no fundo, o peixe fica difícil para flechar, anzol. Então pescam até com timbó³⁵.

5- E porque até com timbó? Tem algum problema?

-Porque o timbó, segundo os homens dizem, é um veneno e não sabem quanto tempo dura na água. Ele não acaba logo. Ele fica branquinho como leite e tudo que ele pega ele deixa maluco e sobem para água.

6- Se há falta de peixe, o que vem em seu lugar?

-Sempre o que a gente consegue, muitas vezes é o pirarucu. É época de encontrar pirarucu com filhote no final de janeiro até março, indo até abril e maio.

É encontrado nesse período porque o mato não está dentro d'água e não tem para onde se esconder, ficando no barranco, às vezes no aningal.

7- E a chuva, Evandro, qual é o período?

-Mais forte é janeiro e fevereiro. Março já vai melhorando, entrando por abril e maio já dá um pouco de verão.

8- E o verão, qual é o período?

-Começando o verão já começa o trabalho na roça. No período de junho já começa com alguns, mas o mais forte começa em julho e aumenta em agosto e setembro. Outubro começando com os puxiruns, mas a força para plantar é novembro.

9- Evandro quando é a quebra d'água?

-Junho para julho

10- E quando é o repiquete (para encher) ?

-Novembro para dezembro

Quase todos os anos é em novembro. Sempre é 1^o. para 2 de novembro é o dia de todos os Santos, quem gosta de parar não trabalha.

Dia 2 é de alumiação, acender vela para os finados. Nesse dia muitos trabalham outros não.

11- Em que influencia a quebra d'água para pescar?

-Dá muito peixe nas passagens de ponta. Pega de azagaia, malhadeira, flecha, arpão. Topa cardumes de peixes baixando.

³⁴ Segundo Alcides Werk (Op cit, p.279). Gramínea muito comum nas margens de rios e lagos amazônicos. Quando adulta, torna-se lenhosa e imprópria para alimentação do gado.

³⁵ Segundo o dicionário Aurélio (op cit). 1. Designação comum a plantas, basicamente leguminosas e sapindáceas, que induzem efeitos narcóticos em peixes e, por isso, são usadas para pescar. Fragmentadas e esmagadas, são lançadas na água; logo os peixes começam a boiar e podem ser facilmente apanhados à mão. Deixados na água, recuperam-se, podendo ser comidos sem inconveniente.

A quebra d'água é em julho, lá pelo dia 12 e 15. A partir daí, vai ficando mais farto de peixe, eles vão arrimando do paraná e de outros lagos- Garça, Barreira.

Os meses de novembro pra dezembro  época de pegar mais peixe, o rio está seco.

12- E quanto  água branca, quando começa aparecer?

-Conforme a seca, pode aparecer em setembro. Mas o mais certo é a partir de outubro e fica mais branco em novembro e dezembro, e vai até janeiro e fevereiro, quando começa a ficar preto.

13- A gua branca dificulta a pescaria?

-Muito, porque não da para flechar. De anzol quando está muito fundo, talvez.

Talvez não seja a água mas sim, porque está muito baixo o rio e o peixe sente. A malhadeira  que resolve e  de que pescam nessa época. Os que não tem emprestam para pegar o peixe. Isso é na época de novembro e até dezembro.

14- E o repiquete influencia na pescaria?

-Ele melhora a pescaria para pirarucu, tambaqui para quem entende de arpão. O peixe vai acompanhando a água.

 na época de janeiro, fevereiro e março fica difícil para pegar peixe.

As pessoas que não entendem de pescar de arpão, que não tem malhadeira, elas procuram essas pessoas que entendem dessa pescaria e que tem material, para ver se conseguem peixes.

As vezes essas pessoas vão procurar na casa de caçadores para ver se eles tem caça.

15- Evandro, qual o tipo de atividade que se desenvolve na comunidade?

-Roça, guaraná, pesca e as pessoas que começam a criar. Madeira pouco se tira, cipo também. Palha mas em pouca quantidade, porque não tem comprador.

A castanha é importante porque é vendida e se come.

A época da castanha é de janeiro, fevereiro, março, abril.

Fevereiro é a força, a turma anda na mata atrás de castanha.

A época do guaraná  de outubro até janeiro. Tem guaranazal que d duas vezes.

16- Evandro, o que seria sem a canoa?

-Não tem uma casa que não tenha uma canoa.

17- Você acha que as pessoas remam mais ou andam mais?

-As pessoas remam mais, terrestre é pouco. Não tem muito trabalho efetivo na terra.

- 18- Na época da caçada de bebedouro a turma parece que se anima, hein, Evandro?
-Mas se não! É gostosa essa caçada, é mais bacana quando se mata. É bom comer carne de veado. É o bicho maior que vem, anta também vem mas é pouco.
- 19- O veado parece que muito procurado, Evandro?
-Pra cá pra nós é muito. Todas as caças a gente anda atrás, mas o veado é muito mais.
- 20- Por que o veado é muito procurado?
-Uma parte é porque é dos crentes. Eles usam isso na religião deles. As comidas impuras são menos procuradas, mas o veado não é impuro e todos eles procuram. De caça do mato é só o veado.
E quando a gente mata todo mundo quer comer. Todos procuram, qualquer seita come ele.
- 21- E o veado dizem que é um bicho muito esperto, por que?
-De esperto ele é. Ele tem muito cuidado. Ele é tipo pato, que vê uma maresia ele sai para o largo e fica olhando. Assim é o veado, ele vem prá comedia pisando de mansinho.
Todos os bichos são cismados, mas o veado é mais.
- 22- E a pessoa tem que ser boa para pegar o veado?
-É, ele tem que ser, ter mais idéia em caçar ele. Ver por onde ele andou, saber andar conforme o tempo, o vento que joga a catinga da gente para o lado.
- 23- Evandro, quando a gente sabe que a pessoa está panema?
-Rapaz, é mais pela caça e pelo peixe. Eu te digo porque já aconteceu comigo, o bicho vem mas ele não passa perto.
Os velhos dizem que a gente está panema o veado corre e espirra. Aí a gente está panema.
- 24- E a família como fica quando o homem está panema?
-Sofrendo junto com a gente. Pouco se mata, vai pegando um peixinho por aí. Tem dia que come bem, outro não. Dia que almoça e não janta.
- 25- O que a gente sente no corpo quando está panema?
-Não tem voltando para caçar. A gente é sempre animado para caçar e pescar, quando está panema desanima mesmo.
Quando o bicho vem a gente atira e não mata, aí que desanima mesmo. Não dá vontade de sair, nem que alguém convide.
- 26- Como se pega a panema?
-Somente da embiara que se mata. Aí tem muita gente que quer, aí se dá ou vende. Mas tem muita gente que não se contenta e

faz judiação. Pega escama, osso, pêlo e faz bruxaria pra gente não matar mais.

Enfia na casa de cupim, joga na privada, outro se defuma na sexta feira, fazem preparo e é uma panemice, também, grande.

27- O que a família faz quando o homem está panema?

-Outros trabalhos de casa, roça. É mais roça, plantio.

28- Mas ela se preocupa em curar a panema do homem?

-Ela se preocupa sim, porque ele chega só vem trazendo estória. Muitas vezes a mulher faz banho para o homem. De uma pessoa para outra pega informação. Puxa o braço na sexta feira com banho que se faz e muitas vezes melhora e quando ele vai ele mata.

PROFESSOR JOÃO BELÉM – 13/01/95

Professor João Said ou professor João Belém, como é conhecido tem 40 anos. Tem resistido na profissão de lecionar. Pelo que sei, a escola já mudo de lugar 4 vezes e o professor a tem acompanhado.

Após o trabalho de lecionar, ele se dedica à roça e pescaria com ajuda dos filhos.

1- Professor eu gostaria de saber, primeiramente, se há um maior período de ausência dos alunos na escola?

-É o período de setembro, outubro.

2- Por que?

-É no período da seca, da roça, de puxirum.

3- E o que a seca tem a ver com a ausência dos alunos nas aulas?

-Aumenta a distância para chegar na escola. Sentem mais dificuldade de ir à escola devido a distância.

4- E a roça em que influencia na falta dos alunos na escola?

-Devido a animação do puxirum e os filhos são solicitados pelos pais para irem para o puxirum.

Há uma falta de compreensão dos pais pela importância da escola.

5- Há outra época que você percebe a ausência dos alunos?

-É o período de chuva. Porque na hora que vem para a aula chove e venta, impedindo os alunos de chegarem na escola.

6- João, há alguma pessoa na Comunidade que você considera como entendida?

-Tem um rapaz que tem um pouco de entendimento, o João Marajó, também Raimundo Socorro.

7- E as pessoas admiram?

-Uns concordam, outros não.

8- João, me responda uma coisa: o que você faz ou gosta de fazer fora ministrar aula?

-Gosto de plantar; de tudo plantar um pouco.

Gosto de criar bode, galinha, porco, carneiro, pato.

9- Tem uma época de cultivar as plantas?

-Cada uma tem sua época.

10- Qual é o principal cultivo que vocês (a família) fazem?

-É a roça. Plantada a maniva tem que se cultivar.

11- O que é cultivar a roça?

-É o trato, é fazer limpeza.

12- Por que a roça é o principal cultivo para você?

-Porque é uma planta que se utiliza para fazer a alimentação do dia - a- dia.

13- E o que é essa alimentação.

-Produz farinha, goma, massa para mingau, beiju, tarubá³⁶, farinha de tapioca.

14- Quais outras plantas que cultivam?

-Banana, pois ela pode servir para comer e também pode ser vendida, com esse dinheiro a gente compra outros produtos.

O guaraná é plantado só para vender.

Planta também, arroz, feijão que podem nos alimentar e serem vendidos ou trocados por outros alimentos.

15- João, há uma exigência do corpo nesse tipo de atividade?

-Trabalho às vezes exige do corpo, quando o trabalho precisa ser terminado, mas outras vezes, trabalho no limite do que o corpo suporta.

16- Fora a roça, há outra atividade que você desenvolve?

-Pesca.

17- Qual o tipo de pescaria que você pratica?

-Caniço, malhadeira, azagaia³⁷.

³⁶ Sobre tarubá, nota 75

³⁷ Veja definição de azagaia: nota 64

18- Qual é a época que você faz a pescaria?

-Faz o período todo do ano.

19- Você acha que há um período do ano que há escassez de peixe?

-Há. É o mês de janeiro, fevereiro, março. É o período de cheia.

20- Por quê?

-Porque a água fica branca em janeiro e fevereiro e não pode-se pescar de poronga³⁸.

21- Há outro motivo que não há peixe?

-É também, por motivo de arribarem para o paraná.

22- Após esse período de escassez, o que acontece?

-Começa, então, a volta dos peixes para os lagos.

23- E qual é esse período?

-É o período que o peixe começa a ser apanhado com mais facilidade, é o mês de julho e vai até dezembro.

24- Há um período de fartura de peixe?

-É o período em que o rio está seco, de setembro, outubro, novembro.

25- João, quem você acha que é um bom pescador na Comunidade?

-Expedito, usa arpão, flecha.

João Marajó Pai.

São os mais originais.

RAIMUNDO MARTINS FILHO – EM 14/01/95

Raimundo ou Raimundinho tem 40 anos de idade. Conhecido na comunidade com grande caçador. Conhecedor das matas e dos comportamentos dos animais é bem respeitado na comunidade pelas suas qualidades.

Homem forte que além da caçada desenvolve o taraballo na roça, fabrica embarcação (casco) e tira madeira.

1- Raimundinho, o que você gosta de fazer?

-Caçar, porongar, tirar madeira, trabalhar na roça, plantio de banana, guaraná etc.

³⁸ Sobre porongação: nota 64

- 2- Você caça e todos na comunidade falam que você é um bom caçador. Qual é a época da caçada?
-Na caçada de canoa é junho, julho, agosto que inicia a seca. A caçada da mata é feita o ano todo.
- 3- Sim a caçada na mata é feita o ano todo, mas tem um período melhor para esse tipo de caçada?
-É de fevereiro, março, abril. É o início da enchente e o início da safra da castanha.
- 4- E por que esse é o melhor tempo?
-Porque aparecem mais animais, tem fruta da mata, flores. A caçada na época da cheia os animais ficam em ilhas. Na época da seca as terras estão muito grandes e os animais estão espalhados nelas, e fica mais difícil de pegar.
- 5- Há um horário para caçar?
-À noite na caçada de canoa é a partir de oito horas e na mata é feita a partir de seis horas da manhã, porque os animais da noite (veado, anta), ainda estão se agasalhando para dormir e os animais do dia estão acordando e não estão muito ariscos.
- 6- E qual é o período de caçada de canoa?
-O primeiro é abril e maio quando está enchendo o rio, porque as frutas que caíram na seca flutuam e vão para as beiradas das cabeceiras. O segundo é junho, julho, agosto, que é a época que começa a secar e é quando as frutas que caem na água vão parar nas beiradas, nas cabeceiras.
- 8- E quanto à caçada de espera ou de moitá, tem muita gente que faz?
-Sim. Porque é a época de fevereiro e março quando caem as frutas pequiá³⁹, uxi⁴⁰ e os caçadores vão esperar a caça nas fruteiras, e levam para casa, também, as frutas para comerem.

³⁹ Segundo o dicionário Aurélio (op cit), 1. Grande árvore da família das cariocaráceas (*Caryocar villosum*), da floresta pluvial amazônica, que difere do pequi pelos folíolos mais finos, ovado-oblongos, acuminados e sésseis, já que os frutos e a madeira são semelhantes.

O pesquisador conhece duas variedades de pequiá: um, de sabor amargo, praticamente impossível de se comer e outro mais agradável. Nessa última condição, após cozido é bastante apreciado pelos caboclos. São consumidos acompanhados de café e farinha. Por ser uma fruta bastante oleaginosa é utilizado em algumas regiões para a fabricação de sabão.

O pequiazeiro é cobiçado por pessoas para fabricar casco, tábuas e/ou móveis. Em áreas de caçada, quando se derruba um pequiazeiro, a comunidade tem grandes perdas: não terá frutos e nem caça no período em que há escassez de peixe.

⁴⁰ Segundo Alcides Werk (Op cit, p.286), Árvore de grande porte, cujos frutos, oleaginosos, são comestíveis. Cremos tratar-se de uxicuruá registrado nos léxicos oficiais. A pronúncia uxi-coroa foi apreendida pelo Autor no médio Amazonas, em oposição a uxi-liso, que é um outro fruto.

Em nossa andanças, tanto o uxi-coroa quanto o uxi-liso são bem apreciados pelos caboclos. Esses frutos são grandes atrativos de animais. Portanto, assim como o pequiazeiro, derrubar o uxizeiro são atitudes inconseqüentes.

- 9- E a época do roçado, Raimundinho, qual é ?
-Inicia no mês de julho até dezembro.
- 10- Raimundinho, e a pescaria de arco e flecha, quem é que faz?
-Vinoca, Cochó, Expedito, Temis, Evandro, Marajó, Preto, eu
- 11- Qual é a época de pescar de arco e flecha?
-Fevereiro, março, abril, é época da cheia.
- 12- Raimundinho, o que é ficar panema?
-Quando fica panema ver a caça mas não mata.
- 13- O que a gente sente quando está panema?
-*Sente indisposição no corpo e não tem ânimo de andar.*
- 14- E a família ou a mulher fala quando está panema?
-Fala. Lá em casa sempre falam quando está panema e eles fazem banho de tucupi, pimenta, catauari. Isso é para acabar a panema.
- 15- Ficar panema preocupa a família?
-Preocupa porque a família fica quase sem esperança. A gente sai para pescar e eles têm quase certeza que não vão comer peixe e nem caça. E aí fazem remédio para ficar bom de novo.

RAIMUNDO DE MATTO (Bota) – EM 16/01/95

Raimundo "Bota", como é conhecido, tem 60 anos de idade. Desenvolve trabalho com criação de gado e roça plantando mandioca e guaraná e pescaria. É bom contador de prosa e se envolve nas partidas de futebol como árbitro.

- 1- Qual a atividade que o Senhor faz?
-Plantar e criar.
- 2- O que o Senhor cultiva?
-Guaraná, roça e também junto castanha.
- 3- Raimundo, qual é a época que o senhor planta roça?
-Começa em junho, roçar e derrubar.
Em outubro e novembro com a queimada.
Em novembro o plantio.
- 4- Depois da roça o que vem?
-Em dezembro e janeiro a colheita do guaraná.

- 5- E quanto ao gado que o senhor cria, na época em que o rio vai enchendo quando se passa esse gado da várzea para terra firme ou vice-versa?
-Conforme a cheia, pode iniciar em fevereiro ou março.
No caso da terra firme para a várzea, conforme a água entre julho e agosto.
- 6- Qual a época mais difícil para se trabalhar com agricultura e pecuária?
-Abril e maio, porque a produção é pouca, não tem dinheiro.
Não tem capim. Tem que cortar capim.
- 7- Bota, e sobre a comida, qual a época que o Senhor observa que há escassez?
-Não tem época difícil, porque tem fartura de peixe.
- 8- E sobre o período das chuvas, o que implica aos moradores da comunidade?
-É mais difícil, porque tem gente que não gosta de pegar chuva.
- 9- Raimundo, há outra ou outras atividade que gosta de desenvolver?
-Pescar.
- 10- Qual o tipo de pescaria que pratica?
-Malhadeira, flecha, arpoar, caniço.
- 11- Há uma época em que você pesca?
-É o ano todo.
A pescaria é para o consumo da casa.
- 12- Existe uma época que o senhor observa que há fartura de peixe?
-Tem.
- 13- Qual é ?
-Pela seca. No verão, a partir de agosto.
- 14- Então essa época coincide com o período do puxirum. Isso ajuda as pessoas que o promovem?
-Ajuda muito. O dono do puxirum pesca à noite para trabalhar de dia.
- 15- Quem você acha que é um bom pescador na comunidade?
-Expedito, que pesca direto.
- 16- Ser um bom pescador é sinal de respeito ou prestígio na Comunidade?
-É um sinal de respeito e quando estão em rodas falam deles.

EXPEDITO – EM 19/01/95

Expedito tem 72 anos de idade, homem contador de histórias de caçador e pescador. Lembra o passado freqüentemente e conta suas idas para o Município de Maués de canoas para vender o peixe salmourado, remando cerca de 12 a 14 horas.

Expedito é uma referência na comunidade como um grande pescador de pirarucu. Manuseia muito bem o "arpão", hoje com a idade, reclama da visão que não tem ajudado.

Conhece muito bem as áreas de pesca e passa o dia (saindo entre 5 a 6 horas da manhã e voltando entre 17 a 18 horas) no banco de uma canoa na prática dessa atividade.

1- Expedito, nós estamos indo pescar, mas tenho observado que a água do lago está preta ou está branca. Quando ela começa a ficar branca?

-Dezembro, janeiro.

2- Quando a água está branca tenho observado que torna-se difícil pescar, é isso mesmo?

-Meio ruim para pegar peixe, pouco pega.

3- Com que se pesca para pegar peixe quando a água está branca?

-Isca de peixe, gafanhoto.

4- Senhor Expedito, tem uma época que há escassez de peixe?

-Janeiro, fevereiro, março. Ainda mais quem não é pescador.

5- Por quê ?

-Porque o rio está cheio e tem que ir mais longe. É um período de chuva.

6- Se há um período de escassez, qual o período que há fartura de peixe?

-Quando vai secando é mais. Mas quando vai enchendo também dá peixe, porque vai caindo as frutas.

7- Expedito, e sobre o peixe pirarucu, por que ele entra nas cabeceiras?

-É a casa deles no barranco, quando vai secando e quando vai enchendo os peixes se separam.

Quando vai secando eles vão se concentrando.

8- Qual é a época de pescar o pirarucu de arpão, esperando na árvore e de anzol?

-Agosto, setembro, outubro, novembro. Época da seca.

- 9- Há outra forma de se pescar por essa época?
-Caniço, arpão e flecha.
- 10- Expedito, o senhor gosta de pescar?
-Agora já não. Pesco porque preciso.
Hoje já me aborrece, estou velho, mais antes não. Fazia meu trabalho em terra e saía para pescar, me dava lucro.
- 11- Então o senhor acha que quando vai ficando velho vai perdendo a paciência?
-Vai, não é quando está novo. Não tem mais paciência.
- 12- Com quem o senhor aprendeu a pescar?
-Meus tios. Todos eles eram trabalhadores, me sustentaram.
- 13- Com quantos anos o senhor acha que as pessoas começam a pescar?
-Desde pequeno, sabendo mal-a-mal enganar o peixe já dá para pescar. Conforme eles aprendem com os pais.
- 14- Qual o tipo de pescaria que mais as pessoas fazem no igarapé?
-É todo tipo. Puxar peixe grande não. Agora ultimamente é só malhadeira.
A malhadeira para qualquer peixe, pequeno ou grande: tambaqui, pirarucu.
- 15- A pescaria do pirarucu é feita com arpão, quem anda com haste na comunidade?
-Evandro, Temis, Chongo, Marvino, eu.
- 16- A pescaria de malhadeira é muito praticada na comunidade; o que acontece se não pegar peixe com a malhadeira?
-Se o peixe não entrar na malhadeira, os homens passam fome. Eles não sabem mais pescar.
- 17- Expedito, ser um bom pescador, caçador ou trabalhador, tem prestígio na comunidade?
-Tem quando ele mata, mas quando não mata, olhado pelos outros, não.
Ele vende, dá, troca.
- 18- Expedito, e a roça qual a época?
-É todo tempo. Para fazer roçado em agosto, setembro; outubro para plantar.
Em setembro, outubro é a força do plantio que acontece com o puxirum.
É uma época de fartura de peixe, o rio está seco e pega muito peixe de malhadeira.

19- O que o senhor acha se não houvessem pessoas para ajudar no plantio, no caso do puxirum?

-O puxirum quanto mais grande, mais estraga o roçado. Tem mais gasto, porque uns vão plantando a maniva e fecham a manicuja⁴¹ sem maniva.

Eles fazem isso para não ficar longe um do outro, para ficar em fileira, um ao lado do outro. Aquele que fica longe é caçado, ele ficou na ilha, é o veado. Principalmente as mulheres.

20- Como é formado o puxirum?

-Vai convidar os amigos da gente; na hora que chega toma café, merenda.

O almoço é onze horas; pode ser também, quando falta pouco, continua o trabalho até terminar, uma hora, duas horas da tarde e vão almoçar.

O dono, ele tira as pessoas para cortar, outros para plantar, e as mulheres plantam e distribuem água, são aguadeiras.

O cortador - são homens, os mais velhos, pois se cansam de virar terra, fazer a manicuja. Mas se enganam, no corte da maniva não pode parar, não pode falhar a maniva. Eles não podem descansar.

Cavador - são homens mais jovens, aguentam cavar a terra para fazer a manicuja.

Plantadeiras - mulheres de todo tipo, elas não gostam de ficar atrás e procuram alcançar os homens.

Distribuidor de maniva - é homem, alguma vez é mulher. Eles vão distribuir a maniva pela manicuja. É homem porque é mais ligeiro, sobe em pau, vai pra lá, vem pra cá. Tem mais resistência.

A mulher vai mais devagar, não aguenta subir em pau.

Aguadeira - geralmente são mulheres ou cunhantãs que distribuem água entre os participantes do puxirum..

Cozinheiras - mulheres.

FRANCISCO FERREIRA DA SILVA (FIRMO) –EM 22/01/95

Senhor Firmo, como é conhecido, tem 61 anos de idade. Tem prestígio na comunidade por ser conhecido como um excelente pescador de pirarucu. Hoje com a idade, passa a experiência e a responsabilidade para seus filhos .

Senhor Firmo, conhece muito bem o meio ambiente e consegue acompanhar e se programar para os dias que vai obter maiores lucros com a pescaria do pirarucu e do tambaqui. Junto com a família, desenvolve a roça e criação de gado.

1- Firmo qual (ais) atividade (s) que o senhor desenvolve?

⁴¹ Cova aberta para plantar maniva.

-Roça, campo para gado, pescaria profissional, caça.

2- Qual o tipo de pescaria que o Senhor desenvolve?

-Malhadeira, arpão, anzol.

3- Que tipo de peixe se pesca?

-Malhadeira: pirarucu, tambaqui.

Malhadeira de peixe miúdo: tucunaré, jaraqui.

Arpão: pirarucu, tambaqui.

Anzol (caniço): tucunaré, tambaqui, pacu.

4- Qual a época dessas pescarias?

-Agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro até fevereiro pega peixe pequeno.

Tucunaré, tambaqui: janeiro, fevereiro. Março que é a força que pega embaixo da fruteira com caniço, flecha, arpão.

Pirarucu a época é janeiro, fevereiro, março, abril. A força é janeiro, fevereiro é pescado de malhadeira e arpão.

Anzol, pesca tambaqui, tucunaré começa na quebra d'água que começa em julho, que a força é em agosto, setembro.

5- Eu tenho visto que muitos na Comunidade pescam de caniço, por que?

-É, porque é uma pescaria comum e qualquer um pode pescar.

6- E por que os outros tipos de pescarias não são usados por todos?

-Porque não têm prática. Tudo pode fazer, vai depender da prática.

Os outros tipos de pescaria precisa de prática, mas qualquer um pode fazer, depende do interesse. Vai depender da prática, de acompanhar outro que sabe, ele vai vendo e vai aprendendo. O outro vai falando e ele vai aprendendo.

O tambaqui está aioando⁴², está mascando a água, na flor da água e o pescador arpoa ou flecha o peixe.

Todo o pescador tem que ter muita prática para pescar o pirarucu. Na boiada ele puxa o ar em cima, dá uma volta e o rabo faz uma rabada, faz bolha para um lado e o peixe sai em outra direção, é quando o pescador joga o arpão na frente que dá em cima dele.

Quando está com filho boia em cima da cabeça e volta para ela e o pescador acompanha por onde os filhos vão e arpoa em cima deles que dá na cabeça do peixe.

Quando o peixe está arisco, os filhos vão na frente e o peixe vai atrás, o pescador tem que ser muito experiente para saber o que acontece.

⁴² Aioando - termo empregado pelos pescadores quando o peixe está ao nível do rio mascando água.

- 7- Muita gente pesca de arpão na Comunidade?
-Sim, quase todos.
Os que pescam de rede não pescam de arpão.
No igarapé Açú pescam uns 15 de arpão.
- 8- Qual a importância da pesca do pirarucu para a Comunidade?
-É importante porque alguns vendem, outros é só para a despesa.
A pesca do pirarucu é mais descansada, não é cansativa, porque é feita no limpo, o que não é com peixe miúdo, que tem que entrar em igapó, fevereiro e março, e é difícil pescar.
- 9- Senhor Firmo, tenho visto pescador de pirarucu passar horas na proa da canoa esperando o peixe para arpoar. Eu pergunto: é preciso paciência para pescar o peixe?
-Sim, porque tem que procurar onde eles estão. Não pode ir fazendo barulho, tem que ir devagar.
A paciência é vista quando espera o peixe boiar, duma boiada para outra dura às vezes 30 minutos quando é peixe grande, o menor boia mais rápido.
O pescador pode dar uma volta, quando tem relógio e quando dá o tempo vem devagarzinho para onde o peixe está.
- 10- O corpo fica cansado quando está esperando o peixe boiar?
-Quando tem muito peixe boiando, a gente fica animado, quando tem pouco, só um, dá sono. Às vezes passa o dia esperando sem comer, quando não leva comida, aí chega em casa cansado.
- 11 Quantas horas espera para matar um pirarucu?
-Tem que esperar o peixe boiar de 3 , 4 vezes para saber qual a posição que o pescador vai arpoar, pode levar de 4 horas e às vezes até 6 horas. Quando dá todo esse tempo e não matou, procura outro.
- 12- Senhor Firmo qual a posição que fica quando está esperando o peixe?
-Fica agachado, quando o peixe cisma, o pescador volta à posição de sentar.
- 13- Senhor Firmo, tem uma época que o peixe fica escasso, se tem, qual é?
-Fevereiro e em Maués também falta peixe no mercado.
- 14-E a água branca que eu tenho visto por vários anos aqui dentro do lago, torna difícil a pescaria?
-Sim, para flechar, porque a gente não vê o peixe. Para arpoar fica bom, porque o peixe, tambaqui, pirarucu, não enxerga a gente e ele fica mais tolo, na água clara não.
A água branca para puxar pacu de caniço, sardinha, é bom.

15- Qual é a época da água branca?

-Começa em outubro, novembro, dezembro, janeiro até fevereiro, quando a água vai clareando e entrando para o igapó.

16- De onde vem a água branca?

-Do paraná.

17- Na época da seca e da água branca de que se pesca?

-É época que está muito seco, muito sol, tem muita gente jogando tarrafa, tem muito consumo, o peixe fica arisco, a pescaria é de malhadeira.

18- Senhor Firmo, como usam a castanha?

-A castanha serve para tirar o leite, tomar o mingau, cocada, guizado com carne, com pirarucu seco.

Serve contra veneno de cobra. Surucucu morde, toma uma dose bem grossa.

E serve para apurar a grana. Todo mundo compra e aí dá para comprar produtos para casa.

O fábriço dela mesmo é janeiro, fevereiro, março, abril. A força dela mesmo é em março.

Pela época é o produto do pessoal, muitos fazem o barraco na mata para tirar castanha.

19- E quantos ouriços são necessários para encher uma lata?

-Castanha grande 50 ouriços; 60 ouriços pequenos para uma lata de 18 litros.

20- Quantos ouriços dá para quebrar por dia?

-Uma pessoa quebra 300, 400 ouriços o dia todo. Três pessoas, num dia quebram 1000, 1100 ouriços em um dia.

21- Senhor Firmo e sobre panema, quando a gente sabe que está com ela?

-Se for um bom pescador o peixe sente ele, fica arisco, o peixe se espanta. Quando o pirarucu vem para boiar ele sente o pescador.

22- E como faz para curar a panema?

-Quando é panemice comum puxa o braço com tucupi, pimenta. Manda a mulherada perigosa puxar.

Coloca os arrilhos (tarrafa, zagaia, malhadeira, azol, linha de pirarucu, arpueira, caniço ...) dentro do balde de tucupi, com pimenta e com catauari e deixa de molho por um dia. Depois tira e arruma na canoa, prepara tudo e sai para pescar . E acaba a panema.

- 23- Quando o pescador ou caçador está panema, preocupa a família?
-Fica, porque não traz mais nada para casa para alimentar a família, os filhos.
- 24- E a caçada, quando é mais praticada por aqui?
-É quando começa a baixar a água (julho, agosto) e caçam de canoa.
A maior caçada é feita de cachorro pelas ilhas, nessa mesma época.
- 25- Por quê a caçada é feita nessa época?
-Porque ficam as caças miúdas (paca, cutia...) nas ilhas.
- 26- Como é feito esse tipo de caçada e o que é utilizado para caçar?
-É espingarda, arpão, cacete, cava buraco para tatu.
- 27- A caçada é importante para a família?
-É..
- 28- Por quê?
-Serve para comer e serve para quebrar o galho. O pessoal trabalha mais para vender. Tira só para comer e vende.
- 29- Fora isso que nós conversamos, o que o senhor pode falar sobre o lugar onde mora?
-Há muita facilidade mas falta recurso para trabalhar. A terra dá tudo: melancia, mandioca, jerimum, cará, milho... A dificuldade é a falta de ajuda do Prefeito, Governo.
O negócio de peixe, farinha, banana, tudo sai da lavra da gente, há muita facilidade. Não é como na cidade. Na cidade tem tudo mas depende do dinheiro.
- 30- No fabrico da castanha a farinha fica difícil?
-É, e aí vende a castanha para comprar farinha. Na época do guaraná também falta farinha.
- 31- Por que senhor Firmo o senhor mandou jogar os restos de comida lá pra trás da cerca?
-Porque muitas vezes o homem pode descuidar e mijar em cima, aí olha só, impanema.
- 32- Quer dizer que não pode urinar em cima dos restos de comida?
-Não.
- 33- Por quê?

-Porque empanema. Quando é osso que o cachorro leva prá baixo do forno empanema. Fica com uma panemice de não matar nada.

34- Senhor Firmo há outra forma de empanemar?

-Tem, o pessoal que empanema o pescador, os que têm inveja. Essa inveja é a mais perigosa, que além de empanemar ainda maltrata o pescador. Essa panema só é curado com curandeiro.

ARSELINO SOARES DE OLIVEIRA – Em 24/09/95

Arselino ou "Soldado" como é conhecido, tem 65 anos de idade e possui uma família de pescadores. São conhecidos pelas suas habilidades no domínio das técnicas de pescar e conhecem muito bem as áreas propícias para essa prática. Além da pescaria desenvolve o trabalho na roça. Morar na Vila Fátima e está envolvido com os jogos de futebol e as festas que acontecem na sede social da comunidade.

1- Senhor Arselino, quais as atividades que sua família desenvolve?

-Pescaria, caçam (mas pouco), plantio de roça.

2- Todos pescam?

-Todos.

3- Que tipo de pescaria praticam?

-Linha comprida, caniço, flecha, arpão, poronga. Nós não usamos malhadeira, só no cabo do caniço e da flecha. A poronga é o que mais usamos.

4- Por que usam mais a poronga?

-Porque pescam à noite para trabalhar de dia, facilita muito o trabalho.

5- Há um período que falta peixe?

-Fica. Só quando enche que os peixes atacam para o igapozão. Mas na seca facilita muito porque os peixes saem do igapozão. Aqui em casa é bem difícil de faltar comida, porque a turma entende bem da pescaria.

6- E a castanha, usam?

-Alguma vez, quando se encontra. Tem que usar.

7- E o pessoal que não entende de pescaria, na época da falta de peixe como fica?

-Não fica difícil porque compram. Mas aqui a gente não vende, a gente conhece todos e dá o peixe.

8- E quanto ao pirarucu, é preciso paciência para ser pescado?

-Porque ele custa boiar. Não é como os outros peixes que a gente vai enxergando e vai puxando.

9- Para pescar o pirarucu tem uma ciência? Qual é essa ciência?

-É verdade mesmo, porque se o cara não tiver paciência não arpoa o peixe.

É, tem um mistério. Para enxergar a gente é ele mesmo. Se ele não enxergar a gente, a gente tchê nele.

10- Senhor Arselino, e o futebol sempre jogam aqui na vila?

-Sempre.

11- Mas tem dia para jogar?

-Tem. Domingo, quinta, aqui não acaba não.

12- E o pessoal participa do futebol?

-Participa. Vem gente do Ipixuna. Quando estão todos aqui participam, mas agora não, estão espalhados pela cidade.

13- Tem torneio de futebol?

-Dá mais em tempo de festa. Só tem torneio de futebol, não tem outro.

14- É valendo o quê?

-Valendo grana.

14- Senhor Arselino, como a gente sabe que a pessoa está panema?

-É porque quando o cara está panema sente uma moleza no corpo, sono, o peixe não se entrega mais.

15- Como faz para curar a panema?

-Faz o negócio do remédio. A gente manda puxar o braço da gente pela moça nova. Puxa com o tucupi.

O primeiro tucupi da mandioca manda puxar o braço na sexta feira. E aí acaba.

16- A família fica preocupada quando o pescador ou caçador está panema?

-Fica, assim como ele vai ele volta, não traz nem pra criança o peixe.

Eu sei que assim eu estava uma vez. O cara fica com uma caipora que...

DOMINGOS DA SILVA – Em 29/09/95

Domingos de 26 anos é filho de Senhor Arselino, domina muito bem a arte da pescaria e trabalha na roça
Domingos está sempre envolvido com os jogos de futebol que acontecem na vila.

- 1- Domingos, estamos remando a quase 20 minutos. Você sempre rema nessa base?
-É nessa base mesmo.
- 2- E dá pra remar bastante nesse ritmo?
-Dá.
- 3- Domingos, qual a pescaria que mais pratica?
-Caniço, flecha, azagaia.
- 4- Qual o período que há falta de peixe ?
-Quando está cheio. O peixe entra pro meio do igapó.
- 5- Desde quantos anos você pesca?
-Rapaz que tô lembrando, desde os 5 anos que comecei a pescar.
- 6- Quais as atividades que você mais pratica por aqui?
-Bola, esporte, pesca, caça, roça.
- 7- E o futebol, o que você acha ?
-*É uma coisa muito importante, é o divertimento.*
- 8- Quem joga futebol na Vila?
-Na Vila joga um bocado de peãozada. Tem muitos que jogam bola.
- 9- Qual o dia da semana que se joga?
-Quarta, sábado, domingo.
- 10- Quem que marca as partidas de futebol?
-Rapaz, quem marca é seu Raimundo Mattos.
- 11- Ele segue as regras do futebol?
-Segue.
- 12- O que ele marca, por exemplo?
-Falta, mão, impedimento. O que ele vê e entende ele marca.
- 13- O futebol reúne muita gente na Vila?
-Rapaz, reúne, tem vez que dá muita gente.

- 14- Dos tipos de pescaria quais as que as pessoas mais praticam?
-Rapaz, praticam assim mais de flecha, caniço, malhadeira.
- 15- É nessa época que usam mais malhadeira?
-Por essa época usam muita malhadeira mesmo.
- 16- Mas por que usam malhadeira?
-É porque fica ruim de pegar de outro jeito, a água fica branca e fica ruim de pescar.
- 17- Quer dizer que por essa época da seca a água branca torna difícil certos tipos de pescaria?
-Torna difícil. Porque pra porongar não se vê, a água tá branca. É mais malhadeira na época da seca.
- 18- O que você acha: rema-se mais ou anda mais?
-Rapaz acho que a gente rema mais.
- 19- O vento dificulta a pescaria?
-Acho que está ventando muito. Tem muito peixe, só se ouve barulho pro fundo. Esse vento está frescando.
- 20- O que o vento faz no caso da pescaria de arco e flecha?
-Ele faz que o vento começa a bater na beirada e a gente não pode enxergar. Começa a ficar tipitinga⁴³.
- 21- Por essa área a turma pesca?
-Pesca.
- 22- As pessoas por aqui pescam mais ou caçam mais?
-Pescam mais e caçam menos.
- 23- E na Vila tem a festa da padroeira?
-Tem, vai ser em dezembro.
- 24- E o tem que na festa?
-Torneio, jogo.
- 25- E a castanha vocês juntam?
-Junta.
- 26- E o que fazem com ela?
-Vende, come, dá. Rapaz, esse vento está frescando.
- 27- Domingos, qual a sensação que você sente quando acerta um peixe?

⁴³ Veja nota 83 sobre água barrenta.

-Quando a gente acerta, que ele não sai do bico, a sensação é que a gente vai comer ele.

MOISÉS MENDES DE OLIVEIRA – Em 10/10/95

Moisés tem 42 anos de idade, assume o cargo de Presidente da Comunidade. Organiza reuniões e leva as reivindicações dos moradores da comunidade aos dirigentes do Município. Além da responsabilidade perante a comunidade, desenvolve a pescaria e o trabalho na roça.

- 1- Moisés, quais as atividades que o senhor desenvolve por aqui?
-Trabalho mais em guaraná, roça, pesca só para comer, caça. Não sou ligado em andar no mato, quando está dando bem pato, saio para caçar.
- 2- Esse período de seca o que é mais difícil na comunidade?
-Fica mais difícil é o transporte. É o que mais atrapalha o povo. Os barcos grandes não podem entrar no igarapé, só as rabetinhas.
- 3- Vejo que é uma época de fartura em termos de ter muito peixe, e os outros alimentos como arroz, açúcar, café etc; como fazem para obter?
-É mais comprado em Boa Vista do Ramos e a maior parte em Maués.
Graças a Deus aqui quase todo o tempo é bom, só fica difícil pra quem só pesca de anzol, mas quem tem uma malhadeira de mica, charuteira⁴⁴, pega bem.
- 4- Sobre a pescaria na época da seca, eu estou sabendo que estão tentando proibir algum tipo de pesca, como a de malhadeira, por quê?
-A proibição é para não defalcar o peixe do rio, porque alguns pescadores querem fazer vida com peixe.
- 5- Comercializar peixe, é isso?
-É, comercializar peixe.
- 6- E como estão controlando isso?
-A gente controla isso através de uma portaria que a gente pega na delegacia, aí a gente lê a portaria e as pessoas ficam sabendo. E se as pessoas tentarem, aí a gente toma novas providências.

⁴⁴ Charuto, tipo de peixe roliço.

- 7- Como a Comunidade sabe dessa portaria?
- Fizemos reunião e através da reunião foi mandado fazer a portaria e eu fui pegar na delegacia.
- 8- Na reunião as pessoas foram contra ou a favor da pescaria?
- Rapaz, teve 26 assinatura contra a pescaria e a favor 2.
- 9- O que as pessoas que são a favor da pescaria alegam?
- Eles falam que eles querem pescar para ganhar dinheiro para comprar rancho.
Mas acredito que não é isso não. Porque é ambição por causa do dinheiro. Porque o peixe tá dando dinheiro.
- 10- E as pessoas que são contra o que falam?
- Eles alegam que não querem que o peixe seja tirado do nossos rios. Eles querem que sirvam de alimentação, para serviço de puxirum, dum trabalho.
Ainda mais na seca, que os peixes estão presos, fica que nem um poço. Se o cara botar para pegar ele pega mesmo.
- 11- Quais os peixes mais procurados ou mais vendidos?
- É o tucunaré, tambaqui, pirarucu, os acarás. Os que são mais procurados para vender.
- 12- Os que são a favor da pescaria o que falam do peixe que é da natureza: vai acabar ou não acaba?
- Eles falam que o que Deus deixou não acaba, diminui mas não acaba.
- 13- E os contra a pescaria, o que falam?
- Eles falam que se liberar a pescaria, dá disfalque nos peixes, diminui. Não acaba, diminui.
- 14- E como as famílias, aqui na comunidade controlam a quantidade de peixe que vão comer?
- É controlando assim, todo dia pegando um pouquinho, só o necessário, uma base de 3 a 4 Kg é o suficiente para o almoço e para o jantar.
- 15- As pessoas se preocupam com o que pode vir a estragar?
- Se preocupam, porque se estragar aí vai dando falta. Tudo o que estraga não produz.
- 15- E como fazem para esses peixes mais procurados não acabarem?
- Rapaz, para não acabar é não pegar muito, se pegar muito acaba.
- 16- Quanto às aulas, parece-me que na Vila não está tendo aula?
- Há dois anos estamos atrasados, que não tem aula.

17- E o futebol o que o senhor acha?

-Futebol está muito atrasado, por motivo que não tem presidente de esporte e os homens ficam jogando prá cá, prá lá, pro Pixuna. Numa Comunidade tem que ter dirigentes que agradem o povo, pois se não tiver as pessoas se afastam.

18- As pessoas participam bem do futebol quando tem?

-Participam.

FRANCISCO ASSIS MENDES SOARES – Em 12/10/95

Assis de 45 anos de idade é irmão de Moisés. Assume o cargo de dirigente do futebol. É responsável em organizar a equipe da comunidade para jogar com seus adversários. Assis, além de dirigente do futebol se ocupa com o trabalho na roça e a pescaria, principalmente do tambaqui e do pirarucu.

1- Assis, quais atividades que o senhor desenvolve por aqui?

-Só meu trabalho de limpar campo, guaraná, roça, castanha, pesca. Caço só mais na época da caçada de canoa.

2- Dentre essas atividades, quais as que mais o senhor desenvolve?

-Garaná, roça e pesca mais para o consumo.

3- Qual o tipo de pescaria que mais gosta?

-É a pescaria de malhadeira para tambaqui. É mais na cheia.

4- E essa época da seca, como fica?

-A gente pesca aqui, mais peixe miúdo mesmo prá consumo: tucunaré, acará.

5-Tem uma época difícil?

-Rapaz, mês de maio e junho fica difícil.

6- Por que esses meses?

-Por que esses meses de maio e junho fica muito cheio.

7- Mas para obter comida, o que vocês fazem?

- A gente usa malhadeira de malha miúda, no igapó. Pra mim eu tenho malhadeira pra peixe miúdo, não fica difícil.

8- Quer dizer que quem tem malhadeira não há período difícil?

-Não, pega peixe todo o tempo.

9- E na seca o que se torna mais difícil na comunidade?

-Rapaz, por aqui não está nada difícil, só o rancho, mas se tiver o rancho, tudo bacana.

10- Não entra regatão aqui?

-Só quando a água sobe mais.

11- O que tem o igarapé?

-O igarapé está muito seco, é um problema. É difícil pra sair, sai, mas dá trabalho.

12- Assis, o que o senhor acha do futebol?

-É bom o futebol porque é uma diversão mais bacana que tem por aqui.

Dia de domingo é quando o pessoal se reúne.

O que reúne mais o povo é o futebol com festa. Mas o pessoal vêm mais por causa do esporte, por causa do torneio.

Na seca a turma faz campo pelas beiradas. Aquele é o "Campo do Capim Podre", só sai na seca.

Na cheia o campo é o da comunidade.

No fabrico do guaraná corre mais dinheiro e tem mais torneio de futebol.

Sem presidente de esporte não tem organização do futebol. As pessoas jogam onde forem convidadas.

JOSÉ DADINO SOARES – Em 17/10/95

Dadino tem 43 anos de idade é bastante conhecido na comunidade por ser uma das pessoas que faz "recreio" (em sua embarcação própria) para o Município de Maués ou de Boa Vista do Ramos. Conhece muito bem os rios pelos quais navega e é muito experiente na navegação quando no período da seca.

Dadino além da viagem semanal que faz para os Municípios, se envolve com criação de gado, construção de barcos, trabalho na roça e pescaria. Nos finais de semana gosta de jogar futebol e de ser árbitro das partidas.

1- Dadino, me falaram que você marca partidas de futebol?

-Às vezes.

2- Quais as regras ou as penalidades que se marcam no jogo?

-Nessa parte de "torneio" marca mão, fora, escanteio, falta (bater no outro, impedimento...).

3- Como você aprendeu essas regras?

-Aprendi assim mesmo com os homens, vendo os homens marcarem.

4- Como você acha que os outros árbitros aprenderam?

-Uma parte, estudam, outros assim mesmo vendo por televisão. No interior não tem disso.

5- No interior tem orientação sobre regras?

-Não. Qualquer pessoa que entende um pouco de futebol pode marca.

6- E o que você acha do futebol?

-*Rapaz, é um bom divertimento.*

7- Vocês chamam de esporte?

-Esporte.

8- Existe outro tipo de esporte que jogam?

-Não, torneio só de futebol.

9- E qual é o prêmio nos torneios?

-Rapaz, é dinheiro, taça, bola, às vezes dão bode, porco, boi.

10- E o que mais pode me falar do futebol?

-*Futebol é divertimento, é bom para as crianças, não todo o tempo. É um preparo físico, eles vão ajeitando o corpo.*

11- Como aprendem a jogar?

-Aprendem a jogar um com o outro. As crianças a gente ensina as posições.

12- Então, eu posso entender que o futebol é importante para os moradores da comunidade?

-É importante sim.

13- Em que sentido?

-*Que através do esporte se ajunta mais gente, dá mais animação e dá mais renda para a comunidade.*

14- Você sabe me dizer porque as pessoas estão jogando sempre em lugares diferentes?

-É porque às vezes eles querem jogar melhor. Eles acham que um time é melhor e eles vão lá pra ver se ganham do time.

15- Por que eles mudam de campo?

-Por animação.

16- Que tipo de animação?

-É porque às vezes só dá um time e eles procuram outras paragens que dá mais pessoal, mais jogador.

17- Eu estive conversando com outras pessoas e percebi que onde há mulher reúne mais times de futebol, é isso?

-É, atrai.

18- E o torneio é o dia todo?

-Não, é do meio dia pra tarde e depois tem festa.

RAIMUNDO SOCORRO G. GOMES – Em 13/10/95

Raimundo Socorro ou Mundico, como é conhecido. Jovem de 29 anos de idade que se dedica à pescaria e ao trabalho na roça.

É conhecido na comunidade pelas suas técnicas de pescar porogando e de malhadeira, cujo o pescado é comercializado na Sede do Município de Maués ou de Boa vista do Ramos. Mundico é adepto da religião adventista.

- 1- Mundico, quais as atividades que você desenvolve?
-Pesca, caçada de canoa, pato, roça, banana, guaraná, castanha.
- 2- Dentre essas quais as que mais desenvolve?
-Roça.
- 3- E a pesca, como é que você desenvolve?
-Geralmente é mais pra vender e pra consumo.
- 4-Dentre os tipos de pescaria qual que você mais usa?
-Geralmente é a porongação.
A porongação é mais na cheia e a malhadeira é mais na seca.
- 5- Bem nos saímos para porongar. O que você acha da porongação?
-É porque eu gosto e segundo é que ela com o seu resultado ganha dinheiro.
- 6- Essa pescaria é feita à noite; o que ela contribui com outras atividades durante o dia?
-Ajuda sim, porque pelo menos eu adquirir o pescado à noite eu já ganho o tempo de dia.

Pega peixe escolhido com a poronga, coisa que a malhadeira não faz.

Precisa ter agilidade e saber ajeitar o peixe.

Só pela noite escura, no luar não. No luar só quando está cheio pelo igapó, porque as árvores tampam o clarão da lua.

Na cheia é mais praticado porque o peixe torna mais difícil e aí o cabloco sai para pegar.

A malhadeira resolve pouca, é mais na seca. A malhadeira na cheia é bom nos cardumes de peixes.

A tarrafa é usada na seca, pois na cheia os peixes estão no fundo e não tem paragem para tarrafa.

4) Atividade corporal: descrever para revelar.

As descrições que seguem, assim como as precedentes, são fruto das observações feitas nos anos de visitas à comunidade, através de filmagens e contato direto com as atividades. Ao entender que os habitantes da comunidade de Vila Fátima vivem da pesca, caça, do cultivo e da coleta é importante, saber como são executadas. Dessa forma o remar, o cortar com terçado, a andar pela mata, o manuseio dos artefatos contribuem para a concretização das atividades. São as atividades em si e mostram, através da expressão corporal, como é um discurso do ser participando de um sistema cultural. Por isso, sua descrição na íntegra é complexa. Pois, assim como Freire (1991), achamos impossível registrar toda expressão corporal que chegue aos sentidos do observador nesse momento, mas é necessário compreensão para uma interpretação.

4.1) Descrição da atividade corporal de remar

O saber remar é uma habilidade fundamental na vida dos moradores da comunidade em foco, já que canoa e casco são os meios de transporte mais comuns na área. Assim, captaram-se, na transcrição de uma filmagem, algumas perguntas feitas ao acompanhar três adolescentes que se dirigiam para a roça:

-1) Francisco, desde quando você rema?

R- *Desde os 6 (seis) anos.*

-E você, Bibi, desde quando rema?

R- *Desde os 7 (sete) anos.*

De forma geral têm-se visto na comunidade crianças acompanhando seus pais à roça ou em viagens prolongadas. Tais experiências talvez marquem o início do remar.

Num flagrante (e sempre busquei essa forma), filmei uma criança. Fiz a seguinte pergunta a ela: "para onde você vai, Maiara"? A mãe, ao

ouvi-la, foi saber do que se tratava e caiu na gargalhada. Para melhor entender, a criança que tinha dois anos de idade, estava vestida com as roupas do pai e segurando um remo de brinquedo, sentada num degrau de madeira que dava acesso à casa de farinha. Punha-se a remar e a falar baixinho, como se estivesse com a canoa cheia de gente. Essa fase do faz-de-conta⁴⁵ é perfeitamente compreensível. Hoje (1995), essa criança tem seis anos e pode ser vista remando até a casa de seus avós, que fica a 250 metros da sua casa.

Em conversas com 3 habitantes daquela comunidade, (conforme perfil no quadro abaixo) fiz algumas perguntas sobre esse assunto:

- Temis, o senhor rema muito?

R- *Comigo não tem lonjura. Na época da seca, remo mais porque vai rodando.*

- Senhor Geovane, o que acontece se o homem ou a família ficar sem canoa ou sem casco?

R- *Não pode andar, rouba, pede emprestado. Ele não pode se comunicar.*

- Evandro, você acha que as pessoas remam mais ou andam mais?

R- *Remam mais, terrestre é pouco. Não tem muito trabalho efetivo na terra.*

- Evandro, o que seria sem a canoa?

R- *Não tem uma casa que não tenha uma canoa ou um casco.*

De posse das informações, percebe-se o que representa para a comunidade o saber remar

⁴⁵ Sobre esse assunto consultar João Batista Freire (1991, p. 35 a 65) em sua obra "Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física". O autor aborda o assunto "simbolismo".

SUJEITO	IDADE	ESTADO CIVIL	ESPECIALIDADE	OUTRAS ATIVIDADES	PREDILEÇÕES FIM DE SEMANA
Temis	62	casado	pescaria	roçado	futebol, convívio familiar
Geovane	66	casado	roçado	pescaria	atividades comunitária
Evandro	38	casado	pescaria, coleta, caçada	roçado	caçar, convívio familiar

Antes de iniciar a remar, o homem escolhe ou possui seu próprio remo⁴⁶, geralmente confeccionado ou comprado por ele. Arruma seus apetrechos (terçado, caniço, arco e flecha, lamparina, sal, açúcar, espingarda etc) e desce para o porto onde se encontra o casco ou a canoa, que será utilizado conforme seu interesse, ou seja, participar de uma festa, de uma visita, de um jogo de futebol, de uma pescaria, de caçadas ou de uma viagem longa.

Ao chegar a sua embarcação, ele a desalaga⁴⁷ e lava-a, arruma os apetrechos e inicia sua viagem. Todo esse ritual do *antes* é observado em umas pessoas, outras menos.

Antes de iniciar a remar, o homem precisa se equilibrar na canoa. Nesse caso, conforme o tempo esteja chuvoso, o vento forte ou a canoa escorregadia, maior ou menor equilíbrio será exigido para se acomodar na embarcação e arrumar seus objetos de viagem. Não raro a pessoa se encontra em situações que exigem dela um maior controle corporal.

⁴⁶ Segundo o Dicionário Aurélio (op cit), remo é , “Instrumento de madeira, composto de um cabo roliço terminado por uma parte esalmada, e que funciona como alavanca interfixa, para pequenas embarcações.”

Estaremos nos referindo à parte superior do remo ao triângulo onde se coloca a mão de apoio. Ela faz menor força e estabiliza esse instrumento em uso. Outra parte é a inferior, mais próxima da parte esalmada. Ela é segurada com a mão e os dedos passando em volta. Nesse lado a resistência, provocada pela água, é maior portanto executa-se maior força de tração.

⁴⁷ Conoas e cascos são alagados propositadamente. O sol intenso incidindo sobre essas embarcações prejudica, podendo racha a madeira. Quando deixam as embarcações por muito tempo cheias de água, cria-se limo no seu interior.

Às condições apresentadas são as mais diversas. Vão desde passar de uma prancha de tomar banho para a canoa, a passar de um barco em movimento para a canoa, ou de uma margem escorregadia do rio e de um tronco de árvore para a canoa. Ao estabilizar-se, com um ou os dois pés na canoa, faz-se um movimento de agachamento, que leva ao ato de sentar.

Ao sentar, segura o remo no triângulo localizado na parte superior, o qual dá maior sustentação ao remo; a outra mão segura a área mais próxima da parte espalmada do remo. Esta suporta toda a resistência da água e leva ao deslocamento da canoa, imprimida pela força do remador.

Estando sentado e de posse do remo, o homem mantém uma postura corporal que seja mais confortável a seu estilo⁴⁸ de remar. Em cada pessoa a individualidade dos gestos está presente. Percebe-se no cotidiano e na análise das filmagens o tronco em posição ereta⁴⁹. As pernas ficam cruzadas, com os calcanhares um pouco abaixo do banco e os pés, para manter essa posição, ficam um sobre o outro, sendo o de baixo apoiado no terço médio do pé.

Quando a pessoa encontra um amigo pelo caminho, ou faz uma pausa ou para tomar água ou porque algo que lhe chamou atenção, observa-se uma pequena inclinação do tronco à frente, ou uma rotação do mesmo, que nos passa a idéia de estar relaxando o corpo, para em seguida àquele momento voltar à posição que iniciara.

Com as pernas cruzadas, os joelhos permanecem em afastamento lateral e flexionados, o que torna possível manter a musculatura do quadríceps em constante alongamento, e a musculatura posterior em

⁴⁸ Segundo Tubino (1984, p.166), após o domínio da destreza, o atleta busca seu estilo. Assim, citando Schroeter (1975), "estilo" nada mais é do que o resultado positivo de uma busca do atleta à sua própria forma de movimento num determinado gesto esportivo."

Estamos considerando que os estilos estejam nos homens que praticam as atividades corporais, objeto de estudo desta pesquisa.

⁴⁹ Essa análise é feita a partir do ponto de vista do autor. Não se faz uma discussão da melhor ou pior postura, mas observa-se, descreve-se e interpreta-se o que se apresenta aos nossos olhos. Os homens buscam encontrar melhor ou se adaptar à postura que venha lhes trazer maior conforto, principalmente para manter-se nela por horas em viagens, pescarias ou caçadas.

constante contração. Vez ou outra, quando a posição torna-se desconfortável, pela dormência das pernas, ela é alterada. Dos joelhos flexionados passa para uma extensão, enquanto o outro fica fletido, depois inverte as posições. O que tem-se percebido nessa troca de posição das pernas é o fato delas não serem estendidas completamente, mantendo-se nesse caso em constante semi-flexão, quando é visto um dos pés apoiado na proa da canoa. Após esse momento de relaxamento, volta-se à primeira, pois ela permite um maior apoio do corpo.

Quanto à posição dinâmica assumida pelos braços, observa-se que seus movimentos são circulares, alternando os ciclos para esquerda e direita, o que indica um equilíbrio, não sobrecarregando unilateralmente um dos membros, a menos que a embarcação mostre defeito na quilha, o que interfere em sua direção.

Tais movimentos exigem grande mobilização da cintura escapular. A observação indica solicitação da força dinâmica, resistência cardiovascular e resistência muscular localizada nos músculos dessa região, devido ao constante trabalho de resistência provocado pela parte espalmada do remo ao contato com a água. Dependendo da força empregada pelo remador, o remador conduz a canoa mais ou menos rápido.

Os movimentos cíclicos dos membros, ao serem analisados, mostram a posição dos braços em constante semi-flexão na região da articulação do cotovelo, indicando que os músculos envolvidos nessa área não são submetidos a alongamentos e nem explorados em seu potencial máximo.

Os movimentos alternados a cada ciclo da remada, variam de pessoa para pessoa, observando-se dois, três ou quatro movimentos cíclicos para um lado e para o outro, possibilitando manter a direção e o ritmo da canoa. Ao término de cada ciclo, o remo é retirado da água e puxado para cima pela frente da embarcação e levado para o lado oposto (considere que o remo estava do lado direito e é passado para o

esquerdo) pelo braço que estava fazendo o maior trabalho de força dinâmica, aquele em que a mão estava próxima da área espalmada do remo.

No instante em que o remo está sendo passado para o lado esquerdo, a mão esquerda vai-se apossando do lugar onde se encontrava a direita e essa, por sua vez, desliza pela parte roliça ou cabo do remo, até chegar à sua extremidade triangular. Essa fará o serviço de apoio, enquanto a outra executará o maior trabalho de força.

O ciclo do remar mantém fases características o *ataque*, com a penetração do remo na água; *tração*, a principal, responsável pelo deslocamento e direção da embarcação; *finalização* da tração e *recuperação*, que se dá numa maior duração da fase que precede o ataque, quando, após a tração, o remo é apoiado momentaneamente sobre a coxa.

Observa-se que o ritmo dos ciclo se mantém, podendo variar na presença de mau tempo ou ao enfrentar um rio com correnteza forte. A carga de trabalho a que é submetido o corpo é estável, variando para mais ou para menos conforme distância a ser percorrida, a instabilidade do tempo e o objetivo do remador.

De forma geral, como se mostrará nos dados obtidos em algumas situações, utilizando o casco, o remador mantém um ritmo estável que não eleva a frequência cardíaca. Isso possibilita manter-se remando sem levá-lo à exaustão, e mostra seu nível de resistência cardio-respiratória.

A frequência cardíaca, medida através do frequencímetro foi obtida durante a atividade que realizavam, a saber: pesca, caça e viagens comuns.

As características principais de cada indivíduo selecionado estão no quadro a seguir e formam o perfil dos sujeitos que tiveram medida sua frequência cardíaca.

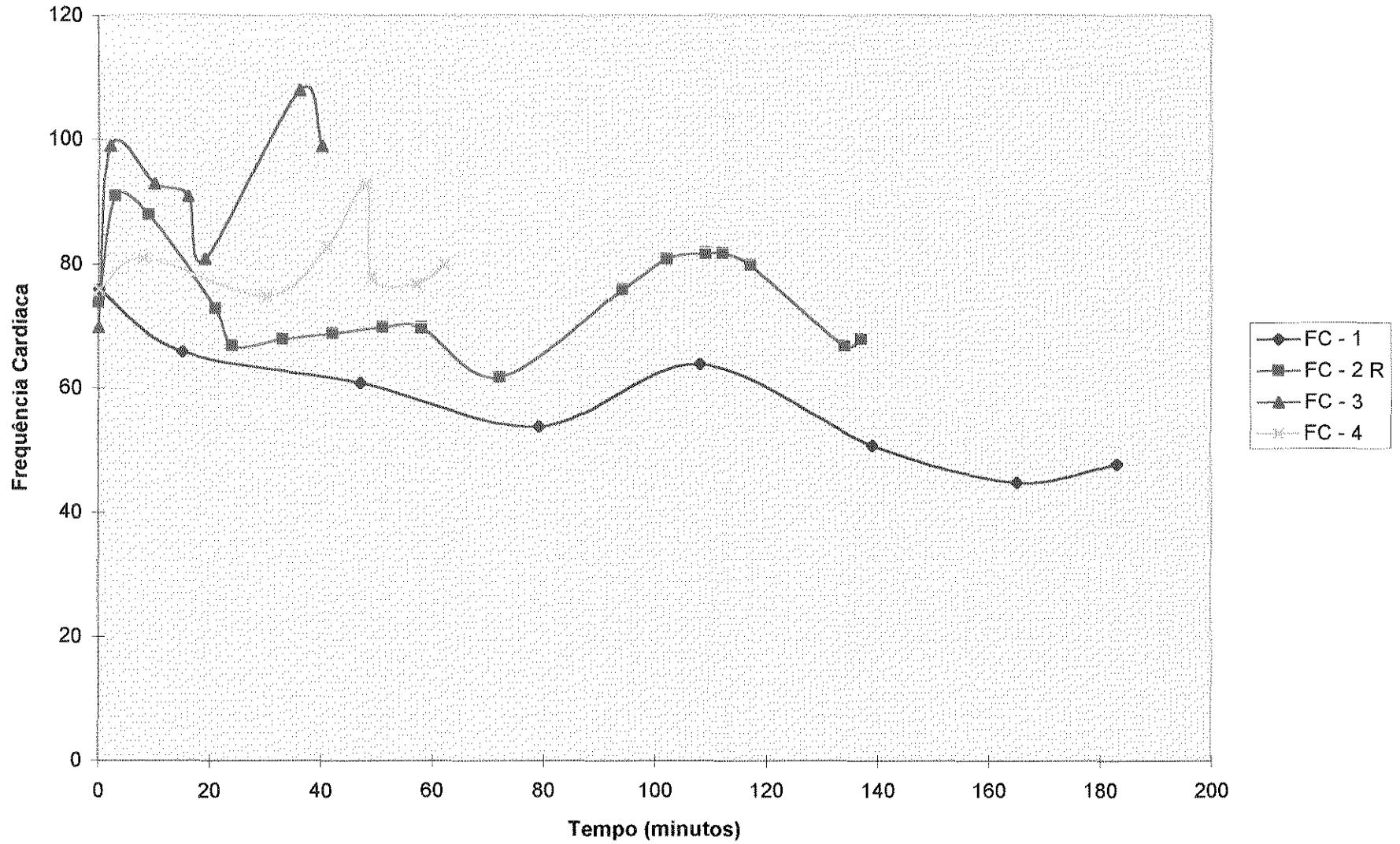
SUJEITO	IDADE	ESTADO CIVIL	ESPECIALIDADE	OUTRAS ATIVIDADES	PREDILEÇÕES
1 Aurélio	39	casado	caçada de capivara	roçado pescaria	festa, caçada de capivara
2 Domingos	26	solteiro	pescaria	roçado, caça	futebol, festas
3 Gláucio	32	casado	autor da pesquisa	leituras	caminhada
4 Evandro	38	casado	pescaria caçada e coleta	roçado	caçada, final de semana família

Diante da prática de remar, obtivemos desses informantes os seguintes dados da frequência cardíaca conforme mostra o gráfico na página 112.

Com o primeiro informante a saída do porto de sua residência para caçar se deu às 17:40 horas e o retorno às 04:37 horas da madrugada. Nesse período, foram verificadas as frequências cardíacas nas três primeiras horas de atividade. Os resultados não ultrapassam 80 batimentos, mostrando-se estáveis. O remador não se queixava da distância nem do tempo percorrido. Para ele, aquele ritmo de remar era o suficiente para a prática de tal atividade.

O informante FC 2 foi acompanhado numa pescaria de arco e flecha iniciada às 07:36 horas, com o término às 09:53 horas. Os primeiros batimentos - 91 bpm - apresentam alterações no momento em que se colocou o aparelho, mostrando-se nervoso o pescador. A curva elevada entre os 100 e 120 minutos com 81 bpm, mostra momentos de deslocamento pelo rio, onde vento e ondas estão interferindo. As curvas baixas entre os 20 e 70 minutos são apresentadas quando o pescador está observando o peixe para flechar,

Atividade Corporal : Remar



procurando fazer o mínimo de movimento, para não espantar o peixe mantendo a canoa estável. Outros batimentos são os deslocamentos com o casco pelas cabeceiras a fim de encontrar peixe.

O informante FC 3 sou eu, autor da pesquisa, que mostra alterações de 113 bpm aos 38 minutos de atividade, quando se deslocava para encontrar agentes informantes.

O sujeito FC 4 é acompanhado numa viagem de 65 minutos, quando se dirigia para o roçado. No porto deixamos o casco e caminhamos com os apetrechos por mais 35 minutos. A curva acentuada entre os 40 minutos com 93 bpm foi identificada quando o remador passava por um obstáculo (barranco - amontoado de capim), comum nessa época da seca.

4.1.1) As situações em que é empregado o remar.

Os habitantes da comunidade utilizam-se da habilidade de remar, com foi mencionado, em situações diversas. Essas atividades são desenvolvidas quer em zona de rio, paraná, lago, cabeceira⁵⁰ ou no igapó⁵¹.

A característica dessa habilidade, conforme descrito acima, se mantém em todas elas, ou seja, ao observar alguém remando é impossível negar tal prática; entretanto, não se vê igualdade na repetição dos gestos. Cada remador se distingue do outro por sua individualidade; assim, podem ser reconhecidos pelos moradores da comunidade quando vêm pelo rio remando.

A pesquisa participante e as experiências dos anos proporcionaram captar peculiaridades no emprego dessa habilidade

⁵⁰ Segundo Alcides Werk (Op cit, p.271), cabeceira: nos rios e lagos de água preta, canais que adentram a terra firme com dimensões maiores que as dos igarapés, às vezes por muitos quilômetros, sem, contudo, ter vida própria, pois, em regra, terminam (ou começam) com um simples olho-d'água.

As cabeceiras podem ser recêntricas que ocorrem em qualquer parte do percurso dos rios amazônicos.

⁵¹ Segundo Werk (Idem, p.276), trecho da mata, de vegetação própria, penetrado normalmente pelas águas, nas enchentes.

voltada para objetivo do remador. Nesse caso seu emprego é vinculado a zonas como as citadas no final do parágrafo anterior.

Portanto, o remar em áreas livres como lagos, rios, paranás tem se mostrado ao observador, conforme a descrição. O que difere entre eles é o fato de que no paraná, o homem sofre ação direta das correntezas sendo mais forte quando vai secando o rio e menos quando o rio está cheio, ou seja, ao subi-lo emprega maior força, o que exige maior resistência para tal; assim aumenta o ritmo dos ciclos das remadas para que a canoa mantenha sua velocidade. A volta é favorecida pela correnteza, e a função do homem passa a ser praticamente a de guiar a embarcação.

Em caso do rio ou lago a habilidade do remador não sofre tanta a ação da correnteza. A força e resistência empregadas na ida podem ser empregadas na volta. É bom lembrar que não estamos sendo ingênuos em pensar que tudo é a mesma coisa. Pelo contrário, os gastos energéticos estão relacionados, com as intenções do homem, ou seja, as distâncias maiores ou menores e clima imprevisível. Por outro lado, a correnteza de um rio ou de lago, dentro da área desta pesquisa, não se compara à de um paraná ou do Rio Madeira, Amazonas ou Solimões, em cujas águas são vistos árvores, troncos e capins arrastados pela força da correnteza.

Quando a habilidade do remar é empregada em zona de igapó _ou de cabeceira, a situação se modifica, é mais especializada. Os igapós se caracterizam por extensões de terras alagadas na época da cheia do rio, quando a água adentra parte de florestas e a vegetação submersa faz parte dessa paisagem peculiar. Essas zonas são propícias à prática da pescaria e da caçada, tanto diurna quanto noturna. É com essa intenção que os moradores da comunidade as freqüentam. Necessitam, contudo, de experiência e de habilidades para se deslocar no seu interior com canoas ou cascos.

Compreende-se que as características do remar se mantêm. Em áreas de igapó e de cabeceira, detectam-se algumas peculiaridades

identificadas nos indivíduos, ao submeterem-se à mesma situação de estímulo. Entre elas se observa uma redução da amplitude do movimento da cintura escapular. As remadas são mais próximas ao casco, em razão das árvores e cipós que se mostram à frente, nos lados e atrás do pescador ou do caçador.

Esse homem, com o olhar atento, busca entre os obstáculos melhores caminhos, entendidos como desafios. Para quem não conhece, é um labirinto. Em muitas áreas, pelo emaranhado das árvores e cipós, não se consegue ver as margens e elas se mostram ao inexperiente como se fosse tudo igual. Mas, na verdade, essa igualdade desaparece para quem domina o conhecimento do meio.

Na redução da amplitude dos movimentos, os braços se flexionam ainda mais, o que implica aumentar o ritmo das remadas, quando o homem sai em perseguição a um peixe ou a uma caça ferida. Isso é feito para desviar-se das árvores que vão surgindo à sua frente, bem como para manter a direção desejada e o ritmo do casco, que desliza suavemente entre as árvores

Os joelhos permanecem flexionados, embora mais fechados, para que não batam nos obstáculos nem atrapalhem a remada, quando é puxada muito próxima ao casco. Quanto à postura do tronco, ela é muito relativa, pois nessas áreas o caçador ou pescador atento aos obstáculos à sua frente, desenvolve manobras de baixar e inclinar-se para frente ou para trás e para os lados, conforme a necessidade.

Assim os homens realizam corporalmente essas atividades, mostrando habilidades especializadas frente às situações vivenciadas num meio ambiente, onde o estímulo contínuo é um dos fatores de seu aperfeiçoamento.

4.2) A quebra do ouriço da castanha amazônica: procedimentos corporais^{*}

O empenho corporal do homem quando na safra da castanha, no momento de quebra de seus ouriços⁵², é muito relativo. Depende da safra e do destino do produto coletado. Numa conversa com um morador da comunidade, foi obtida a seguinte informação: Evandro, a castanha é vendida por lata⁵³. Quantos ouriços você quebra para encher uma lata?

“Conforme, se for castanha pequena, 60 ouriços enchem uma lata, se for castanha grande, 40 ouriços dão pra encher uma lata. No ano passado (1993) eu quebrei 1200 ouriços em um dia.”

Os gestos envolvidos nessa prática, ou em qualquer ação em que é empregado o terçado, é repleto de individualidade. Por suas características, eles não negam aos olhos do observador a atividade que estão desenvolvendo. Assim, o ouriço é quebrado com o auxílio de ferramenta, que na região é conhecida por terçado, e em outras regiões do Brasil chama-se facão. (Foto 17, pág. 117)

Na nota 52 e na descrição que segue, comenta-se com quantas terçadadas⁵⁴ pode-se quebrar um ouriço. Esses dados foram extraídos de filmagem, tendo-se cuidado em contar quantos golpes de terçado

* Na análise dos movimentos ligados a este tópico, tivemos a colaboração de Miguel de Arruda, professor de atletismo e teoria do treinamento da Faculdade de Educação Física/ UNICAMP.

⁵² Segundo o dicionário Aurélio (op cit), ouriço é 1. O invólucro da castanha.

Essa definição, acredito, não permite ao leitor ter noção do quanto é “duro” o ouriço da castanha. Para ter essa idéia, uma pessoa como eu, consegue partir um ouriço com 9 ou mais terçadadas. Os caboclos, apesar de sua técnica e familiaridade com o terçado, partem o ouriço de 3 a 12 terçadadas.

Segundo um dizer popular, a cutia, mamífero roedor, quando está roendo o ouriço seus dentes ficam em brasa de tão quente. Estes sons permitem aos caçadores localizarem este animal.

Por outro lado, a cutia é disseminadora da castanha. Ao abrir o ouriço ela carrega para outros lugares algumas castanhas e enterra para comer outra hora. Se for abatida por caçador ou presa de outro animal, há grandes possibilidades de nascer castanheiras em outras áreas. Tais considerações pode ser visto nos estudos de Moran (1990, p. 200), citando Huber : a dispersão dos castanhais é facilitado pelas cutias.

Outro fato, são acidentes que acontecem com o ouriço de castanha. Por ser a castanheira uma árvore de grande porte (chega a mais de 40 metros de altura), algumas pessoas ao coletar ouriços podem ser surpreendidas quando ele cai da árvore. Eles causam a morte ou deixam graves seqüelas.

⁵³ A lata de manteiga ou de querosene de 18 litros é a medida utilizada pelos regatões e comerciantes da sede do Município.

⁵⁴ Na região, terçadada é proveniente do nome da ferramenta terçado.

foram utilizados por quatro sujeitos da pesquisa para quebrar alguns ouriços.



(Foto- 17) Homens demonstrando a quebra do ouriço da castanha amazônica.

As pessoas utilizaram:

- a) 15 golpes para quebrar um ouriço;
03 para quebrar outro;
05 para quebrar mais um.
- b) 12 terçadadas para quebrar um ouriço;
02 para quebrar outro;
13 para quebrar mais um.
- c) 12 terçadadas para quebrar um ouriço.
- d) 13 terçadadas para quebrar um ouriço.

Não se pretende tirar a média, mas o número de golpes desferidos para a quebra do ouriço varia com a sua consistência, com o fio do terçado ou com a habilidade e força da pessoa que o quebra. Nesse caso, a quantidade de ouriços e o tempo que se leva para quebrá-los vai influenciar na sobrecarga muscular, pois o ritmo dos golpes desferidos indicam ser constantes, principalmente se o número de ouriço é grande. Lembre-se de que as pessoas não quebram grande

quantidade de ouriços diariamente, pois, por não ser produto cultivado, depende inteiramente da generosidade da natureza. Conforme a quantidade de castanheira, pode-se fazer uma ou duas coletas por semana.

Se for um período de fartura, a lei da procura e da oferta pode desvaloriza a castanha, provocando descontentamento entre moradores da comunidade. Sabedores disso, guardam o produto até alcançar um preço razoável. Quando a safra é escassa, há brincadeiras feitas por alguns moradores na comunidade, ao ouvirem os ouriços caindo: *"Sobe açúcar, sobe café, sobe arroz..., que o dinheiro está caindo."*

Partindo-se da postura corporal adotada pela pessoa que vai quebrar os ouriços, observa-se que ela troca de posição conforme a quantidade e o tempo que leva para quebrá-los. São ajustes necessários, a fim de conseguir uma postura mais confortável, ao longo da execução dessa atividade.

A quantidade está relacionada com a finalidade da castanha: serve para complementar a alimentação da família, para fazer um mingau, um beiju etc, ou para ser comercializada. Foram observadas duas posturas básicas: "sentada " e "agachada".

Sentadas, as pessoas variam as posturas que lhes possibilitam quebrar maior quantidade de ouriços. Dessa forma, podem sentar-se com pernas unidas e estendidas à frente do corpo e/ou com pernas flexionadas e joelhos em afastamento lateral. O sentar pode ser mais viável quando se quebra grande quantidade de ouriço.

A postura agachada possibilita variar para:

a) agachado com uma das pernas flexionada e apoiada no terço anterior do pé. Senta-se sobre o calcanhar, e o joelho pode ou não ser apoiado no chão; a outra perna na qual o peito pode ou ser apoiado, permanece semi-flexionada à frente do corpo.

b) agachado, com as duas pernas flexionadas; com apoio ou não dos joelhos no chão e sustentando-se no terço anterior dos pés, possibilita sentar-se sobre os calcanhares. Nessa posição os joelhos

estão em afastamento lateral, facilitando o equilíbrio, bem como o corte dos ouriços.

Os braços empregam movimentos: segurar o ouriço de um lado e quebrá-lo com o auxílio do terçado do outro. O ato de quebrar o ouriço é executado pelo lado dominante, até o momento em que se tenha conseguido a cota almejada. Não alternar os movimentos de braços pode indicar uma sobrecarga unilateral da cintura escapular, que vai ser maior ou menor conforme a quantidade.

O braço que executa o golpe está em constante semi-flexão e desenvolve um “movimento cíclico” o qual pode-se compreendido por fases:

a) a preparação para o golpe realiza uma força concêntrica⁵⁵, ou seja, a ferramenta é levada para cima e um pouco para trás do corpo;

b) o desfecho do golpe exige aplicação de uma força excêntrica, ou seja, baixar o braço com o artefato, até atingir o ouriço;

c) uma fase de recuperação, importante no ciclo, sob o ponto de vista fisiológico. Proporciona à musculatura um momento de relaxamento e sob o ponto de vista funcional, executa a liberação do ouriço preso ao terçado, ao batê-lo no chão.

No momento da liberação do ouriço, quando o braço faz uma breve parada sobre a coxa, dá-se a recuperação muscular.

4.3) Caçada

*“A caçada não é pra qualquer um.
Quem não tiver com ouvido atento ou não conhecer, não está nem
ligando. Pouco sabe distinguir os ruídos.”*

A caçada⁵⁶ está relacionada diretamente com as estações do verão e vazante do rio, e inverno e enchente do rio, e por conseguinte com o

⁵⁵ Estamos nos orientando nas definições de Barbanti (1979) e Weineck (1991) ao empregar os termos força concêntrica - quando há superação da resistência ; força excêntrica - quando a resistência é maior do que a força muscular, provocando, um movimento de recuo.

Embora o movimento de baixar o braço com o terçado empunhado não exemplifique a força excêntrica, estamos utilizando tal termos para uma melhor compreensão do ciclo do movimento.

aparecimento de frutas e de animais silvestres. Pois, "... a floresta pluvial não possui uma época de floração definida, mas há sempre uma variedade de árvores em floração." (Moran 1994, p.313)

Nas estações, concentram-se as modalidades dessa atividade, algumas das quais são praticadas pela maioria dos moradores da comunidade e outras por uma pequena parcela. Dentre as caçadas⁵⁷ encontra-se: caçada de canoa, andando pela mata, de moitá e caçada de cachorro.

Para ser um bom caçador, há necessidade de dominar uma dessas modalidades; assim após ter experimentado algumas delas ou ter vivido no meio de uma delas, o caçador por opção especializa-se naquela que mais lhe agrada e passa a desenvolver seu estilo.

Caçada na mata

Na caçada andando pelo mata⁵⁸, observaram-se, no deslocamento do caçador, sucessivos movimentos de flexão e inclinação do tronco à frente e para os lados, alguns agachamentos e bastante elevação de pernas, com flexão e extensão de joelhos, devido os estímulos que se apresentam à sua frente: árvores e troncos caídos.

Subir e descer áreas acidentadas (baixadas) fazem parte da rotina de uma caçada. Portanto, para o caçador percorrer grandes distâncias em busca da caça, nem sempre é tão fácil de ser encontrada, é indispensável aptidão física considerável, a fim de suportar uma

⁵⁶ Descola (1989) define caçada: "... como en todo empresa cinegética, éstos se fundamentan en el dominio combinado de los instrumentos para matar y de las técnicas de acosamiento y de acercamiento."

⁵⁷ Na caçada encontram-se variáveis por exemplo: caçada em moitá ou espera; caçada de canoa; caçada de cachorro. Dessas variáveis para obter-se detalhes das técnicas, faz-se necessário um estudo minucioso de cada uma.

Por exemplo: na caçada de pato, época em que o rio vai enchendo (janeiro e fevereiro) e o arroz-de-marreca está alto, pode-se ver a riqueza de gestos - pernas cruzadas, tronco fletido, movimentos de braços e balanço do tronco - permitido remadas precisas, suaves que fazem o casco deslizar sobre a água e por entre a gramínea. Essas técnicas permitem o caboclo se aproximar das aves. Atividades como essas exigem andarilhos para esgotar o tema, e não é aqui que conseguiremos isso.

⁵⁸ Mata - área de selva onde poucas pessoas transitam normalmente. Área onde são encontrados todos os tipos de animais (veado, tatu, paca, cutia, anta, onça, macacos, aves entre outros) e produtos da região (madeira, cipó, palha, castanha, copaíba entre outros)

atividade que inicia às 07:00 horas, ao entrar na mata e encerra entre 13:00 e 16:00 horas ao sair dela, ora bem sucedido, ora não.

Os caçadores preferem entrar na mata bem cedo, pois sabem que os animais noturnos (como veado ou a anta), ainda estão se agasalhando e os animais diurnos (aves, porcos, cutia) estão despertando; ainda estão sob efeito do descanso ou à procura de lugar para se agasalharem; portanto, mais susceptíveis de serem abatidos. À medida que as horas passam, o dia vai esquentando. Com isso, os animais se tornam mais espertos e ariscos.

Essa estratégia também verificado entre índios Achuar, relatado por Descola (1989, p. 321), "*... os períodos mais propícios do dia são o início da manhã e o fim da tarde, quando todos animais diurnos e noturnos estão ainda sonolentos na atividade depois de se despertar ou antes de dormir.*"

Quando o caçador percebe a presença de caça (aves, animais) pela área que está andando, desenvolve um caminhar mais suave, um pisar cauteloso e seguro que vai do calcanhar à ponta do pé.

O corpo, como um todo, apresenta-se com movimentos leves⁵⁹, mãos levantam galhos, o tronco acompanha esquivando-se olhos e ouvidos atentos buscam entre os arbustos e árvores a caça camuflada⁶⁰.

Ao perceber o canto de uma ave (jacu, mutum, cujubim) ou o voar desta para sentar numa árvore, o caçador experiente sabe que deve evitar bater nos arbustos, pois se isso acontecer repercutirá para sua copa, mexendo-a. O pássaro que está na copa da árvore, silencia como sinal de que percebeu algo. A partir desse momento, qualquer

⁵⁹ Movimentos leves - aqueles desenvolvidos tipicamente pelo caçador. Não querendo ser percebido pela caça executa movimentos lentos e seguros e eficientes, permitindo se aproximar da presa sem ser percebido.

⁶⁰ Compreendemos como sendo "percepção cinestésica", definido por Tubino (1984, p. 167) como "é aquela impressão que capacita os atletas a permanecerem num estado de alerta para as possíveis movimentações da disputa e com noção de toda a área em que poderão ocorrer deslocamentos, e ainda com um sentido apurado nos lances dos adversários. Enfim, é a capacidade da noção global da disputa em que o atleta está empenhado. Quanto mais destreza o atleta apresentar, mais naturalidade e segurança deverão ser constadas."

Um caçador ou pescador com uma boa percepção cinestésica terá melhor resultado em suas atividades, pois como Tubino fala, "a falta de uma percepção cinestésica realmente prejudica a destreza".

movimento em falso afugentará a presa. Entra, então, a habilidade do caçador.

No momento em que se dá conta da presença do animal, o caçador transfere o andar para as pontas dos pés. Esse, com menor porção de atrito, permite ao caçador a arte de se deslocar com o máximo de silêncio. Este comportamento, unido à *paciência* do caçador, é elemento de extrema necessidade para que tenha resultados positivos, ou seja, sem tirar a atenção de sua caça, seus movimentos tornam-se precisos e seguros.

Quando está acompanhado, ao avistar a presa, a *mímica* assume o diálogo. Os gestos comunicam: fazer silêncio, parar de andar, se agachar. Enfim, sabe-se quem e por onde vai abordar a caça.

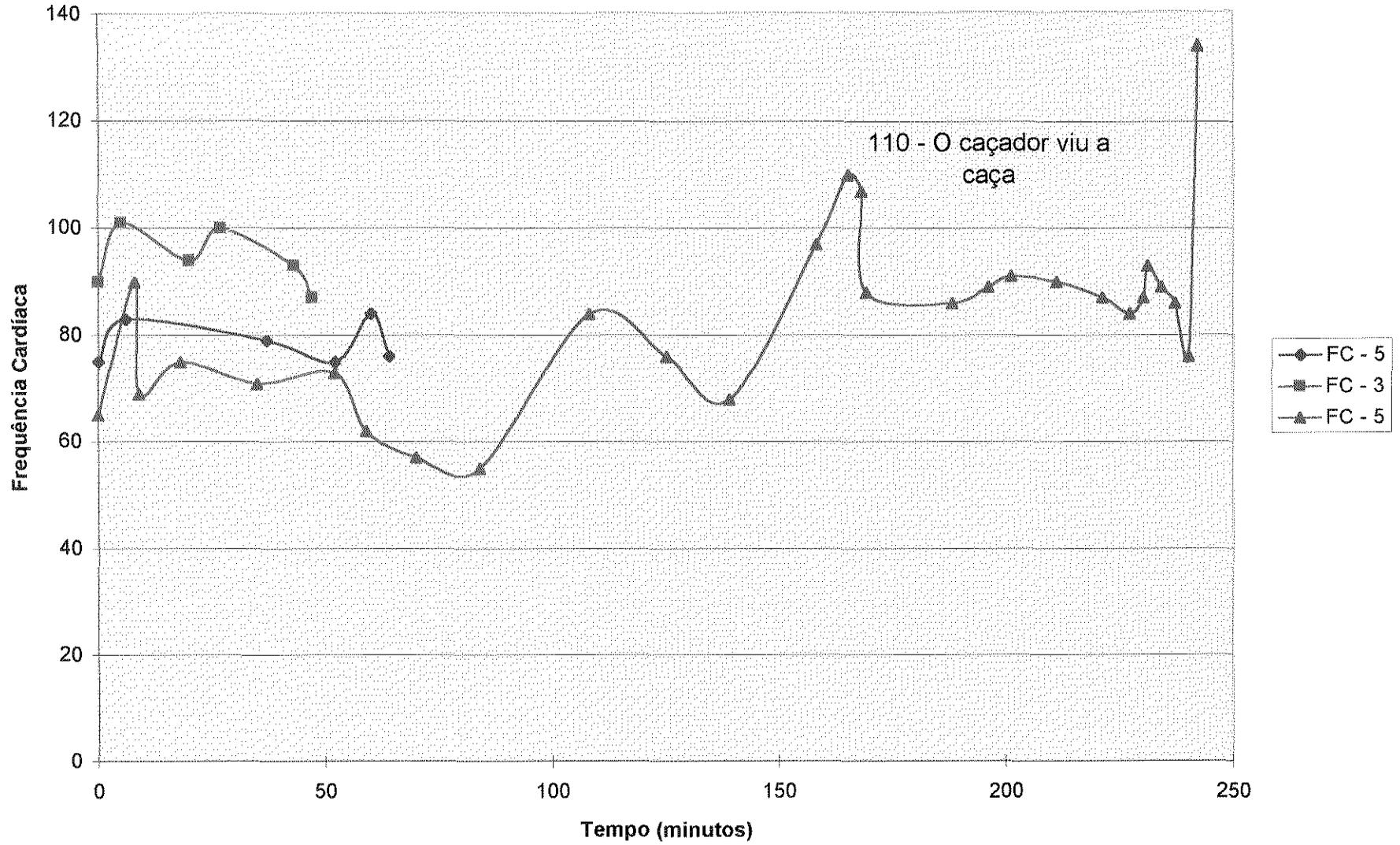
Numa caçada pela mata verificaram-se as frequências cardíacas de dois sujeitos, utilizando para isso o frequencímetro. O perfil dos informante é resumido no quadro abaixo.

SUJEITO	DADE	ESTADO CIVIL	ESPECIALIDADE	OUTRAS ATIVIDADES	PREDILEÇÕES
5 Raimundo	40	casado	caçada, coleta	roçado, faz casco	festas, futebol, caçar
3 Gláucio	32	casado	autor da pesquisa	leituras	caminhada

O caçador acompanhado é homem que tem prestígio na comunidade devido a suas habilidades nessa atividade. A caçada teve início às 07:00 horas e deu-se por encerrada às 13:15 horas em sua casa. Nesse percurso anotaram-se as variações da frequência cardíaca durante o tempo em que permaneceu em atividade.

O gráfico na página 123 nos mostra a seguinte situação: a primeira hora caminhada pela mata é do caçador (FC 5), e não mostra elevação superior a 90 batimentos por minuto (bpm).

Atividade Corporal : Caçar



Na segunda hora, os batimentos representados são do pesquisador (FC 3), e mostram alteração na curva, passando dos 100 bpm.

Na continuidade da atividade, o aparelho volta para o caçador (FC 5), que nos apresenta uma pequena elevação dos batimentos por volta dos 120 minutos, justamente quando ele vê, de repente, uma ave, atira nela e não acerta. Continuando, percebe-se outra curva mais acentuada por volta dos 165 minutos, quando o caçador vê um macaco, atira nela e acerta. Em seguida, há uma maior pronunciamento da curva, justamente quando ele dá pequena corrida atrás da caça que tenta fugir, e se mantém excitado por alguns minutos.

Por volta dos 230 minutos, chegamos ao local onde colocamos o aparelho, houve uma pausa; pegamos uma canoa para chegarmos ao porto de sua casa. A elevação máxima da curva, por volta de 240 minutos, foi o momento de o caçador subir a ladeira, que se forma no período da seca do rio, em frente à sua casa, (Foto 18, na pág. 125). Por esse segundos, os batimentos chegaram a 134 bpm.

As oscilação que apresentam, fora do momento de atirar, são devidas, a passagem de obstáculos dentro da mata.

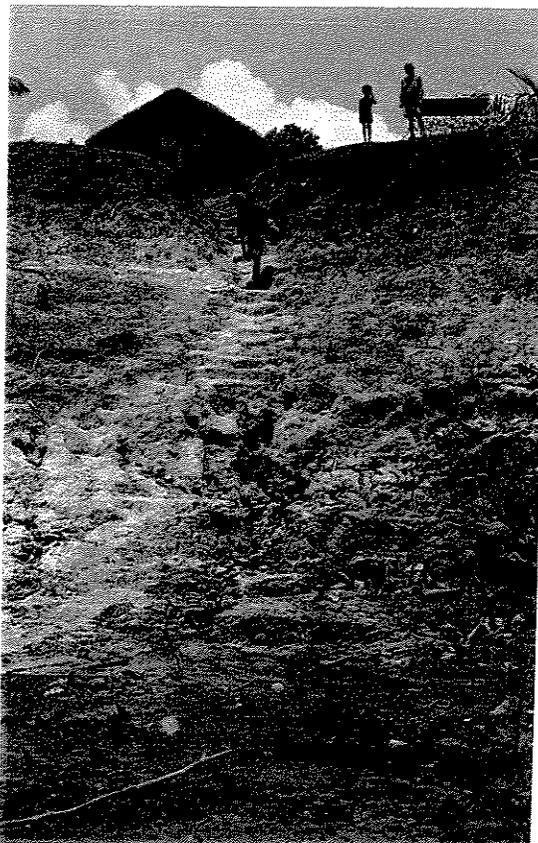
Embora esse tipo de caçada pela mata seja praticada o ano todo, há uma época em que os caçadores consideram melhor, ou seja, o período da cheia do rio e o inverno.

Nessa época formam-se os grandes poços nos centros da mata e a água adentra as cabeceiras; isso força os animais a se concentrarem no teso (parte mais alta da várzea ou terra firme). É mais fácil para o caçador, conhecedor de alguns pontos estratégicos, encontrar algum tipo de caça, o que não acontece no verão.

No verão e na seca do rio, a terra está toda de fora. Surgem as grandes baixas e os animais ficam transitando com maior frequência por elas, para encontrar fruteiras em produção.

Por esse período, a extensão de terra a ser percorrida é bem maior, e os animais se encontram em alguma parte dela, ficando mais

difícil para o caçador trilhar todo o percurso, e assim nem sempre é bem sucedido.



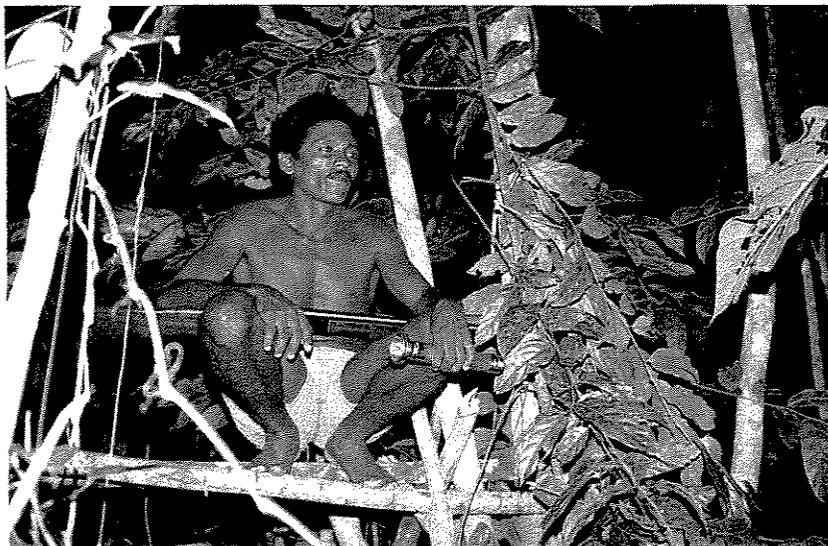
(Foto-18) No porto das casas, as grandes ladeiras no período da seca são estímulos cardio-respiratórios.

Por essa atividade estar vinculada ao tempo natural, há duas observações que os caçadores destacam. No verão forte, as folhas caídas no chão estão secas, o que facilita ao caçador perceber qualquer som que esteja no seu raio de ação^{*}. O ruído pode vir de uma boa presa ou de uma lagartixa, o que passa pela seleção auditiva do caçador.

Por outro lado é muito fácil, que o caçador seja, também, percebido pela caça, que geralmente foge correndo. Embora o caçador seja habilidoso, ao andar sobre folhas e gravetos secos, estes se

* Não recordo quantas vezes fiquei impressionado com a capacidade do companheiro em detectar e identificar, num repertório de ruídos peculiar às matas (galhos rangendo com o vento, macacos pulando pelas árvores e derrubando frutas, paus quebrando, grilos cantando, passarinhos por todo lado entre outros) sons específicos (por exemplo: porcos quebrando sementes nos dentes, mutum cantando etc). Para encontrá-los leva-se de 10 a 20 minutos andando pela mata.

quebram e podem ser ouvidos de longe. Durante esse tempo, os caçadores preferem andar na mata após uma chuva que caiu no dia anterior. A chuva deixa úmidas as folhas, que não produzem tanto barulho.



Em cima (foto- 19a), no moitá, à noite, o caçador aguarda ruídos de caças. Embaixo (foto-19b) pesquisador no moitá mais sofisticado.



Essa época favorece muito a caçada de moitá⁶¹ (fotos 19a e b .pág. 126), que é feita geralmente à noite. Com as folhas secas, é mais fácil ao caçador perceber a uma certa distância, a aproximação da caça.

No período de inverno, a chuva (na região conhecida como chuva branca) complica a caçada. O caçador dificilmente sairá num dia nublado com ameaças de chuva. Quando cai uma chuva forte no mato, há possibilidades de errar a direção. O mau tempo esconde o sol e a mata assume um aspecto de igualdade, a chuva camufla as trilhas percorridas.

Na chuva e dentro da mata, ou na caçada de canoa à noite e de moitá, a percepção auditiva e visual do caçador é totalmente prejudicada, pois os pingos d'água sobre as folhas dos arbustos e o vento proporcionam um estímulo falso. Tudo se mexe e provoca sons (como os pingos da chuva) chamando a atenção do caçador.

Sobre esse assunto, Descola (1986, p.323), fala: "*...um Achuar nunca sai praticamente para caçada se o dia se anuncia muito chuvoso, porque o ruído das gotas da chuva batendo nas folhas basta para cobrir todos os outros sons.*"

Mas em condições de chuva, se o caçador avistar um animal, é mais fácil conseguir abatê-lo. O *mau tempo* também prejudica a percepção aguçada dos animais. Eles não conseguem perceber o andar do caçador sobre as folhas molhadas, tornando-se alvo fácil.

O tempo chuvoso, com um chuvisco caindo no início na manhã ou pelo final da tarde, é o tempo que os caçadores querem para caçar pato selvagem. Essa ave, por ser arisca, torna-se alvo mais frágil num tempo como esse.

⁶¹ Moitá - é definido no dicionário da Língua Geral por E. Stradelli (1929), "Mutá - Giráu. Estrado feito a certa altura da terra e dissimulado com folhagem, onde o caçador se porta à espera da caça que deve vir beber água nalguma fonte ou poça proxima, comer as fructas caídas ou lamber a terra, nos logares onde ha afloramento de saes."

É bom evidenciar que na caçada em moitá, quando é distante da casa ou quando se pretende passar a noite, o caçador leva sua rede de dormir.

Caçada de Canoa.

Quanto à caçada de canoa (entre julho e agosto), exige do caçador grande habilidade em manusear o casco (veja descrição do remar) por entre as árvores das cabeceiras, no período da noite. Essas áreas são propícias à caça, pela concentração de animais à procura de frutos em suas margens, ou para beber água.

O caçador, dominando a habilidade de manobrar o casco por entre as árvores, com o remo de um lado e a lanterna do outro, precisa agora estar com suas percepções treinadas: a visual para, no piscar do foco da lanterna, ter uma visão ampla dos obstáculos à sua frente e, a auditiva, atenta a qualquer estímulo. Essa percepção bem treinada dá ao caçador uma capacidade de selecionar ruídos. Ele sabe se é um sapo, um rato ou uma paca mexendo-se ou roendo uma fruta.

A partir da seleção dos ruídos, o caçador aproxima-se da caça usando toda a sua coordenação óculo-manual, a fim de não perder a oportunidade. É o momento de deixar o remo e pegar a arma.

Caçada em moitá

A caçada de moitá exige do caçador uma boa percepção auditiva, pois ela é praticada em sua maioria à noite. Sentado na rede ou sobre um jirau, o caçador fica à espera da caça que vem comer frutas ou beber água no bebedouro, devido ao calor excessivo do verão.

No moitá o caçador deve evitar fazer movimentos bruscos, a fim de não ser percebido pela caça. Ao desenvolver este tipo de atividade, o caçador, se for bem sucedido, terá o dia seguinte livre para outras ocupações.

Caçada de cachorro

Quanto à caçada de cachorro, na opinião dos moradores da comunidade, é a mais puxada, em termos de exigência de uma resistência cardio-respiratória e muscular, pois é feita correndo pela mata, onde não há caminhos abertos. O caboclo fez o seguinte comentário: *“a gente corre muito, que nosso coração fica pulando. É muito puxado, camarada.”*

Essa caçada geralmente é feita com 1 a 6 participantes, em área de ilha, capoeira e mata, após os caçadores terem estudado previamente o ambiente e encontrado vestígios de animais. Quando um caçador se aventura sozinho, torna-se mais difícil apanhar a caça, a menos que seus cães sejam bem treinados.

A composição da caçada de cachorro é feita da seguinte forma:

Para o mato vai o dono do cachorro (mandador), pois os animais só atendem aos seus comandos. Quando os cães avistam a caça, o mandador atíça-os a fim de alcançarem a caça o mais rápido possível.

Acompanham o mandador dois caçadores armados, que correm paralelos entre si, a cerca de 50 a 70 metros de distância um do outro. As regras dessa caçada são simples: não se pode correr nem atirar em diagonal e só o dono dos cães deve gritar.

Os caçadores e o mandador se orientam pelos latidos dos cães; eles sabem quando a caça está sendo perseguida, encurralada ou se simplesmente os cachorros perderam a presa. Essa orientação se dá por uma distância que chega a mais de 100 metros e supõe-se que a caça vá à frente dos cães de 70 a 100 metros. Algumas vezes, o latir dos cachorros fica muito longe. Quando ficam nessa perseguição, a caçada dura várias horas⁶².

⁶² Em nossa experiência, os caçadores após uma merenda reforçada (o famoso quebra) entraram na mata com os cães por volta das 08:00 horas e saíram às 13:30 horas sem ter abatido caça. Suados, o cansaço e a fome motravam-se em suas faces.

A caçada de cachorro, embora seja praticada por alguns moradores da comunidade, é, também, uma atividade alvo de crítica. Os moradores sabem que tal prática afugenta os animais da redondeza deixando-os ariscos.

Fora os homens que adentram a mata atrás da caça, localizam-se em pontos estratégicos os esperadores. Os pontos são as trilhas que o animal, geralmente o veado, que está sendo perseguido tem o hábito de percorrer durante sua freqüência para comer numa roça ou atravessar uma cabeceira. Assim, ficam caçadores nas trilhas em terra e / ou de canoa, esperando que o animal caia n'água.

Todos os participantes da caçada sabem que, se os caçadores não conseguirem abater o animal, essa responsabilidade cabe aos esperadores, que, situados nos pontos estratégicos, devem estar preparados, assim que ouvirem os cães dirigindo em sua direção. É o momento em que a tensão aumenta. O nervosismo nos menos experientes é evidente. O esperador geralmente tem uma chance, pois o animal vem correndo.

Como geralmente se caça o veado , ele corre em sucessão de saltos, e o esperador deve ter experiência e saber atirar no “tempo de vôo” do animal. Entre um salto e outro, deve ser abatidos. Se isso não acontecer, ao tocar o chão, o animal sai para outro salto e assim por diante.

Quando o caçador não consegue atirar no salto, ele atira na direção em que o animal está correndo, pois é mais fácil que projétil o alcance.

4.4) Pescaria

*“...Tudo pode fazer, vai depender da prática.
Os outros tipos de pescaria precisa de prática, mas qualquer um pode fazer,
depende do interesse. Vai depender da prática, de acompanhar outro que sabe, ele
vai vendo e vai aprendendo. O outro vai falando e ele vai aprendendo.”*

As pescarias mais desenvolvidas concentram-se em: pescaria de caniço, malhadeira, tarrafa, espinhel, arco e flecha, linha, arpão, porongação (ou facheação), currico, sururucar (captura de tracajá) e outras.

As modalidades dessa atividade não são interrompidas bruscamente: elas vão se manifestando, a partir do momento em que o rio começa a secar ou a encher, ou quando os frutos começam a cair n'água.

Pescaria de caniço

“...Porque é uma pescaria comum e qualquer um pode pescar.”

“...quando não tinha malhadeira, era a linha e o caniço.”

A pescaria mais comum é feita de caniço (foto 20, pág. 132) justamente por ser de baixo custo e ser uma das primeiras pescarias aprendidas pelas crianças na comunidade. Ela é aperfeiçoada e transmitida a outras gerações.

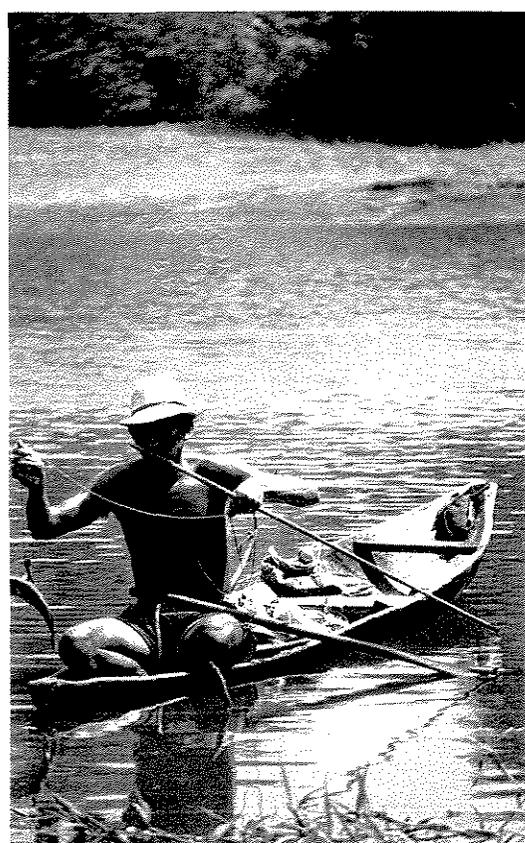
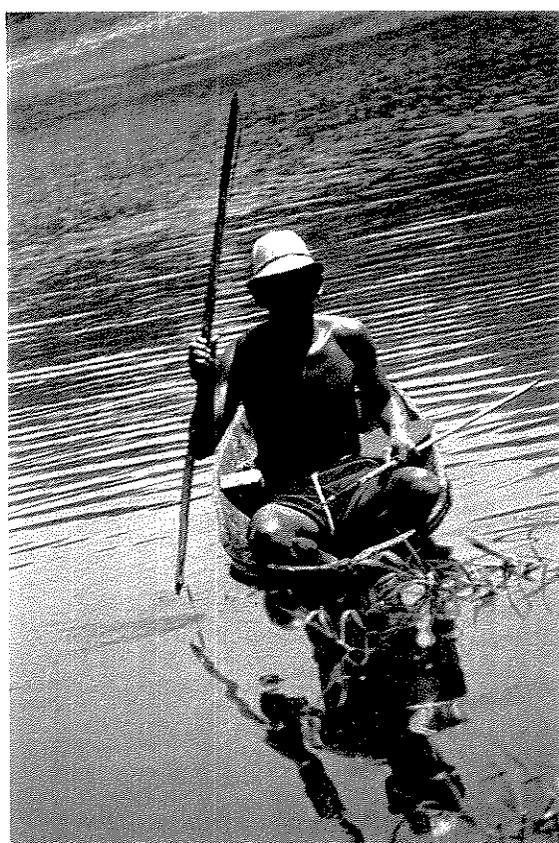
A técnica dessa pescaria está vinculada ao domínio da habilidade de manusear o casco ou a canoa. Uma das mãos e parte do prolongamento do antebraço seguram o caniço, enquanto a outra mão segura o remo para estabilizar o casco. A pescaria pode ser feita em deslocamento pelas margens dos lagos, igapós, capins ou pelas galhadas (árvores caídas), ou ainda o pescador pode ficar estacionado num desses lugares.

O importante é que haja uma boa coordenação entre manusear o remo, com o objetivo de controlar a canoa e lançar a linha no lugar que se deseja; para tanto a coordenação óculo-manual é importante.

Cada pescador tem suas peculiaridades, principalmente se observar o artefato que está utilizando, o peixe que deseja pegar e o ambiente onde está pescando. Assim, pescar de caniço implica observar no pescador movimentos variados dos braços, cujo objetivo é bater o caniço na água a fim de chamar peixe; puxar o caniço para o lado e para cima a fim de fisgar o peixe, entre outros movimentos.



Em cima (foto- 20), no banco de sua canoa o ancião se anima com acará que pescou de caniço. Embaixo (foto-21), a pescaria de arco e flecha,



O domínio dessas técnicas, acompanhadas do conhecimento das áreas de pesca e o condicionamento cardiorespiratório e muscular dão ao pescador o prestígio dentro da comunidade, pois em épocas mais

difíceis de peixe, é a pescaria de caniço, quando não se tem malhadeira, que salva a mesa de muitos moradores da comunidade.

Arco e flecha

“Quando a gente acerta, que ele não sai do bico, a sensação é que a gente vai comer ele.”

A pescaria de arco e flecha (foto 21 pág. 132) é uma modalidade não encontrada como prática comum, pois observa-se que o pescador precisa de certa habilidade no manuseio desses artefatos (que estão caindo em desuso), bem como uma coordenação óculo-manual adquirida com anos de prática em lagos, rios, cabeceiras e igapós, no período em que inicia a enchente até por volta do fim da vazante.

O pescador não domina a teoria da refração, mas sabe onde flechar a partir de cálculos previamente elaborados. Pois o peixe pode estar mais no fundo comendo algas que se concentram nos pés das plantas, ou em deslocamento ou ainda, na superfície do rio “aioando” (veja nota 42).

Flechar é saber deslizar com o casco pelo rio, com movimentos lentos e cautelosos dos braços ao manusear o remo, para se aproximar e não ser percebido pela sua presa. O pescador, ao avistar o peixe, executa movimentos suaves e precisos, que vão do posicionar o casco, deixar o remo e apanhar seu arco e flecha. Flecha-se também de cima do galho da árvore, o que dá uma visão ampla dos peixes que vão passando.

O corpo simboliza toda peculiaridade de movimentos finos e suaves rompida bruscamente ao atingir um peixe e esse sair levando sua fecha. Em fração de segundos, o arco é deixado no casco e o remar é ativado em busca da presa, dificilmente perdida.

Por exigir habilidade no manuseio dos artefatos como a própria habilidade corporal, não são todos que se dedicam a essa prática.

Pescaria de linha

Pescaria de linha é uma modalidade bastante praticada pelas crianças entre 9 a 11 anos e por adolescentes, no período da seca. É praticada pela fartura de peixe que se apresenta nessa época, por ser fácil pegá-los.

É um divertimento para essa faixa etária, principalmente porque os pais se envolvem nas atividades de roça, deixando a responsabilidade de trazer o peixe para o almoço e jantar nas mãos dos filhos.

Nessa pescaria, o pescador dirige sua embarcação (casco) para áreas que sugerem bons resultados. Ao chegar, numa postura ereta e pernas cruzadas, rodam a linha por cima da cabeça e lançam com precisão no lugar desejado, que pode ser próximo a uma galhada de árvore, a um barranco ou na margem do rio.

Essa prática de jogar e lançar a linha exige uma coordenação olho-manual que surpreende ao observador de fora, devido à precisão com que se consegue acertar o lugar desejado, à distância de 7 a 10 metros.

Essa pescaria é feita com isca viva ou morta. Portanto, antes de praticá-la, o pescador deve pescar suas iscas de caniço e colocá-las num recipiente com água a fim de que não venham a morrer. Sendo peixe miúdo (acará, aracu etc), pode ser feita com minhoca.

Se não tiver isca viva, o pescador corta um pedaço de peixe em tiras, para fisgar no anzol. Com a linha preparada, lança-a e após alguns segundos colhe rapidamente a fim de “dar vida” à sua isca e enganar o peixe que o abocanha e é fisgado.

A linha é colhida com movimentos circulares dos braços. Ao pegar um peixe, se o pescador sentir ser ele grande ou se a linha não resistir a ele, deve saber cansá-lo e depois puxá-lo para dentro da canoa.

Esse momento, em que se trava a batalha entre peixe e pescador, é um divertimento, pois serão narradas várias vezes entre os amigos esses instantes, em que a experiência sempre sai ganhando.

Pescaria de malhadeira

“A malhadeira foi a derrota da pescaria.”

*“Não sabem pescar a não ser de malhadeira.
No início todos debatiam contra a malhadeira, mas ela acabou
vencendo”.*

*“Aqui na comunidade fizeram um acordo: em tempo de seca pra
embargar a pescaria de malhadeira e batijão. Todos apoiaram, mas
deu de entrar gente.”*

*“Se o peixe não entrar na malhadeira os homens passam fome,
eles não sabem mais pescar.”*

Pescaria de malhadeira (fotos 22a e b, pág. 136), é menos exigente em termos de habilidades motoras e de condicionamento cardio-respiratório e muscular. Por estar amparado por um artefato mais sofisticado, o pescador seleciona a área por onde os peixes devem passar em maior quantidade e estende a malhadeira da margem do rio ou da ponta de um galho até uma vara que coloca, conforme o tamanho da malhadeira.

Esse artefato possui vários tamanhos e alturas. A linha com a qual é confeccionada, pode variar de fina, para pegar peixe pequeno como jaraqui, acará entre outros, a uma linha grossa para tambaqui e pirarucu.

Esse é um dos artefatos mais utilizados na época da seca do rio, e exige pouco do pescador, que pode se envolver com o trabalho na roça, maior nesse período.

Muitas pessoas que promovem o puxirum no período da seca e do verão utilizam a malhadeira, como o principal meio para pescar. Com a fartura de peixe por essa época, e a quantidade de alimento necessária para alimentar os participantes do puxirum, nada mais prático do que estender uma malhadeira e obter em tempo relativamente pequeno, a quantidade desejada.



Em cima (foto- 22a), pescador com malhadeira para pegar peixe grande: tambaqui, surubim, filhote de pirarucu, tucunaré açu etc. Embaixo (foto - 22b), adolescentes pegando a refeição na malhadeira mica.



O anfitrião que promove o puxirum, também é um pescador ou caçador; assim, em sendo pescador, conhece bem os lagos e cabeceiras onde os peixes se concentram. Como está seco o rio, e as passagens entre lagos e cabeceiras bloqueadas, os peixes ficam concentrados em espaços reduzidos.

O dono do puxirum, e isso é uma prática que podemos constatar nos dias que antecederam esses eventos, conhecendo uma cabeceira com abundância de peixe, leva a malhadeira e fecha sua entrada; em

seguida um companheiro rema, enquanto ele pega uma vara e sai batendo n'água por toda a extensão daquela área, forçando a saída dos peixes que dão de encontro com a malhadeira.

Esse tipo de prática é conhecido por *batidão*⁶³. Em questão de hora, o anfitrião tem todo o peixe desejado. Por outro lado, essa pescaria captura todo tipo de peixe. Aqueles que não são consumidos, são jogados ou servidos aos porcos, cães ou galinhas.

Em suma, a pescaria de malhadeira denuncia a destruição do saber fazer. A dinâmica do corpo no manuseio do arco e flecha, caniço, azagaia, arpão entre outros, é totalmente diferente da usada com a malhadeira. Ela exige muito menos e vai limitando os homens em seus conhecimentos e técnicas corporais.

Facheação ou porongação

*"... pescam à noite para trabalhar de dia. Facilita muito o trabalho."
"Com a porongação só pega peixe escolhido, coisa que a malhadeira não faz."*

Porongação ou facheação⁶⁴ (fotos 23a e b, pág. 139) é uma pescaria feita durante parte da noite sem luar. O luar deixa o peixe

⁶³ Batidão - nome da pescaria, na qual os pescadores colocam malhadeiras na boca de uma cabeceira e batem na água com pedaço de pau. Isso força a saída dos peixes para de encontrar como artefato.

A batidão não exige habilidade. Observamos que há excesso em seu uso pelos moradores para comercializar o pescado em Maués ou Boa Vista do Ramos. Tal prática é condenada pela maioria, devido a quantidade de peixe que se pega e estraga. Os moradores acreditam que isso causa grandes perdas aos lagos, pois "aquilo que se estraga não produz" e no ano seguinte fará falta.

Na seca os peixes aglomeram-se em poços e fácil capturá-los. Assim, se o peixe é visto como recurso comum, pode ser pescado e comercializado por qualquer um, mesmo que o benefício seja individualizado e as perdas socializadas. Os moradores da comunidade se reuniram e proibiram esse tipo de pescaria para a comercialização. Ficou acordado (em outubro de 1995) que os peixes só poderiam ser pescados para o trabalho de puxirum e consumo.

Ao visitar a comunidade em dezembro do mesmo ano, pude constatar tal prática, mesmo pelos que eram do contra. (Sobre tal assunto, veja referência na nota de número 26)

⁶⁴ Segundo Alcides Werk (op cit, p.275), facheação: pescaria noturna, com azagaia, facho ou poronga (veja definição dos dois últimos verbetes).

Azagaia: tridente engastado em cabo de madeira, para pescaria noturna, à luz do facho (tipo de madeira que, cortada os galhos, os quais são esfacheados numa das extremidade, e pegam fogo com facilidade e ilumina a água) ou da poronga.

acordado (melhor entender como nervoso, qualquer sinal de perigo ele foge) e fica mais difícil ser capturado, exceto em igapó denso. Quando a alimentação está escassa, tornando-se um problema para a família, essa pescaria pode ser feita no luar (não que seja uma prática comum), pois as copas das árvores fecham o clarão da lua deixando partes escura dentro dessa área.

Ela é praticada no período da cheia do rio e por um certo tempo, quando o rio vai secando. No período de escassez de peixe, a porongação é a atividade que consegue suprir a alimentação dos moradores da comunidade. O pescador pode pescar peixes escolhidos, coisa que a malhadeira não faz.

.Como na pescaria de arco e flecha, o sucesso da porongação está baseado na lei da refração. Assim os pescadores iniciantes, quando não têm muita prática, erram os peixes que estão entre raízes, pedras, capins. A profundidade em que se encontram engana a vista do pescador, o que não acontece com aqueles com anos de prática contínua, que mostram o porquê da grande importância dessa atividade para os habitantes da comunidade de Vila Fátima.

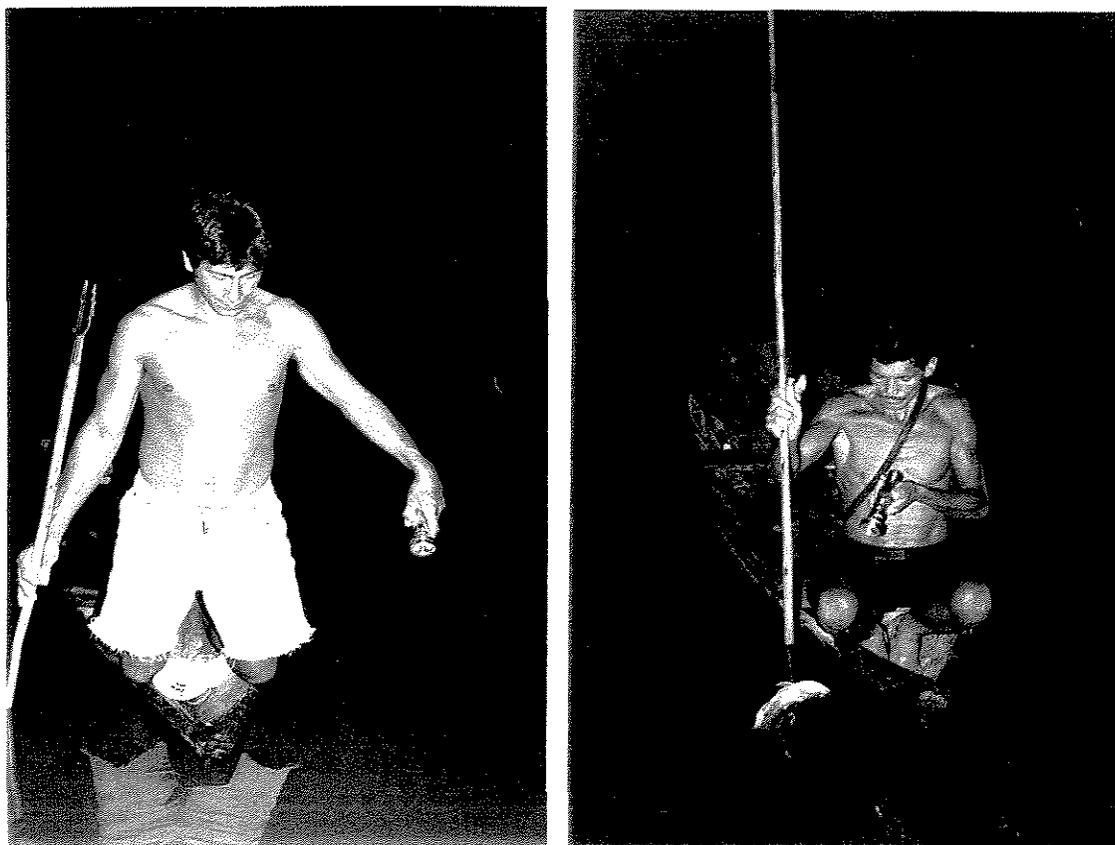
O pescador necessita dominar o manuseio do casco, pois a porongação, quando não é realizada em áreas limpas, como as margens dos rios, é feita em áreas de cabeceiras e igapós onde os peixes se concentram; portanto, há necessidade de o pescador mostrar-se habilidoso no deslocamento da embarcação, entre as árvores que se apresentam tipicamente nesse ambiente. Associada ao manuseio da azagaia, a cautela em se aproximar⁶⁵ do peixe e a coordenação óculo-manual proporcionam ao pescador bons resultados.

Poronga: Iaparina de folha-de-flandres, a querosene, guarnecida de um anteparo, para não ofuscar quem a usa, e para evitar que o vento a apague. É usada pelo pescador, na pescaria de azagaia e pelo seringueiro, que inicia o trabalho de sangria das seringueiras muito antes do amanhecer.

Na comunidade é raro ver pescadores de poronga. Hoje, é mais comum observar a utilização de lanterna na porongação. Quando não tem pilha ou lanterna, o pescador fica impossibilitado de praticar tal atividade.

Assim como a modalidade de caçada, na pescaria, para se obter detalhes de suas variáveis é necessário fazer estudos individualizados.

⁶⁵ Saber ajeitar, é o termo utilizado pelos caçadores e pescadores quando na aproximação bem sucedida de uma caça ou um peixe.



(Fotos- 23a e b) À esquerda, pescador numa postura que amplia seu raio de ação; à direita, com o peixe preso no tridente, o pescador garante a refeição da família.

Na prática da facheação foram observadas duas técnicas no emprego da azagaia.

A primeira técnica, se assim considerarmos, é feita quando o pescador, ao avistar o peixe, "lança a azagaia", solta-a como um lance de arpão. Essa técnica é empregada quando o peixe se desloca entre o chão e o nível da água, ou seja, ele está sem apoio. Isso pode ser visto no período da seca, quando o peixe se posiciona sobre o capim em estado de decomposição, quase à flor da água.

Se o peixe não estiver "apoiado" (isso na concepção do pescador), é mais difícil pegá-lo apenas espetando-o, pois ele acompanha a ponta do tridente e muitas vezes sai apenas ferido.

Uma segunda técnica, bem mais empregada pela época em que o rio vai enchendo, é usar a azagaia de encontro ao peixe e não soltá-la.

É a técnica “picada”, empregada quando o peixe está próximo ao chão ou encostado na raiz de alguma árvore. Nessa técnica, o pescador não solta a zagaia, ele imprensa o peixe contra a área onde está situado, ficando mais fácil pegá-lo.

Como em toda atividade, a porongação é repleta de individualidade. As posturas assumidas dependerá do estilo de cada um. Assim, podem ser observados pescadores sentados, agachados ou ajoelhados na proa do casco. O momento exige e desafia, o pescador não hesita em superá-los.

Pescaria de arpão

“Todo pescador tem que ter muita prática para pescar o pirarucu. Na boiada ele puxa o ar em cima, dá uma volta com o rabo e dá uma rabada. Faz bolha para um lado e o peixe sai em outra direção, é quando o pescador joga o arpão na frente que dá em cima dele.”

“O pirarucu não é besta. A ciência dele é: quem é que quer morrer. Ele vem espiar , aí bem. Aí vai lá, aí diz: o que! O peixe sabe.”

Dentre as modalidades de pesca, destaca-se a pescaria de arpão⁶⁶. Essa pescaria não está na prática comum entre os moradores da comunidade, pela habilidade que exige em manusear o artefato. Entretanto, é uma atividade conhecida por se pescar o “pirarucu”⁶⁷.

⁶⁶O arpão é o artefato completo, e é dividido em : harte de madeira resistente (madeira de lei) de aproximadamente 3 metros (duas braças e dois palmos como é mensurado); arpoeira: corda de 10 ou mais metros fixada numa bóia e no arpão; arpão - peça pontiaguda de ferro que fica no início da haste. Deve ser afiada e resistente para suportar o impacto em peixe como o pirarucu, peixe-boi ou mesmo jacaré ou capivara. O arpão tem o “alvado”, onde se firma a haste, e uma barbela na extremidade, na qual impede-o de sair do peixe. Há outras formas de pescar o pirarucu, por exemplo: malhadeira, anzol as quais não são exploradas neta pesquisa.

⁶⁷O pirarucu é um dos maiores peixes da região amazônica. Sua carne é maximizada no mercado local. Do pirarucu o pescador aproveita quase tudo: a escama servi para artesanato ou lixa de unha; sua língua óssea, como lima para ralar bastão de guaraná ou outros produto; os órgãos (coração, fígado) são aproveitados em pratos especiais. Segundo Moran (1974, p. 147), o pirarucu chega a alcançar mais de 400 libras.

O pirarucu possui duas formas de respiração: alveolar e branquial. Quando vem respirar, é capturado pelos pescadores com arpão.

O pescador em suas andanças descobre o local onde os peixes, macho e fêmea, estão vigiando seus ovos e se revezando nessa vigia com intuito de evitarem predadores.

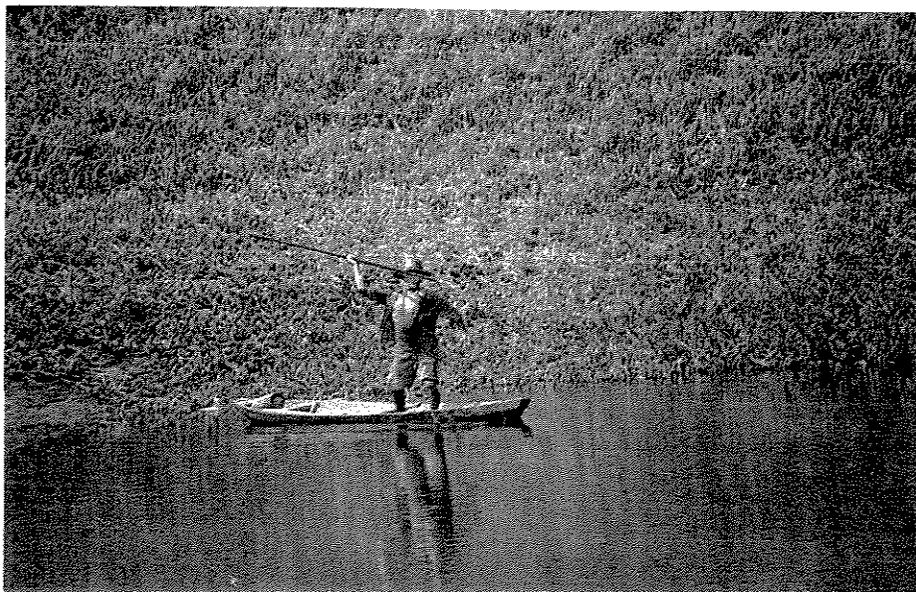
Como o pirarucu precisa renovar periodicamente o oxigênio, vem à superfície a intervalos de 15 a 30 minutos⁶⁸ aproximadamente, sempre em locais diferentes, que vão de 5 a 15 metros de distância do pescador. Quando o peixe repete a boiada numa mesma área, o pescador se prepara pois possivelmente ele volte naquela área na próxima respiração.

Essa pescaria pode durar horas e para praticá-la seus adeptos precisam de habilidades e de uma virtude: *paciência*. Sentado no banco de uma canoa, agachado no barranco ou em pé sobre um galho de árvore o pescador espera por 3 a 4 horas para abater um peixe. Quando não o consegue e a fome está insuportável, deixa o local e regressa no outro dia: a luta reinicia.

O pescador pacientemente numa postura de expectativa aguarda o peixe boiar a uma distância que possa lançar o arpão e acertar o alvo, a partir de cálculos previamente estudados baseados em anos de experiências. Não vendo o peixe vir à superfície respirar, o pescador lança o arpão no momento em que a cauda desaparece na água. Esse pode ser lançado mais à frente ou mais na horizontal (empinado), conforme a situação do momento. (Foto 24, pág. 142)

Alguns pescadores de posse de relógio marcam os intervalos em que o peixe vem à superfície renovar o ar. Assim, quando os intervalos entre uma vinda e outra são aproximados, o pescador se prepara para lançar o arpão, um ritual peculiar: o posicionamento do corpo, do casco, o manuseio do arpão e a posição adequada, alerta aos acontecimentos que em questão de segundos, num gesto explosivo, pode ou não ser bem sucedido. Na ponta do arpão a batalha entre peixe e pescador é travada. (Foto 25, pág. 142)

⁶⁸O intervalo do pirarucu boiar varia com o tamanho do peixe e a situação em que se encontra. Quando o peixe é pequeno, o intervalo varia de 7 a 12 minutos. Quando é peixe adulto chega a demorar 30 minutos ou mais. Em situação de perseguição, o pirarucu, ao percebe o pescador, demora mais tempo para boiar.



Em cima (Foto - 24), no casco o pescador num movimento explosivo aproveita a boiada do pirarucu. Embaixo (foto- 25), após a espera de quase 5 horas, a família reunida, vê o sucesso da pescaria apreciando o pirarucu de aproximadamente 40 kg.



Quando o pescador não dispõe de relógio, o cálculo é feito pela experiência que adquiriu com os anos.

Como o arpão é utilizado para pescar outros peixes, verifica-se no período da seca do rio que pescadores adultos e jovens que começam a se interessar por esse artefato, ficam animados para arpoar tucunaré na onda, surubim e outros. Como o rio está seco, o tucunaré, bastante apreciado pelos moradores da comunidade, percorrem as margens das cabeceiras e são identificados pelas ondas que fazem; diante delas, o pescador se aproxima e surpreende o peixe que está caçando.

Enquanto a pescaria de linha para pegar o tucunaré foi divertimento para as crianças e jovens, num primeiro momento da seca do rio, passa a ser um divertimento para os adultos, quando não o pegam com de linha, mas sim com arpão ou flecha.

Captura de tracajá (sururucar)

Essa atividade, que os caboclos chamam de *sururucar*, é realizada no período da seca. Com o auxílio de uma vara, desloca-se sobre o amontoado de capim ou barranco (veja nota 32), espetando-o até o momento em que bata em alguma coisa. Ao ouvir e sentir o impacto da vara sobre algo, até o momento desconhecido, há um movimento veloz deixando a vara e penetrando o braço sobre o capim em cima do que foi atingido, segurando-o e trazendo para cima, se for tracajá⁶⁹ (espécie de quelônio). (Foto 26, pág. 144)

Como o barranco não é totalmente compacto, pois está sobre a água, o praticante sofre o efeito da sobrecarga nas pernas, isto é, vai atolando ao se deslocar, e manter-se em pé é um esforço necessário.



(Foto - 26) *Sururucar - pescaria sobre o barranco à procura de tracajá*

⁶⁹ Alguns quelônios conhecidos pelos caboclos na região do Amazonas: tracajá, tartaruga, jabuti, cabeçudo, matamatá, perema, jabuti - machado, entre outros.

Mas estar sururucando não é só prazer, pois assim como encontram-se quelônios, há jacarés retidos nesse meio. O caboclo pode ser surpreendido (já tive oportunidade de constatar tal fato), ao enfiar a mão e segurar um jacaré. Nesse caso, o resultado é acidente certo. Como a extensão do barranco geralmente é grande, a ponto de ficar difícil para um pessoa explorá-lo, formam-se grupos. Quando se constata a presença de uma jacaré na área, todos se empenham a fim de abatê-lo e livrar o companheiro do perigo.

4.5) Cultivo do solo

A agricultura se concentra na produção de farinha de mandioca, guaraná e frutas regionais. O sistema de cultivo do solo mantém a tradição passada por seguidas gerações, como a roçagem e a derrubada da mata ou capoeira, entre julho, agosto ou setembro; a queimada em setembro, outubro, e a coivara⁷⁰ em seguida. Wagley (1988), também comenta esse assunto. Nesse processo se utiliza terçado, machado, gancho, enxada, enxadeco, (moto-serra⁷¹ quando há). Não conhecem o arado nem a grade de discos. Para limpar a área após, a derrubada da mata, utiliza-se o fogo.

⁷⁰ Somos de acordo com Moran (1990, p. 208), quando fala que a coivara é uma outra forma de investimento requisitado, entre populações da Amazônia, em caso de uma queima falida. A mata cortada é juntada, cortada novamente em pedaços menores e queimada.

Quanto mais drástica for a queimada, menor será o trabalho da coivara. (Wagley 1988, p. 85)

⁷¹ Na comunidade existem uma ou duas moto-serras. Elas são utilizadas na derrubada de roçado e na extração de tábuas ou madeiras para construção de casas. De posse da moto-serra, o homem não emprega as mesmas técnicas utilizada com machado. Seu empenho corporal é mais moderado observando apenas o manuseio da máquina. Essa máquina pode ser útil quando há chuvas intempestivas, pois derrubam as folhas em fase de secagem das árvores que estão no chão, dificultando a queima.

Assim como a malhadeira, a dinâmica do corpo com a moto-serra é muito diferente quando utilizando machado ou terçado. A moto-serra nos sugere e simboliza a morte do saber fazer, bem como a devastação. Ela pode, também, simbolizar a morte do respeito e de um relacionamento entre homem e meio ambiente.

O roçado da área a ser cultivada

O roçado é feito utilizando o terçado e o gancho de pau, que serve para apoiar arbustos e cipós que vão ser cortados. O objetivo do roçado é a limpeza da área a ser derrubada, para facilitar o emprego do machado e evitar que este engate em alguma vegetação e venha a causar acidentes.

Observando um grupo nessa atividade, pode-se fazer algumas anotações quanto à sua peculiaridade.

Deslocando para frente e para os lados, o caboclo vai realizando movimentos dinâmicos de flexionar, estender, inclinar para os lados e em certos momentos agachar. Os movimentos de braços são ritmados e cíclicos - de cima para baixo; de baixo para cima; de fora para dentro; em diagonal - onde há esforço e recuperação. As pernas em semi-flexão e em posição antero-posterior, dão maior base à execução dos movimentos.

A coordenação dos movimentos do corpo e do artefato, e a coordenação óculo-manual, permitem ao caboclo um controle da força empregada em cada ação e evitam que o corpo chegue à exaustão precoce. A atividade continua por horas com momentos de pausa para beber água e para afiar o terçado e, conseqüentemente, para a recuperação orgânica.

No roçado foram verificadas as oscilações da frequência cardíaca de cinco homens adultos (veja o perfil de cada um no quadro abaixo) enquanto empenhados na atividade. A verificação foi realizada a partir da 13:42 horas, prolongando-se até 15:43 horas, embora tivesse começado no turno da manhã, por volta das 08:30 horas e encerrado às 11:20 horas.

O gráfico da página 147 mostra as oscilações da frequência cardíaca. O informante 6 mostra uma oscilação nos primeiros 10 minutos de 126 bpm. Em seguida, há um declínio, devido à pausa para água e sobe quando volta à atividade e quando o aparelho é retirado

SUJEITO	IDADE	ESTADO CIVIL	ESPECIALIDADE	OUTRAS ATIVIDADES	PREDILEÇÕES
6 Alcinei	19	solteiro	pescaria	roçado, der- rubação	futebol, fes- tas
7 Pedro	27	solteiro	pescaria	roçado criação	futebol, fes- tas
8 Francisco	25	amigado	pescaria	roçado caçada	futebol, fes- tas
5 Raimundo	40	casado	caçada coleta	roçado, faz casco	futebol, fes- tas, caçar
9 Nilsom	19	solteiro	pescaria	caçada roçado	futebol, fes- tas

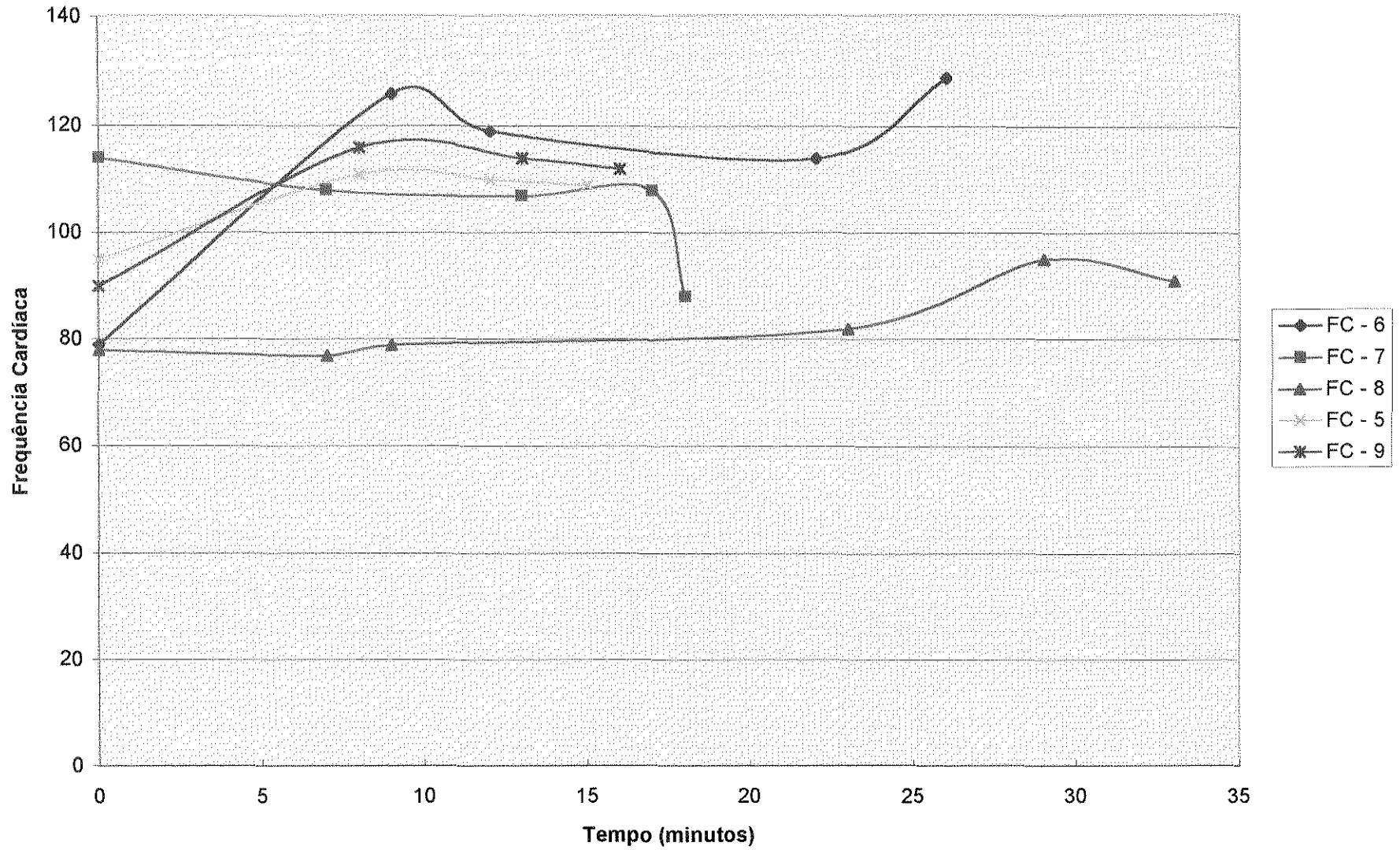
No sujeito FC 7, após os 30 minutos trabalhando, foi colocado o frequencímetro que mostrou, nos primeiros minutos, uma pequena elevação dos batimentos e volta declinar com o controle do ritmo empregado na atividade e a pausa para beber água.

O gráfico referente ao informante FC 7 mostra que seus batimentos não ultrapassaram a casa dos 100 bpm, mesmo depois de 60 minutos do início da atividade. Observando o desenvolvimento do trabalho, era evidente o controle do ritmo empregado nos movimentos e as pausas permitiram manter uma oscilação estável.

No informante FC 5, o gráfico identifica uma oscilação que leva os batimentos a 111 bpm, nos 7 minutos iniciais e em seguida começam a decair, quando é retirado o aparelho. É importante observar que o aparelho foi colocado após 100 minutos do início da atividade.

No sujeito FC 9 é identificado no gráfico com uma elevação dos batimentos aos 8 minutos, chegando aos 116 bpm. Em seguida começa a decair até o final da atividade. Como este foi o último, já haviam

Atividade Corporal : Roçar



passado aproximadamente 125 minutos em atividade, levando em consideração as pausas para beber água e afiar a ferramenta.

A derrubada

Após roçar a vegetação, a área está pronta para a derrubada. Os homens com machado em punho iniciam a atividade (foto 27), que se caracteriza por movimentos dinâmicos do corpo. Os braços executam o golpe, de fora para dentro, e em sentido diagonal, mantendo um ritmo no ciclo - elevação dos braços atrás; trazê-los de encontro à árvore; retirada do machado para reiniciar a primeira fase - cada machadada indica momentos de esforço e de recuperação.



(Foto- 27) "Isso é um trabalho muito puxado. Essa derrubação de pau não é nem pra muito velho e nem pra muito novo."

Numa posição de pernas em afastamento lateral e em antero-posterior e com uma boa coordenação óculo-manual, a execução dos golpes se torna mais segura e precisa.

Com intuito de verificar as oscilações da frequência cardíaca na utilização do machado, medimos três moradores (veja perfil de cada um no quadro abaixo) para demonstrar a FC no gráfico da página 150.

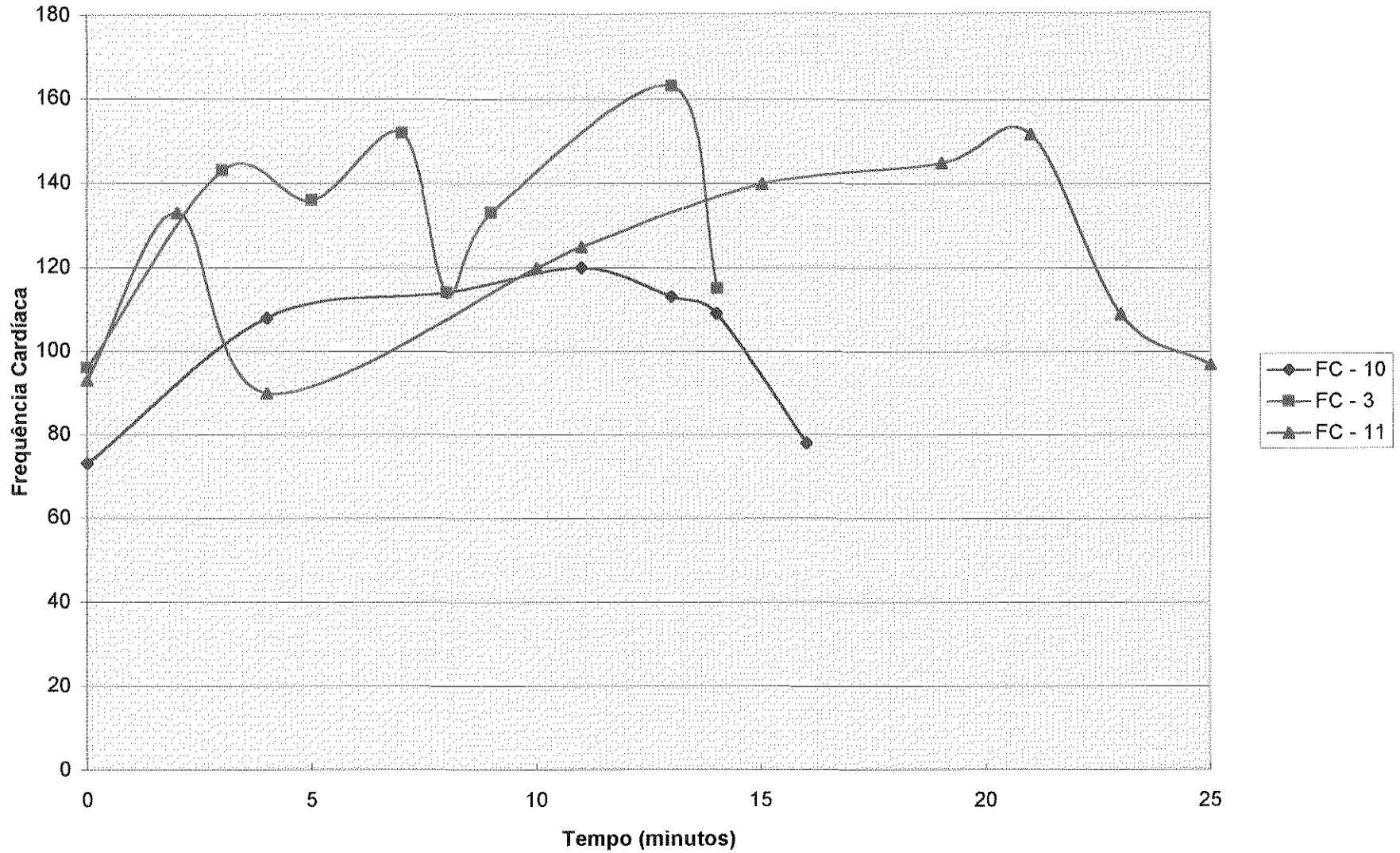
SUJEITO	IDADE	ESTADO CIVIL	ESPECIALIDADE	OUTRAS ATIVIDADES	PREDILEÇÕES
10 João	21	casado	pescador de malhadeira	caçada roçado	futebol, festa
3 Gláucio	32	casado	autor da pesquisa	leituras	caminhada
11 Leonardo	21	solteiro	pescaria	roçado caçada	futebol, festa

Os dados obtidos do primeiro informante (FC 10) foram em situação de utilização do machado na "coivara".

A coivara, como já vimos, é uma limpeza da área após queimada mal sucedida. Nessa atividade, o homem corta galhos e árvores finas num sentido diagonal e em sentido vertical. Nota-se que, ao cortar, a própria pessoa vai arrumando o material no monte para ser novamente queimado. Esse processo de arrumar contribui para a recuperação do esforço empregado com o machado.

O gráfico apresenta uma oscilação do informante FC 10, nos primeiros 5 minutos. Observa-se uma elevação de 108 bpm. Em seguida, aos 11 minutos de atividade, sobe para os 120 bpm quando há um declínio, ao arrumar galhos cortados. Para fins de informação, o informante já estava nessa atividade há cerca de uma hora e meia, quando foi verificada sua frequência cardíaca.

Atividade Corporal : Machado



O informante FC 3, também fazendo coivara, sou eu, autor da pesquisa recém-chegado na comunidade, após 7 meses em centro urbano*.

O gráfico apresenta uma elevação dos batimentos de 143 bpm aos primeiros 4 minutos, faz um declínio, quando deixa uma árvore e vai para outra. Novamente sobe para 152 bpm aos 7 minutos de atividade, quando é necessário fazer uma pequena pausa e sair para outra árvore caída. Após alguns minutos, ao ter retomado a atividade, os batimentos chegam a 163 bpm, o que força o pesquisador a fazer a pausa de recuperação.

O sujeito FC 11 fazia a derrubada de uma área para roça. A atividade se iniciara às 08:30 horas, e das 11:10 minutos às 11:38 minutos foram verificados os batimentos. Após a colocação do aparelho, a primeira oscilação chega aos 133 bpm, e dá um declínio após uma pequena pausa, para passar de uma árvore para outra.

O gráfico começa a oscilar novamente dos 120 bpm, 140, 145 152 bpm aos 21 minutos de atividade, quando faz uma pausa para beber água e se recuperar. Nesse momento, a atividade é dada por encerrada, pois precisam almoçar e voltar às 13:00 para reiniciar a derrubação.

O puxirum

Com a área preparada, chega a época de plantio de roça, cultura de subsistência para a produção de farinha⁷², o que ocorre em meados

* O centro a que me refiro é Campinas - S.P, onde minhas atividades voltavam-se exclusivamente para os estudos e pesquisa.

⁷² Farinha- alimento básico da região, também usada para fazer o chibé, feito a frio, que leva água, açúcar ou sal, quando há, apenas para enganar a fome ou sustentar o corpo por certo tempo.

Segundo Moran, (1994), "As populações humanas há muito revelaram um conhecimento íntimo de seu habitat - o que é comestível e o que não é ..." (p. 127). Moran mostra a importância desse conhecimento para suprir certas deficiências alimentares: "Caso as plantas tóxicas possuam propriedades que as tornem importantes para o consumo, e caso exista um processo para anular sua toxicidade, elas não são necessariamente deixadas de lado." Nesse caso Moran cita o exemplo do uso da mandioca (*Manihot esculenta*). E continua falando, "Por meio da maceração e do aquecimento, elimina-se o ácido cianogênico, e a farinha de mandioca, rica

de outubro ou com as primeiras chuvas de novembro. Algumas famílias plantam só em dezembro. Para tal atividade, os moradores se reúnem em forma de puxirum ou ajuri.

O puxirum é uma atividade coletiva tradicional na região, envolvendo crianças, jovens e adultos de ambos os sexos para ajudar uma família da comunidade sem fins lucrativos. É em suma, uma troca de favores entre membros da comunidade e pode ocorrer em plantios, derrubadas, construções de casa, roçagem e outras situações, como se pode observar, também, nos comentários de Wagley (1988)

O beneficiado e anfitrião que promove o puxirum, é responsável por fornecer (Wagley, 1988) a alimentação e bebida aos participantes. Para isso, aprovisiona-se de farinha, carne de caça ou de peixe abundante; para tanto, sai em busca deles nos rios ou nas matas, conforme sua maior intimidade com um desses meios.

No dia do puxirum, os convidados se deslocam para o local, em cascos ou canoas (foto 12, pág. 62) munidos de ferramentas como enxada, enxadeco. Ao chegarem, os participantes são servidos de um cafezinho ou chocolate com bolacha ou beiju, aguardando a hora de serem convidados para fazer o “quebra”⁷³, que é o peixe assado ou cozido acompanhado da farinha.

Na espera para início do evento, é comum observar as pessoas se agruparem por sexo e faixa etária. Enquanto as crianças brincam de um lado, os adolescentes conversam sobre as jovens, festas e futebol. Do outro lado, há sempre alguém que chama atenção, conta piadas e histórias da terra, da vida, do pescador ou caçador que foi ou que conheceu.

Após comerem e se confraternizarem, amolam as ferramentas e se dirigem para o local da atividade, que começa por volta de 08:h 30 min,

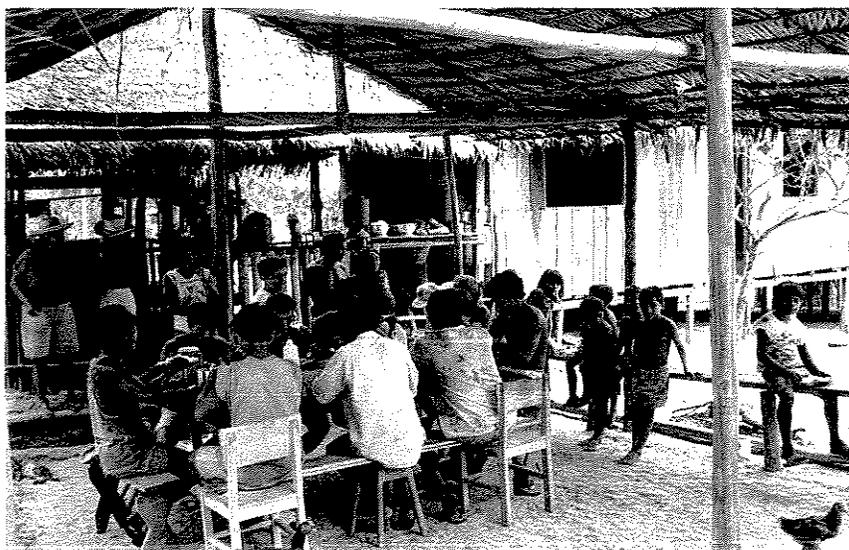
em *carboidratos*, pode ser consumida com segurança.” (p. 128). E como nós já sabemos, “Os carboidratos constituem a principal substância para o equilíbrio energético do corpo.”(p. 129).

⁷³Quebra - merenda reforçada de peixe cozido ou assado acompanhado de farinha. É uma alimentação que sustenta os participantes na atividade do puxirum nas primeiras horas da manhã, até o momento do almoço.

O quebra é feito em qualquer atividade que exigir esforço, por exemplo: caçada, pescaria, roçado etc.

estendendo-se por muitas horas. Quando os participantes, sentindo o sol intenso e fome, começam a gritar: está na hora, está na hora do almoço. Assim finalizam ou dão por cumprida parte da tarefa.

Às 11:00 horas o anfitrião chama os participantes para almoçar (foto 28). Nesse intervalo, novamente os grupos se formam, histórias e piadas divertem quem ainda está esperando sua vez de almoçar. Alguns descem para o rio, a fim de se refrescar.



(Foto- 28) Almoço após o primeiro turno do puxirum.

Após a refeição farta, alguns descansam e outros se despedem, pois têm outros afazeres em casa; assim fica oficializado que o dono do puxirum está comprometido com aquele convidado com apenas meio dia de serviço.

O regresso para reiniciar a atividade é contado a partir das 13:00 horas. No final, às 16:00 horas, dá-se por encerrada a atividade e os participantes voltam à casa do anfitrião para jantar, após o que se despedem e retornam a suas casas, que não raro distam de 30 min a 1 hora a remo.

A característica principal do puxirum, em sua forma original, ainda vivida pelos caboclos, é que o dono da atividade fica comprometido (Wagley, 1988) a repor com serviço a cada participante, quando solicitado (um novo puxirum). E na formação dessa atividade, as

tarefas são distribuídas por grupos; eles expressam a atividade corporal realizada.

- **grupo de pessoas responsáveis por trazerem alimento** para os participantes do puxirum: é o anfitrião e pode ser acompanhado de 1 a 2 pessoas que saem para pescar ou caçar no dia anterior ao evento.

Por essa época, em se tratando de roçado, como o rio está bem seco, torna-se mais fácil pegar alimentação. Os pescadores, sabendo que o rio está baixo, e que as passagens de um para outro se fecharam, os peixes ficam presos nos poços, estendem as malhadeiras cercando a boca⁷⁴ das cabeceiras à noite, quando os peixes entram para se acomodar. Assim, conforme tenha ou não luar, os homens colocam as malhadeiras e fazem batijão. Com essa técnica de pescar, que não exige grandes habilidades, talvez alguma resistência cardio-respiratória, obtém-se uma boa quantidade de pescado em curto espaço de tempo, o que dá para alimentar um puxirum, conforme a quantidade de pessoas.

Os pescadores geralmente chegam pela madrugada ou pela manhã bem cedo e vão ajudar a tratar o pescado.

O anfitrião é responsável pela organização do evento quanto à distribuição dos grupos por tarefas e, também, no roçado é ele quem se encarrega de trazer os feixes de maniva para serem cortados.

- **grupo das cozinheiras** - tratam de todo o pescado que foi obtido, fazem café, almoço, bebida (tarubá⁷⁵), merenda e jantar. Desse grupo, fazem parte de 2 a 4 mulheres;

⁷⁴ Boca- única passagem dos peixes pelas cabeceiras ou lagos.

⁷⁵ Tarubá - bebida fermentada a partir da mandioca macerada, complementada com pedaços de cana-de-açúcar ou batata-doce. A bebida passa por vários processos até chegar à fase de ser servida aos participantes do puxirum. É bastante comentado quando vai ser servido o tarubá no puxirum, pois atrai mais pessoas. Os adeptos de bebidas alcólicas incrementam o tarubá colocando água - ardente.

Segundo os participantes do puxirum, o tarubá sustenta e evita a fome. Por ser feita de mandioca, acreditamos que seja uma excelente fonte energética.

Observamos que os moradores da comunidade, homens jovens e adultos, têm exagerado no consumo do “álcool hidratado 93,80 INPM”. Isso coloca em risco a vida dessas pessoas ao manusear ferramentas e se deslocar

O trabalho das cozinheiras não pára. Enquanto termina uma refeição, a outra está sendo colocada no fogão à lenha, para atender aos participantes da forma mais adequada.

- **grupo dos cortadores** de maniva (caule da mandioca) (Foto 29): desse grupo fazem parte os mais idosos, de 50 a 60 anos, pois eles, pelas experiências adquiridas, sabem cortar de forma e tamanho mais adequado à maniva, respeitando as gemas.



Em cima (foto- 29), Pessoas de mais idade são escolhidas para cortar maniva. Embaixo (foto- 30), no roçado mal queimado os cavadores se empenham em cavar nos espaços entre os troncos e galhos de árvores.



pelos rios. Pode-se constatar no dia seguinte, o caçador ou pescador indisposto para sair em busca de alimento.

Geralmente vão de 1 a 5 pessoas e devem chegar antes de todos os outros participantes ao local do puxirum e se posicionam em lugar estratégico, geralmente no centro do roçado de onde os distribuidores de maniva (pedaços de aproximadamente 20 cm) devem partir para exercerem suas tarefas.

O cortador de maniva é selecionado pela idade porque o trabalho de cavar, feito exclusivamente pelos homens, é um serviço forçado que exige um condicionamento cardiorespiratória e muscular bastante considerado, tendo em vista as condições da tarefa.

- **grupo dos cavadores** (fotos 30, pág. 155 e foto 32, pág. 162): são homens, jovens e adultos que conseguem suportar o desempenho corporal no manuseio das ferramentas: enxada ou enxadeco, para fazer as covas que receberão as manivas. Pode chegar a 25 participantes, dependendo do tamanho do roçado e do puxirum. Seus movimentos são ritmados e o balanceamento do tronco para frente e para trás facilita a eficiência no uso da ferramenta.

Por estar de posse de ferramenta, o movimento foi visto em três fases:

a) na primeira, o emprego de uma força dinâmica concêntrica, que corresponde a levar a ferramenta para trás e sustentá-la;

b) em seguida, vem a fase da aplicação de uma força dinâmica excêntrica, que é o desfecho do anterior, o qual culmina com a abertura da cova; e

c) a terceira fase é o momento de retirar a ferramenta do solo, quando são vistos os movimentos dos braços serem mais leves, o que permite, do ponto de vista fisiológico, uma recuperação muscular e pelo lado funcional, a abertura da cova. Esta, é vista como uma fase importante por causa da continuidade da atividade.

Os cavadores se reúnem por grupos, os mais experientes e que possuem maior condicionamento cardio-respiratório e muscular para um lado, e adolescentes, ainda sem todo esse preparo, para o outro. Os

primeiros, por estarem mais condicionados, geralmente deixam o outro grupo para trás, devido ao ritmo que empregam na tarefa.

Mesmo dentro de um dos grupos nenhum cavador quer ficar para trás, pois se isso acontecer, será alvo de brincadeiras com as designações que recebem, ou seja, *veado ou indigno*, que representa ficar para trás em razão de suas condições físicas e manuseio da ferramenta. Assim, os cavadores tentam seguir em linha, como se promovessem entre eles uma *pequena competição*, não oficial. Mas, à medida que os acontecimentos vão se desenvolvendo, todo o grupo vai percebendo o que se passa. Preocupado em ficar para trás, o cavador segue sua própria linha, sem ajudar o companheiro do lado, que passa a ser considerado "malandro", pois em linha reta dispara na frente do grupo.

A questão está no fato de que o cavador deve seguir cavando em linha reta, mas abrindo covas à sua direita ou à esquerda, quando o companheiro está um pouco atrasado. Isso implica observar que a questão da ajuda mútua deve estar presente em toda atividade, caso não esteja é percebido pelos participantes.

É a tarefa de cavar que exige maior desempenho corporal, reconhecido pelos próprios participantes, os quais a comparam com a atividade de "derrubação de pau" com uso de machado.

No puxirum puderam-se captar algumas falas dos participantes, reconhecendo o esforço que a tarefa de cavar exige:

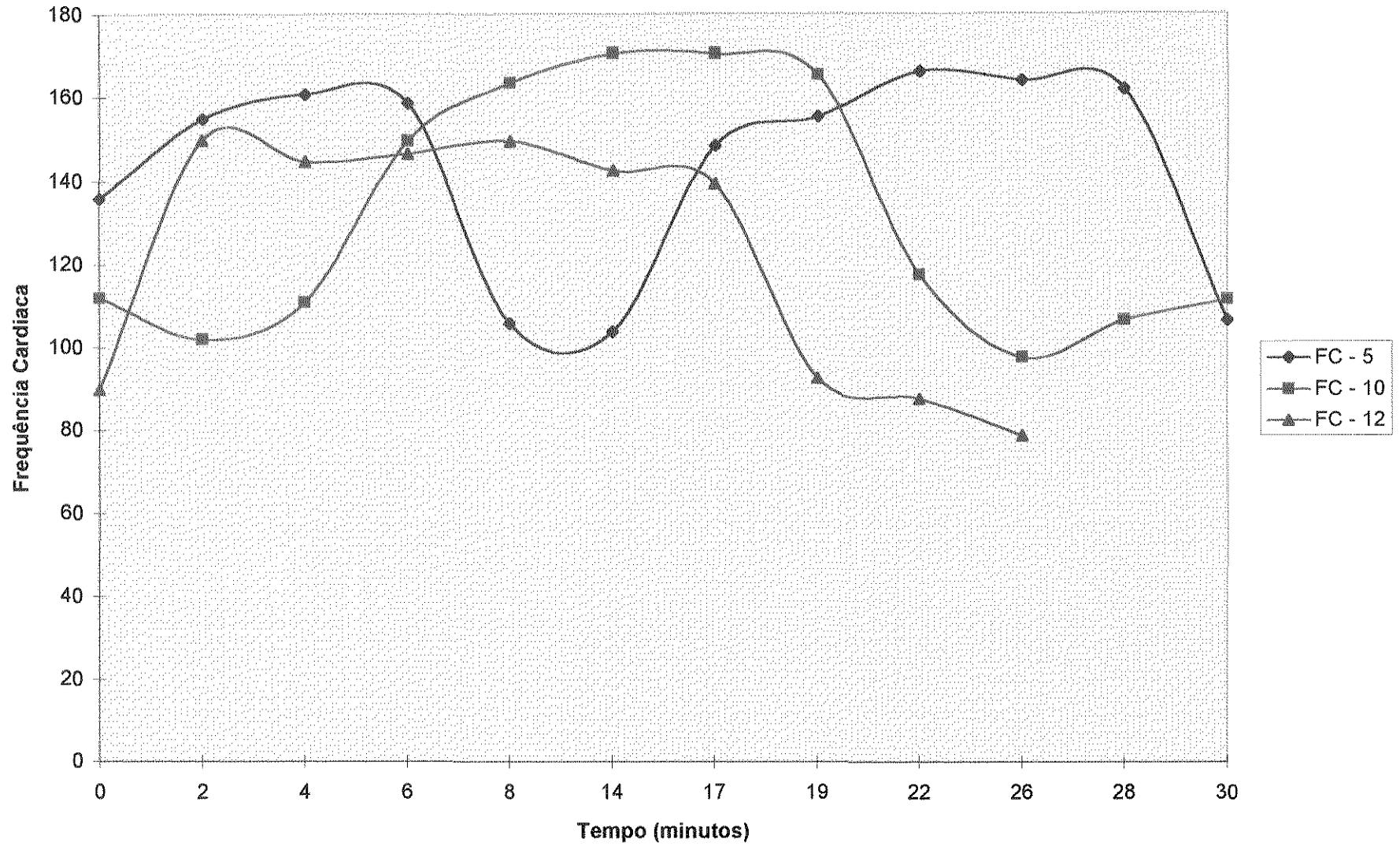
"Aqui não tem curimatá^{} que dê jeito. Não tem o que fique no bucho."*

"Ainda não está bom da quentura, espera dar as 10:00 horas para ver a potência."

Nesse grupo, por nos chamar atenção o esforço que despendiam, foi utilizado o equipamento frequencímetro em três cavadores, que

* Espécie de peixe apreciado na região.

Atividade Corporal : Cavar



recuperação e ingestão de água. Nesse momento, é retirado o aparelho.

O sujeito FC 12 recebe o frequencímetro no fim da pausa para beber água, após 3 minutos em atividade. A frequência cardíaca chega a 150 bpm. Mantém-se entre 140 e 150 bpm por um tempo de 15 minutos aproximadamente. Em seguida, vem a pausa para beber água e se recuperar, quando é dada por encerrado a atividade, às 11: 09 horas.

- **grupo dos plantadores** (foto 31): geralmente são as mulheres jovens e adultas. Dependendo do tamanho do puxirum, participam cerca de 25 pessoas. Elas executam um movimento de flexão do tronco, para arrumar dois pedaços de maniva na cova e depois é usada a perna para empurrar a terra e batê-la com o pé, a fim de firmar a maniva na cova.

São vistas acompanhando as plantadoras crianças de 7 , 9 e 10 anos. Seguem os ensinamentos das mães; um dia, deverão estar passando esses ensinamentos a suas filhas.



(Foto- 31) As plantadoras, com porretes nas mãos, esfarelam o solo compacto e ressecado pelo verão forte, a fim de facilitar a germinação da maniva.

As plantadoras, quando o solo está muito consistente, levam em mãos porretes, com os quais batem nos torrões duros a fim de esfarelá-los e para que a maniva fique mais bem plantada, e tenha maior possibilidade de nascer e se desenvolver.

Estando o solo bastante compacto exige um maior esforço das plantadoras, pois sabem elas que, se plantarem a maniva no solo como ele se apresenta, o roçado da família do anfitrião não será bem desenvolvido. Assim, é preciso que deixem mais macia a terra das covas abertas, esfarelando-a com o porrete. Isso quer dizer que para cada cova leva-se mais tempo para plantar. Enquanto isso os cavadores disparam na frente e as plantadoras vêm atrás, sentindo a dificuldade da terra dura.

"Quando é o primeiro dia de plantar dói todo meu corpo. Não é nada, mas é um tal de levantar a perna."

- **grupo dos distribuidores de maniva** (foto 29, jovens com paneiros, pág. 155): incluem algumas mulheres, mas as crianças de 10 a 12 anos aproximadamente, que acompanham seus pais, são as que participam mais intensamente. Verifica-se se o roçado foi bem queimado, pois há poucas árvores que não queimaram e servem de obstáculo.

Transportadas em paneiros, as manivas são lançadas, às vezes de certa distância, nas covas abertas. Quando o roçado é grande e não queimou muito bem, o anfitrião analisa e sabe que as crianças não darão conta da tarefa; são escolhidos como distribuidores homens e/ou adolescentes.

- **grupo das aguadeiras** (foto 32, pág. 162): geralmente são 2 mulheres que distribuem água, para os outros participantes.

As jovens escolhidas são motivos de animação. Elas sempre despertam interesse dos jovens e as indiretas são colocadas. Os mais experientes e que estão atentos a todos os acontecimentos, pegam-nas

no ar e as decodificam, transformando-as em mensagens. Ao serem ditas ao grupo, muitos riem e outros ficam tímidos diante da situação. Na verdade, nada passa despercebido, e tudo isso os ajuda a desenvolver a atividade dentro de um clima agradável.



(Foto- 32) À esquerda, cavadores; à direita, aguadeira com um balde e uma cuia. A cunhantã distribui água para os participantes do puxirum

Por outro lado, evidencia-se a importância da aguadeira. Enquanto o cavador desenvolve o trabalho mais pesado em silêncio, a aguadeira é chamada para todos os lados. Em dias quentes não se desenvolve o puxirum sem a presença de uma aguadeira. Todos são importantes mas a perda de líquido, o suor excessivo dos cavadores, a sede intensa que se tem em dias como esses, faz da aguadeira uma peça essencial para o desenvolvimento do puxirum.

- **grupo de carregador de água** (foto 33, pág. 163): são jovens resistentes que suportam essa função, pois dependendo do tamanho do roçado e da distância ao lugar onde se pegar água (rio, cabeceira, lago, olho d'água), que pode demorar de 5 a 15 minutos a pé, chega a uma quantidade de até 3 pessoas.



(Foto- 33) À direita, jovem com lata d'água no ombro; à esquerda, criança distribuindo maniva; no centro, mulheres e crianças plantando maniva.

No puxirum, todos têm que transpor obstáculos. Esses se apresentam conforme o roçado foi bem ou mal queimado. Quando o roçado não é bem queimado, a quantidade de galhos e troncos de árvores espalhados na área é surpreendente, e os participantes têm que transpô-los em maior ou menor intensidade. Numa relação de menor intensidade, os cortadores de maniva, por ficarem numa posição estratégica, são os únicos que menos transitam pelo roçado, enquanto que para os outros participantes não há trégua, sobem e descem essas árvores a todo instante, acarretando um esforço acentuado no final do evento.

A participação de uma boa parte dos moradores da comunidade permite essa composição do puxirum, no qual se tem mostrado um forte espírito de solidariedade (Wagley, 1988) e uma grande vantagem dentro desse sistema cultural.

CAPÍTULO IV

4) INTERPRETANDO O COTIDIANO

1) Interpretando a relação homem e meio ambiente: atividades, subsistência e organização social.

Diante da descrição da comunidade, sua caracterização, diálogos estabelecidos com informantes e as descrições das observações, pode-se compreender que os moradores da comunidade de Vila Fátima possuem uma gama de opções no que diz respeito a suas atividades; sendo assim, raramente se dedicam a uma única ocupação, pois, se isso acontecer, tornar-se-á mais difícil suprir suas necessidades básicas.

As atividades vão acontecendo de acordo com as épocas do ano, favoráveis à pescaria, à caçada de canoa, ao extrativismo da madeira, da castanha e outros produtos da floresta, ao plantio da roça, ao transporte das reses da várzea para terra firme, ou vice-versa.

As atividades diárias vivenciadas pelos moradores da comunidade estão na maioria das vezes associadas a um ou mais artefatos (terçado, machado, caniço, espingarda etc.) exigindo habilidades e técnicas nos seus manuseios que diferenciam entre as pessoas conforme os anos de contínua prática, ou seja, não há igualdade de execução das ações corporais. Cada homem tem sua peculiaridade, ou melhor seu estilo, aperfeiçoado ao longo do tempo, como resultado de sua escolha. Enfim, as atividades corporais estão aí, presentes aos nossos olhares, sabiamente “expressas pelo corpo”, permeadas de significados, num contexto biocultural inserido num meio ambiente, onde o tempo cíclico ainda está presente nas estações de inverno na enchente do rio e verão na vazante do rio, indicando a época e a sazonalidade das atividades que caracterizam a comunidade e a dinâmica da atividade corporal.

Nesse sentido é apresentada a *figura 01*, na página 166, a qual nos dá uma visão geral das atividades desenvolvidas no interior da Comunidade pesquisada. Dela pode-se partir para um entendimento mais específico dos aspectos que foram e que serão abordados a seguir.

Na figura 01 pode-se visualizar o homem, habitante da Comunidade Nossa Senhora de Fátima desenvolvendo sua atividade corporal no "meio aquático" e no "meio terrestre". As atividades no meio terrestre concentram-se no cultivo da terra, na criação de animais domésticos, na caçada e no extrativismo. Essas últimas podem ser desenvolvidas conjuntamente, desde que a caçada ou a coleta se realizem em áreas de floresta, ou seja, ao sair para caçar, o homem pode estar preparado também para coletar frutos silvestres, cortar cipó, palha, madeira etc, ou vice versa. O cultivo se dá pelo preparo da roça e plantio de guaraná, ou bananeiras, ou de outras culturas.

No meio aquático desenvolve-se a pescaria e a caçada de canoa. Essas duas atividades podem, também, ser praticadas em conjunto, desde que o pescador se preocupe com tal condição e que a época do ano seja propícia a isto, o que ocorre principalmente nos meses de janeiro e fevereiro, com o aparecimento dos peixes e dos patos selvagens, que vêm alimentar-se de arroz-de-marreca⁷⁷. Pode-se caçar e porongar, no período de julho e agosto, quando o rio começa a secar e as caças vêm à procura de comida, ou ainda, na caçada de capivara.

As atividades são sazonais. Assim, desenvolve-se no meio terrestre a caçada, praticada em zona de mata fechada, capoeira,

⁷⁷ Segundo Alcides WerK (op cit, p.270), Arroz-de-marreca - Gramínea comum nos lagos amazônicos, que tem a característica interessante de crescer verticalmente, em proporção à enchente, chegando a atingir mais de 6 metros. Produz um arroz semelhante ao comum (*Oryza sativa*), mas 90%, ou mais, chocho, sem grão. Há grande intensidade de vida nos arrozais, tanto na superfície como subaquático, porque numerosos pássaros e peixes o consomem.

Entre o arroz-de-marreca os caçadores deslizam com os cascos aproximando-se das aves. Quando a gramínea está balançando, sem que haja manifestação do vento, indica que tem pato comendo arroz.. O vento soprando na gramínea provoca sons que inibem a percepção aguçada das aves. A habilidade do caçador e as intempéries contribuem para uma caçada bem sucedida.

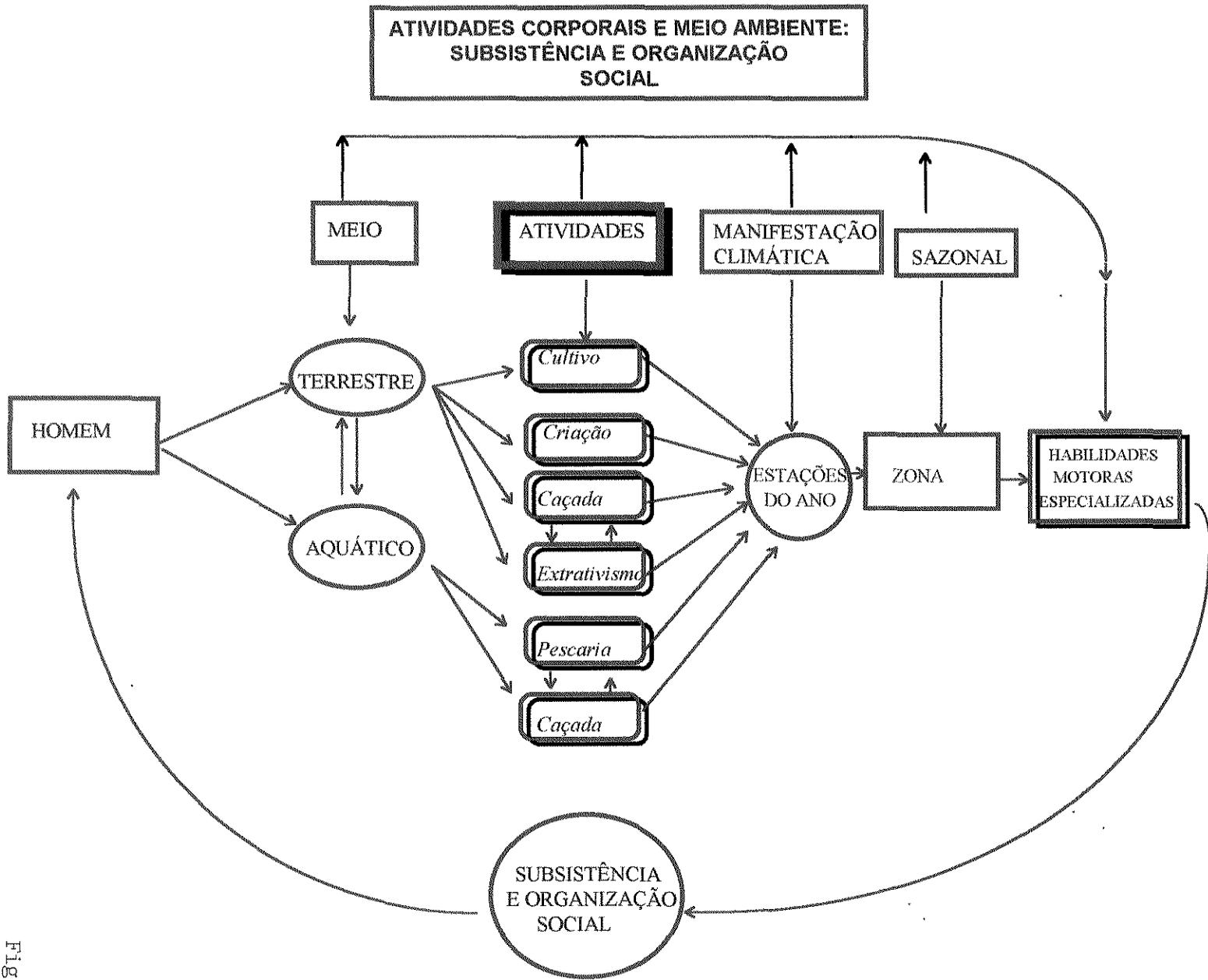


FIG.01

ilhas e margens. A prática de criar animais se dá na zona de terra firme e terra de várzea⁷⁸, no terreiro próximo à casa e nas zonas de ilhas. A pescaria e a caçada desenvolvem-se em zona de rios, lagos, cabeceiras e igapós, sendo este último mais propício para pescaria.

As habilidades corporais são praticadas tendo como influência o meio, o tipo de atividade, a época e a zona onde serão desenvolvidas. Mediante esses fatores e a escolha, o homem coloca em prática todas as suas habilidades motoras especializadas. O resultado delas, se for bem sucedido, terá como destino a família, a venda, a troca. Isso acarreta um elemento fundamental, no que tange à organização social da comunidade.

2) A dimensão do ato de remar

Para se entender as relações sociais e de sobrevivência estabelecidas no seio da comunidade Nossa Senhora de Fátima, pela condição de dominar habilidade de remar, é de interesse do pesquisador destacar uma interpretação dos discursos e das descrições realizadas.

O que se tem constatado durante anos de experiência, não deixa dúvida da importância em se ter um canoa ou um casco no porto da residência das famílias. Essas embarcações, apesar de simples, assumem juntamente com o domínio da habilidade de remar, um papel preponderante na organização da comunidade. Sem uma canoa, difícil fica a comunicação entre as famílias. O alimento encontrado, em sua maior parte no meio aquático, seria mais difícil consegui-lo. As festas, os jogos, os encontros amorosos, tudo isso exige um simples meio de transporte, como o casco ou a canoa.

Portanto, o ato de brincar de remar significa aprender, adquirir habilidades que serão aplicadas no decurso da vida. Acompanhar os

⁷⁸ Segundo Alcides Werk (op cit, p.286) , várzea - é faixa de terra que fica entre o rio e a terra firme. As várzeas baixas são normalmente alagadas todos os anos, enquanto que as várzeas altas só ficam submersas nas grandes enchentes.

pais em viagens durante passeios às casas dos compadres, ou brincar com os irmãos próximo à prancha de tomar banho, são estão primeiras incursões das crianças no contato direto com essa habilidade. A prática contínua traz o aperfeiçoamento e o estilo presente em cada indivíduo. Um nível de resistência cardio-respiratória começa, assim, a ser trabalhado.

A resposta cardio-respiratória é influenciada pelo treinamento, embora exista certa porcentagem de influência genética. No caso dos caboclos, existe necessidade de resistência respiratória de baixa a moderada intensidade. Este tipo de treinamento tem sido recomendado para crianças e segundo Andrivet diz:

"creio que quanto mais jovem a pessoa, maior deve ser a parte de resistência aeróbica no seu treinamento. Esse trabalho bem moderado pode habituar o músculo cardíaco e os músculos em geral, a trabalhar um longo tempo a um nível moderado. É um excelente meio de formação cardíaca, de formação muscular, de formação respiratória." citado por Barbanti (1979, p.173)

Nas leituras de McElroy e Townsend (1979); Moran (1994), podemos compreender que o caboclo passa por ajuste de desenvolvimento, o que torna possível sua melhor adaptação ao meio.

Acredita-se que a postura erecta, observada nessa ação, seja mantida pela diversidade de atividade corporal verificada no seu cotidiano, envolvendo força, resistência etc. O ritmo de três, ou quatro remadas e a troca dos lados para remar são importantes, no sentido de não sobrecarregar um dos membros. E são fundamentais para manutenção da direção e da velocidade da embarcação.

Quando se classifica o remar em fases, pode-se entender onde se concentra o maior grau de exigência muscular. A fase de recuperação é fundamental para a compreensão - a nível fisiológico. É nessa fase que se observa o momento de recuperação ou relaxamento muscular, o que possibilita remar por mais tempo.

A frequência cardíaca registrada nas pessoas remando confirma tal atividade como sendo a de resistência cardio-respiratória.

Segundo McArdle et al (1985, p.196), o coração, em sua ritmicidade inerente, "*bateria ininterruptamente entre 70 a 80 vezes por minuto*". Weineck (1991, p.79) fala que, em repouso, em pessoas não treinadas, "*a frequência cardíaca equivale a 60-80 batimentos por minuto*".

No gráfico apresentado, os níveis de batimentos dos remadores não mostraram aumento, com exceção do terceiro e há algumas oscilações que iremos comentar em seguida. Praticamente os batimentos mantiveram-se em nível de "steady state", não chegando a ultrapassar, em alguns casos, os 80 bpm, o que representa batimentos em repouso.

No gráfico, os batimentos de FC 3 chegam a ultrapassar os 110 bpm. Identifica o despreparo e a pouca habilidade do pesquisador recém-chegado à comunidade.

O batimento elevado do FC 2, nos primeiros minutos, é identificado pelo nervosismo ao se colocar o aparelho. Mais adiante há nova elevação, provocada pelo vento e pelas ondas que interferem no deslocamento da canoa. Essa mesma situação é observada no informante FC 4, ao fazer maior esforço para ultrapassar uma bola de capim (barranco).

Utilizando a regra de McArdle et al (1985) para estabelecer a frequência cardíaca máxima isto é, $220 - idade$, e relacioná-la na tabela que estabelece a frequência cardíaca máxima a zonas sensíveis de treinamentos aeróbicos para pessoas de diferentes idades, verifica-se que as maiores elevações da frequência cardíaca não estão situadas dentro da zona sensível de treinamento. Pelo contrário, elas estão bem abaixo, como referência para treinamento.

Em suma, pode-se interpretar o remar como uma atividade de esforço contínuo, com predominância aeróbica de baixa para moderada intensidade. Segundo Hollmann e Hettinger (1983, p.335), é um

"...trabalho dinâmico com a mobilização de mais de 1/7 até 1/6 da musculatura esquelética geral."

Para o caboclo, é bastante claro que a atividade moderada lhe possibilita permanecer nela por mais tempo e percorrer maiores distâncias, como pode ser visto em sua fala: *"Nessa marcha, vou embora."*

Os movimentos ritmados e coordenados observados nessa prática, acompanhados pelas intempéries do meio - ondas, vento, ora a favor ora contra - possibilitam ao corpo manter-se em constantes movimentos de balanços. Uma postura rígida, inflexível, sem os balanços, dificultaria o desenvolvimento dessa habilidade, devido à contração exagerada da musculatura, levando o remador ao estresse precoce. Isto não acontece com os moradores da comunidade, que desde criança desenvolvem sua habilidade.

Entendemos que o meio ambiente influencia o rendimento dela: é importante que os homens saibam como empregar, nos diferentes meios, técnicas que o possibilitem a ter o máximo de eficiência, no que tange gastos energéticos e a resultados em caçadas e pescarias. Tal situação nos faz entender, segundo Moran (1994) que os povos tropicais agem de forma mais eficaz. Compreende-se na prática do cotidiano, por que, em situação de rio ou de paraná, eles remam num estilo, e em cabeceira ou igapó de outro.

As técnicas empregadas em áreas como as duas últimas, são especializadas e adaptadas para esse meio, o que tem comprovado sua eficiência e eficácia.

Em suma, as habilidades aprendidas com gerações anteriores, alicerçadas nas capacidades inatas, possibilitam ao homem sobreviver e interagir com o meio ambiente. Essa interação se dá por meio das estratégias de adaptação cultural e de um comportamento adequado às diferentes atividades vivenciadas no cotidiano.

3) Caçar

Essa atividade representa para os habitantes da comunidade Nossa Senhora de Fátima uma forma de obtenção de proteína, embora em menor grau que a pescaria. Ela é uma prática eminentemente masculina, apesar de se observar, vez ou outra, a esposa acompanhar o marido na caçada de canoa. Moran (1990) identifica a caçada, uma prática masculina, em alguns grupos indígenas.

A caçada está relacionada com as estações do ano - inverno e enchente do rio, e verão e vazante do rio - com o aparecimento dos flores e frutos e conseqüentemente dos animais. Portanto, pode-se caçar o ano todo pois *"...a floresta pluvial não possui uma época de floração definida, mas há sempre uma variedade de árvores em floração."* (Moran 1990, p. 313). Assim, caçada pode ser vista como prática sazonal, (Moran 1974). Há períodos do ano em que se constata uma maior presença de animais pela região.

Assim como Vickers, citado por Moran (1994) e Wagley (1988), observamos que a caçada assume um aspecto de trabalho, de necessidade ou de esporte e lazer. A primeira situação prevalece quando há escassez de alimento e o chefe de família se vê em dificuldade para obter alimento nesse caso, se empenha ao máximo na caçada.

Na segunda situação, é na caçada de canoa (julho e agosto), quando as caças descem para se alimentar nas margens das cabeceiras e dos rios. Formam-se duplas ou grupos maiores, (cada dupla com sua canoa) que saem no início da noite e voltam pela madrugada. No dia seguinte, quando a caçada é bem sucedida, correm as notícias da façanha dos caçadores, o que é um estímulo convidativo para as outras pessoas.

Para fins de provisão, a carne da caça é salmourada e pode durar dias, prevendo momentos de envolvimento com o trabalho na roça, ou período de escassez de alimento.

O caçador, quando adentra a mata com fins de coleta e aí passa acampado dois ou três dias, ao abater uma caça, salmoura a carne. Como nesse meio, assim como em toda região, a carne fica exposta às moscas - varejeiras, convém ao caçador, após salmourá-la, armazená-la em um buraco forrado com folhas e protegido das chuvas. Após fechado com folhas e terra por cima, coloca-se um peso (paus), para que animal algum (por ex: mucura, da família dos marsupiais) venha mexer no mantimento. O buraco no chão conserva a umidade da carne salmourada por vários dias, além de protegê-la contra bichos-vareja. Assim, no momento em que necessita do alimento, o caçador descobre o buraco para retirá-lo com boa qualidade.

Quanto à participação das crianças nessa atividade, verificou-se, assim como Descola (1986), que floresta não é lugar de passeio nem de brincadeira para as crianças. As famílias conhecem os perigos e deixam bem claro para seus filhos quais são eles. Entretanto, tive oportunidade de encontrar na mata caçador acompanhado de algum filho.

Observações nos permitiram verificar, assim como Wagley (1988) e Moran (1994), que essa atividade é impregnada de "crenças". Elas contribuem para uma relação de respeito entre homem e meio ambiente. Mas nota-se que essa relação vem desaparecendo, à medida que incentivos econômicos tornam a caça e outros produtos da floresta uma fonte rentável.

A experiência adquirida em andanças, na companhia de caçadores, e dados obtidos, permitem-nos classificar a caçada como atividade aeróbica. Isso fica subentendido a partir das referências feitas na atividade de remar.

O gráfico mostra a linha FC 3, correspondente a meus batimentos, durante o caminhar por uma hora, quando o aparelho é colocado no caçador.

A leitura dos batimentos mostra que o caçador (FC 5) não chegou a 70% da sua frequência cardíaca máxima (McArdle et al 1985), o que

em condições de treinamento não estaria na zona alvo ou seja, não seria classificado como um exercício de intensidade moderada. Isso nos sugere que o nível de aptidão motora apresentada mostra-se adaptada às condições da atividade, ou seja, percorrer grandes distâncias, por longo período, sem apresentar sinal de fadiga.

Os batimentos, quando chegam a subir para 90 bpm e para 97 bpm, são resultado da observação da caça e, em consequência, do atirar. Ao se defrontar de repente com a presa, o caçador, ao que nos parece, sofre o efeito da adrenalina com elevação brusca dos batimentos ou seja, há uma reação do "sistema nervoso autônomo" (Paschoal, 1993) mediante estímulo externo. Numa segundo momento, o efeito da adrenalina mais o bloqueio da respiração para atirar, ajudam a elevar ainda mais os batimentos. Passados alguns minutos, o nível de batimentos volta a estabilizar.

No último pique de elevação mostrado no gráfico, que corresponde a 134 bpm, estaria classificado o nível moderado. Representa alguns segundos quando o caçador sobe a ladeira de sua casa e passa a se ocupar de outros afazeres.

A leitura dos dados sugere-nos outra informação: mesmo impregnado de cultura, o homem demonstra um pouco do seu lado instintivo, ou seja, do predador em busca da presa, da sobrevivência.

O dia-a-dia nos permitiu observar que caçador iniciante, com habilidades a serem aperfeiçoadas (falo baseado na própria experiência), ao se aproximar de sua presa (quanto mais é o significado da caça - um veado ou uma anta - mais evidente são essas manifestações) apresenta respiração ofegante, movimentos pesados, contraídos, com receio de fazer barulho e ser percebido, o que dificultaria a eficácia na atividade. Com a prática do cotidiano, os movimentos rústicos vão dando lugar aos refinados.

4) Pescar

A pescaria, como a caçada, está vinculada às estações do ano e é praticada o ano todo, tornando-se mais rica quando o nível das águas está baixo (Miranda Neto 1979). É uma atividade sazonal, desenvolvida em igapó, rio, cabeceira e lagos. Para que isso aconteça, os caboclos utilizam diversos artefatos e, para cada um deles há uma técnica especializada.

Segundo Vickers, citado por Moran (1994, p.324), *"antes de fazer uso da linha e do anzol, as populações da floresta tropical utilizavam uma variedade de arpões, arcos e flechas, armadilhas e venenos para capturar os peixes."*

Em se tratando de população cabocla, antes do uso da malhadeira se tornar comum, a linha e anzol, arco e flecha, arpão eram os artefatos mais manipulados e exploravam melhor o meio na busca da grande diversidade de peixe. Atualmente, com a introdução da malhadeira, o caboclo está deixando, gradativamente, certas práticas.

Com os incentivos econômicos, o paladar exigente e a possibilidade de capturar peixes, o uso da malhadeira tem sido bastante difundido. Peixes como o pirarucu e o tambaqui vivem sob constante pressão dos pescadores pelos valores que podem alcançar no mercado do Município. Moran (1974) também comenta a preferência dos caboclos por essas duas espécies de peixe.

Nos estudos de Hanan e Batalha (1995), sobre a Amazônia, falam que,

"...a rica diversidade dos peixes da Amazônia é hoje um patrimônio ictiológico abalado e em depressão, sobretudo devido à pesca indiscriminada e predatória, mas também à seletividade dos hábitos alimentares, que centraliza o esforço de pesca em algumas espécies e contribui para sua redução." (p. 110)

Conversando com moradores da comunidade, pude perceber a opinião da maioria : "o que Deus fez não acaba". Numa dessas

conversas, registrei a fala de um deles: *"a credito que a natureza dá jeito a tudo. Na natureza nada tem fim. Deus dá proteção a tudo, se o peixe é pescado de malhadeira, Deus protege esse peixe mostrando a saída a esse peixe."* Isso pode representar, segundo Moran (1990), um comportamento utilitário das sociedades, quanto à tradição religiosa.

A pesca, mais do que a caça, é atividade de maior representatividade na obtenção de alimento dentro da Comunidade e, segundo algumas pesquisas citadas por Moran (1990, p.177), *"a pesca é uma fonte de proteína que rende mais por hora aplicada do que a caça na maioria dos casos documentados na Amazônia."*

Verifica-se na comunidade que a pescaria não é uma atividade exclusivamente masculina. As mulheres, na ausência dos maridos, responsabilizam-se por trazer comida para casa. Essa atividade, também assume uma dupla conotação ou seja, necessidade, de trabalho, e trabalho impregnado de divertimento.

Na primeira situação a pescaria está vinculada à venda, ou à alimentação em época de escassez ou ainda, à obtenção de comida para os participantes do puxirum.

Na segunda, torna-se mais evidente quando é época de fartura. As crianças e jovens, embora saiam para buscar comida, fazem da pescaria um divertimento, pela facilidade de pegar certa variedade de peixes.

A pescaria, pela experiência do cotidiano, mostra-se como uma atividade aeróbica e de longa duração (veja interpretação dos dados do remar), dadas as incursões dos pescadores por horas e remando a grandes distâncias por rios, lagos e igapós, selecionando peixes para venda ou alimentação.

Os movimentos e o ritmo empregado na pescaria permitem ao caboclo passar 1, 2, 5 ou mais horas nessa prática e mostram-se, portando, eficazes e ajustados às exigências do meio e da atividade.

Quanto à captura de tracajá, por ser viável economicamente nos mercados ilegais, os caboclos investem pesado em sua busca. Com

suas habilidades e conhecimentos dos hábitos desses animais, não têm medido conseqüências.

Assim, a primeira investida é pelo momento da desova, entre setembro e outubro, quando se vêem, já de madrugada, pelas beiradas, homens, mulheres, crianças e jovens à procura dos ovos desses animais.

No período da desova, os caboclos experientes saem estudando as beiradas por onde tais animais sobem. Mas ao subir à praia ou à ponta de uma ilha e não desovar, eles deixam suas impressões. Dessa forma, os homens se preparam para ir agarrá-los à noite, justamente no momento em que estão na cova, desovando.

Quando passa a desova, acentua-se a seca e os tracajás ficam presos nos barrancos. Observam-se os grupos "sururucando" nessas áreas. Em suma, pode-se dizer que os resultados dessa pressão sobre os quelônios já podem ser percebidos pelos próprios habitantes da comunidade.

5) Castanha amazônica: alimento e comércio

Segundo Moran (1990, p.198), *"o uso de recursos pela população da Amazônia reflete não só adaptação à natureza, mas também esforços para superar tais limitações pela modificação ambiental."*

Na comunidade a coleta da castanha amazônica assume papel importante no que tange ao aspecto da economia das famílias (Moran, 1990; Hanan e Batalha, 1995). A partir desse produto, além da complementação alimentar, podem-se adquirir objetos e alimentos industrializados que satisfaçam a suas necessidades. O auge da safra coincide com um período em que a escassez de alimento é constatada, incluindo a farinha. Ela pode superar sua falta com o retorno que venha a trazer na comercialização.

Segundo estudos de Gross, citado por Moran (1994, p.322), *"a castanha-do-pará (Bertholletia excelsa), é de suma importância, pois*

contém grandes quantidades de metionina, que é talvez o elemento nutritivo mais limitado na dieta amazônica."

Ao observar a figura 02 (página 205) , no fim janeiro, quando está escasso o pescado, inicia-se a safra da castanha. Sua coleta é intensificada em fevereiro, prolongando-se até março.

Neste período, há um empenho na sua coleta e na quebra dos ouriços, para comercializá-la. O produto é vendido na sede do Município e nos regatões que passam dentro do lago.

Para haver um bom aproveitamento na quebra dos ouriços, é necessário que haja uma boa coordenação óculo-manual que permita acertar os golpes de terçado, um em seqüência do outro, sem que danifique o produto.

Para manter-se quebrando uma certa quantidade de ouriço, o caboclo, embora faça um maior esforço com apenas um dos braços, deve ter resistência. Nesse caso, segundo Weineck (1991) e Hollmann e Hettinger (1983) podemos deduzir que esteja presente nessa atividade uma *"resistência muscular local aeróbica dinâmica, a qual exige um trabalho dinâmico com grupos musculares pequenos a médios - p. ex. de um braço ou de uma perna."* (p.297)

6) O roçado

Pelo fato de a comunidade não dispor de recursos econômicos de e maquinários adequados, a prática da derrubada e queimada, ou agricultura intinerante (Moran, 1994), têm sido passadas pelas gerações e vêm se mostrando como técnicas adaptativas empregadas pelos caboclos para cultivar os solos amazônicos.

Essa técnica vem possibilitando ao caboclo continuar nessa atividade essencial, principalmente para o cultivo da mandioca, adaptada aos solos ácidos e pobres (Moran 1990), que é o suplemento alimentar básico desse povo. Este produto, após beneficiado, fornece farinha, beiju, mingau etc, e segundo Moran (1990, p.176), *"a mandioca*

fornece a maior parte das calorias para as populações das áreas de água preta."

Após a derrubada, passados algumas semanas, tocam fogo, pois se não o fizessem, seria impossível plantar, devido ao emaranhado de cipós, caules e galhos de árvores. Eis porque, se o caboclo perder o momento certo da queimada, uma chuva inoportuna pode derrubar as folhas crestadas e todo o trabalho será perdido, pois o fogo não se alastrará. Conseqüentemente, a família não terá roça naquele ano, como tive oportunidade de presenciar em 1993 e 1994, quando estava na área.

A queima altera as propriedades físicas do solo e a cinza, rica em nutrientes, fertiliza o solo e neutraliza, em parte, a acidez. A queima, também, segundo Moran (1994), *"... mata parasitos, insetos, fungos, nematódeos e bactérias patogênicas que interferem na produtividade da lavoura."* Mas, Moran chama a atenção para o fato que, em *"solos ricos em óxidos, tais como os oxissolos, as alterações estruturais são, de fato, benéficas. Em solos argilosos, o efeito pode ser prejudicial."* (p.328)

Numa opinião particular, fruto das observações, essas queimadas não são, até o momento, as causas da devastação tão propalada da Amazônia, pois restringem-se a 1 ou 2 hectares, explorados no mínimo por 2 anos, quando são abandonados para se recompor em formas de capoeiras, as quais, 5 a 10 anos depois podem ser exploradas novamente.

Reforçamos essa posição quando vemos nos estudos de Meggers (1977), citado por Moran (1990:195), *"...que solos em muitas áreas não sustentam o cultivo econômico por mais de três anos, precisando ser abandonados para permitir que se recupere a fertilidade do solo."*

Em outros estudos, Carneiro (1957) e Sanchez (1981), citado por Moran, fala que *"em áreas mais férteis a invasão das espécies de sucessão secundária, e não a queda em fertilidade, parece ser o fator*

que leva ao abandono das roças depois de três ou quatro anos." (1990, p.195)

A respeito da técnica de cultivo, Wagley (1988, p.28), nos fala: "A vida econômica do Vale é francamente "primitiva e estagnada". As técnicas agrícolas empregadas na Amazônia são em grande parte herdadas dos índios nativos _ a técnica da 'queimada' e da 'derrubada e queimada."

Ao deparar com tal citação, embora entendendo, também, a época que a obra foi escrita, fica-nos a pergunta: quais os parâmetros utilizados pelo autor para fazer tal afirmativa? Pela concepção do pesquisador, o homem não foi contextualizado e passados 46 anos desses estudos, observa-se na comunidade de Vila Fátima, como em outras que se conhece, a aplicação dessas técnicas, e acredita-se em sua continuidade, não por ser um povo atrasado mas por entender que "...deve-se interpretar as práticas agrícolas como ajustes à situação ecológica específica em que o grupo se encontra." Moran, (1994, p.75), citando (Carneiro, 1957; Conklin, 1957; Moran 1976; Sanchez e Bud, 1975).

No roçado o puxirum se revela

Após a derrubada e queimada, a família precisa *plantar*. Observa-se nessa atividade de tecnologia simples, que os laços sociais e de solidariedade (Wagley, 1988) se estreitam e tornam-se fundamentais na organização do puxirum para o plantio da roça.

Nessa atividade, observa-se uma riqueza corporal (movimentos, atitudes, habilidades etc.) demonstrada pelos participantes de diferentes faixas etárias e sexo. Seguindo o raciocínio de Marcel Mauss se classificaria como uma diversidade de *técnicas corporais* vivenciadas numa coletividade.

Num processo ritmado do cavar pelos homens, e do plantar pelas mulheres, até certo momento parece monótono, ocorrem à **porfia**, ou

seja, os desafios manifestados pela seguinte provocação procedente dos homens: *tá secando, tá secando a manicuja*. Então, o aparentemente pacífico e monótono evento do puxirum, toma nesse momento um aspecto saudável de desafio e competição. As mulheres, diante das provocações feitas pelos homens, reagem na busca de os alcançarem e nessa agitada fase, que agora toma conta do evento, surgem as cantorias. Elas contribuem para o ritmo das atividades corporais que desempenham seus participantes:

"Na sociedade pré-industrial, trabalho e lazer não eram excludentes. Os dois estavam impregnados de ludicidade (até hoje nas sociedades "simples", camponesas, sem as características de uma industrialização avançada, esses aspectos se mantêm). As atividades de produção e trabalho (colheita, plantação) misturavam-se com os jogos, canções, competições etc..." (Bruhns 1993, p.68)

Percebe-se a animação das famílias no preparo da roça, com a atividade de puxirum. Com o verão e seca do rio, é fácil a aquisição do pescado. Os moradores sabem que quando o período de fartura acabar, virá o período de escassez de alimento e com ele a chuva e a cheia do rio. Nessa época, uma boa roça dá o sustento à família. Trabalhar na roça significa usufruir dela o ano todo.

Entretanto, por mais que as famílias se esforcem em cultivar a mandioca, há aproximadamente 3 a 4 anos tenho acompanhado a escassez de farinha na comunidade no período da seca, que culmina com a safra do guaraná (de outubro a janeiro ou fevereiro) e da castanha.

Isso se deve ao fato da seca do rio não permitir que as canoas cheguem nos portos dos roçados e há roça que fica a longa distância das residências. Como as embarcações não chegam perto, exige-se das famílias certo esforço para fazer farinha. Assim, como o rio está seco, a fartura de peixe possibilita-lhes a pesca e trocam ou vendem o pescado, para comprar farinha.

Outro motivo que leva os moradores da comunidade a frequentar menos seus roçados é pelo fabrico do guaraná. Por ser o produto da

região que alcança maior valor comercial, nenhuma família quer perder a oportunidade de colhê-lo. Assim, por mais longe que seja o guaranazal, ou mais dentro do mato⁷⁹ que esteja, as pessoas não hesitam em colher seus frutos. Dessa forma envolvida com a colheita, descasca e torração do guaraná, a família quase não se preocupa com a farinha.

Há um terceiro fator que pode ser levado em consideração: é a safra da castanha amazônica, que chega quando a do guaraná está terminando.

Como foi visto, castanha é economicamente rentável, embora alcançando preço menor do que o guaraná. As famílias se empenham na sua coleta, na quebra e venda por lata.

Passada a fartura de peixe, a safra do guaraná e a da castanha continua a escassez de farinha, agora sentida mais de perto. Sem muitos recursos para comprá-la, a família passa por dificuldades. É comum ver por essa época pessoas saírem de canoa atrás de farinha na vizinhança, com intuito de emprestarem ou trocá-la por outros produtos, e nem sempre são atendidos.

Nas roças que vão atingindo 6, 7 ou 8 meses de idade (um período em que os tubérculos não estão bem formados), as famílias vão se beneficiando. Conseqüentemente, no ano seguinte haverá nova escassez de farinha o que repercute na comunidade, devido ao fato de outras pessoas comentarem quem tem roça e quem não tem, e com quem podem contar em momentos difíceis. Fora isso, só os pequenos comerciantes podem atender às necessidades dos moradores da comunidade.

Quanto aos dados obtidos no roçado, derrubação e cavar merecem ser apresentados. Para tanto, partimos das referências discutidas na atividade do remar (páginas 169 a 172).

⁷⁹ Alguns guaranazais são invadidos pela vegetação por falta de limpeza no tempo certo. É muito trabalhoso colher guaraná nessas condições, pelos rios de picada de cobras e a perda do produto ao cair no chão. Convém salientar que a poda é essencial para uma boa safra, pois os galhos que deram cacho não produzem mais.

O remar pode ser classificado como uma atividade de resistência aeróbica devido à elevada mobilização da musculatura esquelética, ao nível da frequência cardíaca apresentada e sua duração.

Tendo como referência a tabela de McArdle et al (1985), ao se calcular o percentual da frequência cardíaca no *trabalho de roçar* verificou-se que esteve abaixo do percentual de 70% da máxima. Essa situação indica um trabalho aeróbico de baixa para moderada intensidade, podendo ser realizada por horas. Em determinado momento, os batimentos se estabilizam e as quedas mostram momentos que os homens fazem pausa para beber água e de recuperação, conseqüentemente com uma queda nos batimentos.

Na atividade de *derrubação e coivara*, os batimentos de dois informantes mostram-se dentro da zona alvo de treinamento, analisando pela tabela apresentada por McArdle et al (1985). O informante FC 3, sou eu, autor da pesquisa recém-chegado na comunidade. Adequando os batimentos à tabela, é visto que o trabalho realizado chegou a 87% da frequência cardíaca máxima. Portanto, chegou a ultrapassar a zona sensível de treinamento, quando necessitou de uma pausa de recuperação.

A leitura desses dados nos coloca em contato com o ajuste de aclimatação (McElroy e Townsend 1979; McArdle et al, 1985; Weineck 1991; Moran 1994). O tempo de minha estadia indica que não foi suficiente para adaptação ao esforço e à técnica no manuseio da ferramenta.

O sujeito FC 11 trabalha dentro da zona alvo, chegando a 76% da frequência cardíaca máxima. As oscilações de declínio na curva são momentos de pausa e de troca de uma árvore para outra. Com característica aeróbica, uma intensidade submáxima e os intervalos permitem ao caboclo passar horas derrubando árvores, o que significa um ritmo corporal ajustado ao meio e à atividade.

Os cavadores apresentam batimentos que ultrapassam os 70% da frequência cardíaca máxima. O cavador FC 5 chega ao nível de 92% da

FC máxima, que poderíamos classificar com um esforço submáximo. Observa-se que há uma estabilização nesse nível, quando começa o declínio, ao se aproximar do final da linha (a olho, o cavador tira uma reta, de 100 ou mais metros, que termina no final da área queimada) que vinha cavando.

Os outros dois informantes mostram uma curva estabilizada dentro de um esforço moderado. O informante FC 10, apresenta seu maior pique com 86% da FC máxima e o FC 12 próximo dos 79% da FC máxima. As curvas declinam quando há pausa para tomar água.

Com base na literatura (Hollmann e Hettinger 1983; McArdle et al 1985; Weineck 1991), podemos considerar as atividades analisadas como trabalhos intermitentes, isto é, com aplicação de cargas dosadas pelo próprio executante e pausas prolongadas de 5 a 10 minutos. Supõe-se que nessa atividade, se não houvesse intervalos, o caboclo chegaria ao seu máximo, levando à exaustão precoce como também a um trabalho muscular sem completar o seu ciclo - contração e relaxamento - chegando à câibra, conseqüentemente interrupção da atividade.

Do ponto de vista fisiológico, as pausas representam:

a) uma recuperação orgânica, que permite ao caboclo permanecer nas atividades por período prolongados (2, 3 ou mais horas);

b) como os fatores umidade e temperatura elevada dificultam a evaporação e, conseqüentemente, o esfriamento do corpo (McArdle et al 1985; Weineck 1991; Weiss e Mann 1991; Moran 1994), as pausas para beber água nos permitem deduzir que sejam prevenção da desidratação e um meio que contribui para ajudar na termorregulação do corpo (McArdle et al 1985)

Do ponto de vista cultural, a cada pausa reunido, o grupo, sempre há alguém que se destaca, conta piadas, histórias e acontecimentos do dia-a-dia na comunidade e a turma se diverte. Após alguns minutos de recuperação, os cavadores são os que tomam a iniciativa de retornar às atividades.

Considerando as condições climáticas do Amazonas - quente e úmido - o trabalho aeróbico contínuo e intermitente de baixa a moderada intensidade sugere uma adaptação adequada do homem ao meio, o que vem permitindo a ele sobreviver e viver. Nossa opinião é reforçada por Hanna e Baker, citado por Moran (1994), que dizem os povos tropicais desenvolvem um ritmo cardíaco reduzido para níveis moderados de atividade.

O calor e umidade da região amazônica levam aos caboclos utilizar pouca roupa, o que possibilita minimizar o calor (McArdle et al 1985; Weineck 1991; Moran, citando Ladell 1964) e se ajustar melhor ao meio.

7) O exótico se revela - atividade corporal no meio ambiente: o fator tempo cíclico

Observa-se no decorrer do trabalho que as atividades praticadas pelos moradores de Vila Fátima são muito ricas por serem diversificadas. Pela regência do tempo natural, as atividades vão sendo desenvolvidas de acordo com as manifestações da natureza, ou seja, a época de fartura ou de escassez de alimento, são marcadas e adequadas ao calendário. Pode-se entender que

"nas relações ser humano/natureza, estão presentes entre distintos empenhos, a vontade de saber e o uso de ciclos temporais como reguladores de atividades ligadas a hábitos cotidianos, à economia e/ou à oikonomia e ao ritual. Esses 'relógios' ou 'calendários' naturais se representam no espaço, em lugares, e manifestam-se mediados por movimentos de astros, acidentes geográficos, construções, esquemas corporais e transformações no meio ambiente." (D'Olne Campos 1994, p.20-21)*

Nessa relação com o tempo natural, os homens manifestam suas ações corporais. Mais é no calendário que acontece sua organização

* D'Olne Campos fala que economia, na visão monetarista, é o manejo apenas da moeda. Em oposição, uma oikonomia atenderia a um manejo integrado do ambiente.

fora e dentro da comunidade, *“mas, enquanto organizador do quadro temporal, diretor da vida pública e cotidiana, o calendário é sobretudo um objeto social”*. (Le Goff 1992, p.485).

No calendário o homem marca o dia, a semana, o final de semana e situa os meses que representam o início da cheia, prolongando-se por seis meses, e da vazante do rio, por mais seis meses; neles identificam tempos de fartura e de escassez de alimentos. Assim, podem-se programar para desempenhar suas ações conforme as atividades forem surgindo: o aparecimento do peixe, caça, produtos da floresta e o cultivo da roça, exigindo habilidades especializadas.

A comunidade se caracteriza culturalmente⁸⁰ pela prática das técnicas de pescar. No que diz respeito à agricultura, cultiva-se a roça de mandioca, o guaraná e algumas fruteiras como laranjeira, limoeiro, cajueiro, cupuaçuzeiro e entre outras culturas acessórias (Wagley 1988; Moran 1974), jerimu, milho, pimentas, cebolinhas que estão próximas às residências. O extrativismo concentra-se na coleta da castanha amazônica, palha, cipó, madeira, mel entre outras, e a prática da caçada volta-se para a caçada a noturna, à qual se dedicam em moitá embaixo de fruteira (na mata) e em bebedouro e à caçada de canoa. No período do dia, a caçada é andando na mata.

Essas características podem ser observadas na participação similar das atividades pela maior parte dos moradores da comunidade, o que torna possível ao pesquisador ter claro que esses costumes não são individuais, mas coletivos que, segundo Taylor (1973, p.27), *“...sem uma observação entre as similaridades das ações distintas de cada indivíduo, e entre as ações costumeiras de um sem número de pessoas, o etnógrafo não pode perceber as características culturais existentes.”*

⁸⁰ Robert Taylor (1973, p.25), discute sobre o aspecto da “característica cultural” e a pesar de haver certa divergência entre os antropólogos sobre sua conceituação, a maioria deles converge para duas concepções: 1º.) É que os costumes não são biologicamente herdados, mas precisamente aprendidos, e 2º.) É que as características culturais não são só apenas individuais, mas compartilhadas.

É importante observar que as atividades de caçada, pescaria, cultivo e extrativismo possuem outras técnicas praticadas pelos moradores e entram como um papel importante na sua complementação e sustentação. Entretanto, deteremo-nos nas que foram evidenciadas. As estações "*da seca e das chuvas*", classificadas por Moran (1990) , que trazem a enchente e a vazante do rio são fenômenos naturais que influenciam diretamente tais atividades .

Assim, a cheia do rio inicia entre 02 (Dia de Finados) a 12 de novembro, tem seu pique máximo entre maio e início de junho, quando por volta do dia 12 a 15 do mesmo mês inicia a vazante. Entretanto, no início da cheia, em novembro, existe muita terra fora da água: são as ilhas, trechos de várzeas, grandes pontas de terra. Isso implica dizer que as passagens de um lago, cabeceira ou rio para outro estão bloqueadas. Conseqüentemente, os homens têm que percorrer maiores distâncias para chegar aos seus destinos. Mas, quando vai findando o mês de dezembro com início de janeiro, intensifica a cheia do rio e os "furos" entre eles começam a aparecer, facilitando o deslocamento das pessoas da comunidade, levando-as para áreas de pesca, de caça, roçado ou para a escola.

Observações nos proporcionaram verificar que os homens jovens e adultos desenvolvem mais o remar que o caminhar. Na vazante, caminham e remam mais; na enchente, caminham e remam menos, conforme seus objetivos. É importante ficar atento às descrições, pois na seca remam menos para pegar o pescado, e na cheia remam mais para pegar a alimentação.

Em suma, no período da seca do rio, os habitantes da comunidade caminham mais do que no período da cheia. Isso porque: na seca as distâncias praticamente triplicam, tanto em terra quanto na água. A roça, as áreas de pesca distanciam e as residências ficam em áreas elevadas e assim por diante. Isso significa dizer que o perfil das atividades desenvolvidas pelo morador da comunidade muda durante todo o ano, buscando ajustar-se ao meio, isto é, o homem inserido

nesse meio natural não "*faz o tempo*", ou seja, não consegue apressar a natureza, mas sim espera que ela mais lenta em sua produção natural, "*...respeite o seu próprio fazer do tempo*", (D'Olne Campos 1994, p.9), isto é, de tempos em tempos se manifesta com seus animais, flores, frutos etc.

Nessa relação, observa-se que o movimento de caminhar é mais praticado na seca, pois é época da colheita do guaraná, da atividade de puxirum entre outras. Estando as pontas de terra fora d'água, assim como as praias, chega o tempo da desova dos quelônios, e as pessoas percorrem essas áreas para retirar as covas de ovos, que atingem bons preços no mercado local.

Algumas roças ficam tão distantes que desestimula as famílias a se deslocar para fazer farinha e as ladeiras que se formam frente às residências é motivo de um bom estímulo cardio-respiratório.

Na enchente, com o aparecimento dos "furos", é muito difícil para os moradores, em certas ocasiões, chegar a seus destinos sem o auxílio da canoa. Assim, enquanto na seca atravessam, em determinados momentos, de um lado para outro por terra para encurtarem suas distâncias; na cheia, ganham tempo utilizando a canoa. Portanto, a proporção do remar e do caminhar está relacionada com as estações do ano. Entretanto, prevalece, em ambas as estações, o remar.

A seca se inicia por volta de junho, com bastante terra submersa. Como consequência da cheia, portanto, os percursos feitos pelos moradores da comunidade ainda são encurtados, não por muito tempo. Intensificada a seca, as terras vão saindo. Esses percursos, principalmente para o desenvolvimento das atividades, são feitos com a utilização do casco ou da canoa a remo. Entende-se que a ação de remar, complementada pelo seu desempenho nas atividades, assume papel fundamental na organização social da comunidade.

Para melhor compreensão do que se fala, ou seja, da ação corporal do caboclo, apresentam-se na *figura 02, na página 189* algumas atividades

praticadas conforme as estações do ano, adequadas aos períodos, que identificam a comunidade. Nela está implícita a leitura da atividade corporal.

Analisando a figura 02, no final de janeiro, ainda no início da enchente, começa a escassez de peixe, intensificada no mês de fevereiro, que se pode considerar como período crítico. Segundo Moran (1990, p.178), ao tratar sobre a pescaria em rios de água preta comenta que: *"quanto mais alto estiver o nível do rio, menor é o sucesso da pesca."*

Os peixes acompanham a enchente do rio e vão adentrando os igapós, como também observa Wagley (1988) e Moran (1974), concentrando-se em lugares mais difíceis. Para serem capturados os, homens da comunidade devem possuir conhecimentos da área, e pôr em prática suas habilidades corporais, aperfeiçoadas ao longo de sua vida. Nesse caso, o domínio da técnica de pescar de caniço é fundamental, enquanto o uso da tarrafa⁸¹ pouco é observado (foto 34, pág. 190).

Percebeu-se nas conversas das pessoas que os pescadores, como também os caçadores experientes assumem papel de prestígio social na comunidade, principalmente na época em que há escassez de alimentos. Esses homens dominam o conhecimento da área e suas habilidades no manuseio dos artefatos, unidas à sutileza corporal fazem-nos sobressair diante de outros menos especializados. Eles suprem a necessidade de algumas famílias, vendendo ou trocando o pescado que conseguiram. Esses pescadores comentam a prática de certas pessoas que só pescam com malhadeira. Eles, por não se

⁸¹ Não fizemos descrição da pescaria de tarrafa, mas evidenciaremos alguns pontos. Esse artefato é mais utilizado na vazante, pela concentração de peixes em áreas baixas. Na cheia, os peixes estão no igapó tornando-se impossível tarraçar nesse meio. Atividade é composta por duas pessoas: o guia, na popa da canoa conduz para áreas sugeridas pelo pescador; o tarraçador, de pé na proa da canoa. As pernas em posição antero-posterior permite-lhe boa base. Os movimentos balanceados do corpo (com pernas em semi-flexão e braços fletidos sustentando a tarrafa e pequena rotação do tronco para trás finaliza o movimento estendendo o corpo. Um ato explosivo lança a tarrafa.) permite equilibrar-se e lançar o artefato. Em áreas limpas, é possível tarraçar da margem do rio.

ATIVIDADES CORPORAIS E MANIFESTAÇÕES CLIMÁTICAS

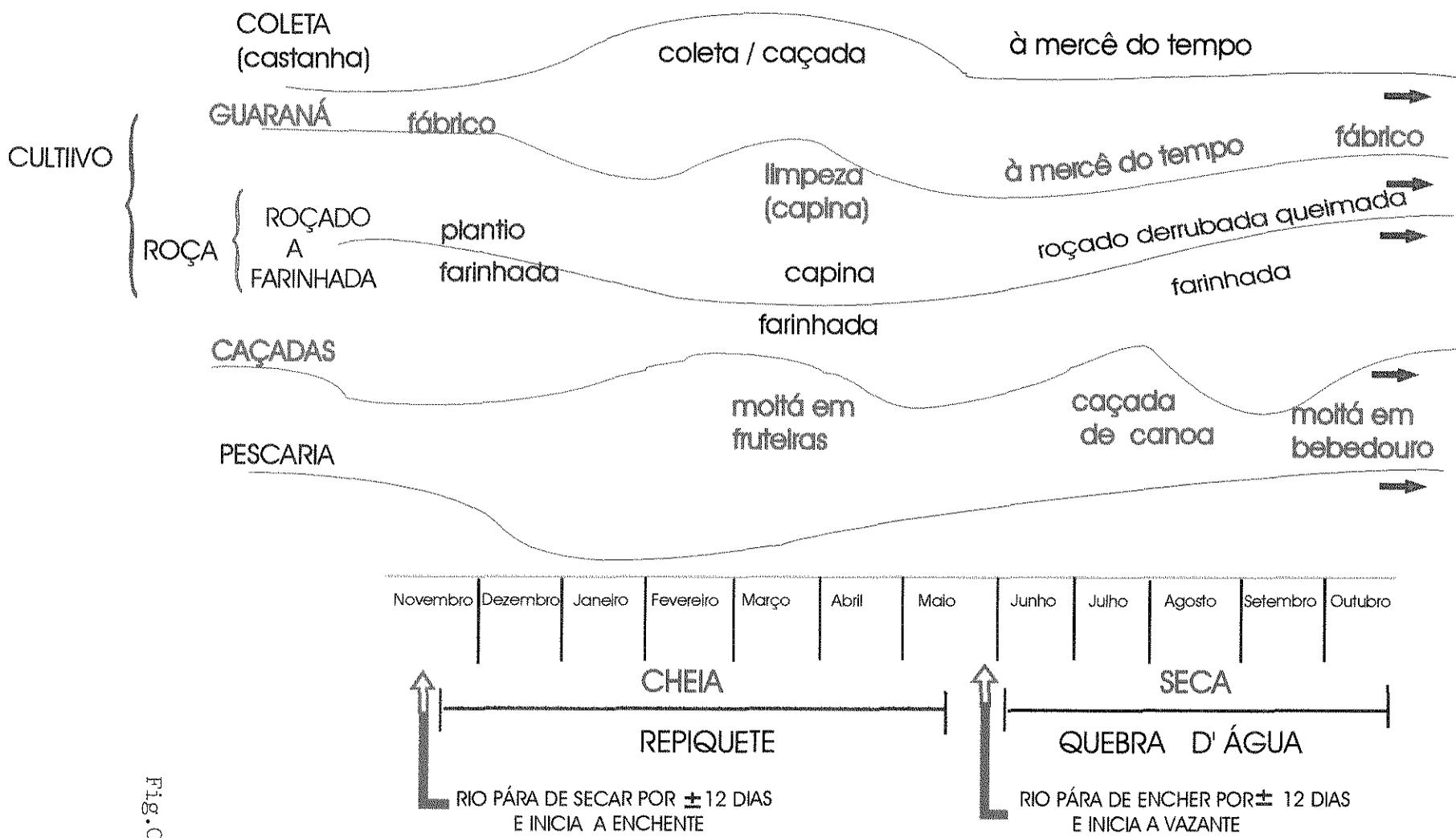


Fig.02

dedicarem a outra técnica, podem passar fome se não comprarem alimento, pois não sabem procurar nem capturar o peixe. Isto nos diz que o homem começa a se habituar a aparatos mais sofisticados para facilitar a pescaria. Seu efeito é uma possível acomodação diante de tal situação, bem como uma maior exploração do pescado na época de fartura.



(Foto- 34) A decepção do pescador é lançar a tarrafa e não cair aberta.

Nesse período, vimos que os peixes estão espalhados pelos igapós. Não é fácil capturá-los em abundância, e isso leva os caboclos a se deslocar a grandes distâncias à sua procura. Enquanto o aparecimento do pescado diminui no gráfico (fig. 02), a ação do homem para o desempenho dessa atividade aumenta consideravelmente. Entretanto, no final de janeiro inicia-se a safra da castanha amazônica e sua coleta começa a se intensificar no mês de fevereiro, prolongando-se até março/abril. Neste período, há o desempenho das técnicas corporais na coleta e para quebrar seus ouriços para fins de comercialização e consumo.

É importante lembrar que a castanha pode ser coletada não só nos arredores da comunidade, próximo às suas residências, mas também no castanhal na floresta a aproximadamente duas horas e trinta minutos a pé. É nesse meio que alguns moradores da comunidade se aventuram

em busca do produto. Esses homens são conhecedores da floresta e do comportamento dos animais, dominam a técnica da caçada e ao adentrar esse meio, percebem-se claramente suas intenções: trazer mais castanha e abater animais silvestres. Eles sabem que tanto um quanto o outro lhes trarão retorno - econômico e alimentar (Moran: 1990) - e prestígio na comunidade.

Nesse período, há o aparecimento de frutas silvestres, também observado (Moran 1974), como o pequiá, uxi, que podem servir à mesa das famílias no café matinal. Com elas aparecem os animais que podem ser caçados pelos caboclos, quando eles descobrem seus vestígios embaixo das fruteiras, como por exemplo: frutos que roídos identificam o animal que o esteve comendo; marcas de patas dos frequentadores da fruteira; caminhos indicam de que lado os animais estão vindo para baixo da fruteira, enfim *"os caçadores das florestas úmidas tropicais são capazes de imitar os grunhidos e os sons da maior parte dos animais que caçam, bem como reconhecem rastros que denunciam a sua presença."* (Moran 1994, p.318)

Com tais informações, o caçador pode se preparar para a prática da caçada noturna (caçada em moitá). Ela pode facilitar a vida da família nesse período pelos seguintes motivos: o caçador pode trazer a caça tanto para alimento da família, como para venda na comunidade e ainda, trazer frutos que complementem as refeições matinais.

A caçada em moitá é uma atividade que complementa a vida na comunidade e merece observar que, por ser noturna, os homens podem se empenhar na parte do dia na prática da limpeza do guaranazal e da capina da roça. Se não conseguirem abater um animal, terão o dia para ir em busca de alimento. Por ser noturna, no período em que há lua, os caçadores, em sua maioria, não praticam essa atividade, pois os animais conseguem percebê-los e fica difícil abatê-los. Outro motivo é o aparecimento de grande quantidade de carapanã (pernilongo), causando verdadeiro desconforto⁸² ao caboclo pois compromete sua

⁸² O caboclo costuma ir à caçada noturna de bermuda e camiseta e, às vezes, fica sem camisa. Pouca roupa os carapanãs atacam todo seu corpo. Ele, na tentativa de espantá-los inquieta-se. O som próximos aos ouvidos e

técnica corporal, sua paciência e isso desestimula sua frequência às fruteiras nesse período.

Nos meses que seguem, os peixes já estão sendo capturados com mais frequência. Nos meses de setembro a dezembro há fartura, como também observa Wagley (1988). Os homens não se preocupam, pois com a seca do rio os peixes estão mais próximos de suas residências e não é preciso deslocar-se a grandes distâncias para capturá-los. Alguns moradores da comunidade empenham-se na pescaria para a comercialização dos peixes na sede do Município, a qual, por seu lado, está com o mercado abastecido pelas razões já mencionadas, e o pescado chega também de comunidades vizinhas.

Neste período de fartura, a pescaria que mais praticada é a de malhadeira, tarrafa e de linha comprida.

A água branca⁸³ presente dentro do igarapé açu, onde fica a Comunidade, de outubro a início de fevereiro dificulta em parte, a pescaria de arco e flecha e a facheação porque o pescador não consegue ver o peixe.

Não podendo vê-lo, por volta de dezembro a início de janeiro, o pescador usa o arco e flecha nos peixes que se aventuram pelas margens dos rios entre os capins, quando fazem onda ou mostram suas caudas e são facilmente atingidos pelos pescadores.

Por outro lado, a pescaria de arpão é privilegiada, pois os peixes não conseguem ver o pescador; isso os torna mais vulneráveis, ao virem à superfície para respirar.

A figura 02 identifica que, enquanto há fartura de peixe, há pouco desempenho corporal para a prática dessa técnica. Sendo assim, os homens se detêm em outras atividades que assumem papel importante

as picadas dos mosquitos são desconfortantes. O caçador se mexe o tempo todo e é percebido pelo animal que aproxima-se e a caçada não terá sucesso.

⁸³ Água branca - termo utilizado para designar a água que se mistura com o barro (argila), quando o rio estar muito seco o vento forte sopra nas suas margens levantando a argila. A movimentação de peixe dentro do rio contribui para isso.

Observação: não são todas comunidades que passam por essa situação natural. Esse fenômeno prejudica algumas pescarias.

na comunidade, quais sejam: o trabalho na roça e a colheita do guaraná. Este último está para os moradores da comunidade, como o produto que alcança maior preço no mercado. Ele é maximizado, pois sua procura e venda trazem uma movimentação do papel moeda no Município de Maués, que segundo Hanan e Batalha (1995) é o principal produtor do Estado do Amazonas. Assim, essa comercialização repercute na vida dos moradores das comunidades desse Município, como em Nossa Senhora de Fátima.

No período de verão forte, entre final de setembro e outubro, observa-se a animação dos moradores da comunidade, na prática da caçada de moitá em bebedouro^{*}. Nessa caçada, busca-se encontrar o veado. Portanto a partir das 16:30 horas já se observam os caçadores, dirigindo-se para os bebedouros que foram previamente estudados.

Essa caçada é interrompida por chuvas rápidas que deixam troncos e folhas cheias de água. Assim, os animais não descem para o bebedouro. Entretanto, com três ou quatro dias de sol intenso, volta a esquentar e as folhas e ocos de paus que estavam com água secam, forçando os animais a sair para as cabeceiras em busca de água. Os caçadores, esperam por esses momentos e retomam a caçada.

Nesse período de estiagem, a caçada de capivara^{*} com cachorro, pelas ilhas, é uma atividade que torna notícia na comunidade. Entretanto, as investidas sobre os animais, por semanas consecutivas deixa-os ariscos e afugenta-os das redondezas. Isso provoca descontentamento e é alvo de críticas na comunidade, pois os moradores sabem o que perdem, com tal prática.

Mas, a caçada de capivara não ocorre somente na seca. Quando começam a aparecer os furos, os caçadores percorrem grandes

^{*} Encontra-se nas ilhas e cabeceiras buracos em troncos de árvores que servem de bebedouro. São freqüentados por animais de pequeno porte: cutia, paca, tatu, mucura (gambá); aves como: juruti, galega, inambu, sabiá entre outros. O bebedouro situado em cabeceiras e matas centrais, aparecem todos os tipos de animais, grandes (veado, onça, anta) e pequenos (aves como mutum, jacamim, jacu, cujubim, inambu, juruti e tantas outras). Encontrar bebedouro com vestígios do veado ou de anta, é motivo de animação para o caçador. Em nossa pesquisa, estamos evidenciando o "veado" pelo retorno econômico e social, que traz ao caçador.

^{*} Veja em anexo I entrevista com especialista na caçada de capivara.

distâncias ou passam a noite toda à procura desses animais. Os lugares onde há vestígios desses animais, são cuidadosamente explorados.

O caçador, com o apito na boca, percorre rios e cabeceiras à procura de capivara "imitando" seus assobios característicos. O animal, ao ouvir o ruído e não sentir cheiro humano, torna-se presa fácil do caçador habilidoso.

No período de outubro a dezembro, quando a seca alcança seu pico, os moradores da comunidade se empenham na captura de tracajás (ou atividade de sururucar) que ficaram presos no barranco. Com o hábito alimentar do caboclo e os altos preços que os quelônios atingem no mercado ilegal, sururucar torna-se uma prática rentável.

A roça merece ser considerada, pois a preocupação das famílias em possuírem-na é evidente. Todos os anos, como também foi observado por (Wagley 1988), de julho a dezembro, o período é propício para se preparar a roça. Nesta pesquisa, pôde-se verificar que as famílias da comunidade passavam por sérios problemas, justamente por não terem roça, pois não foram preparadas no ano anterior, devido às chuvas (vide descrição da comunidade). Disso resulta a escassez de farinha.

A falta de roça, por descuido ou por intempérie, fez aparecer pequenos comércios que aproveitaram o momento para vender farinha, bolachas e torradas, para suprir sua carência no café matinal. Sem a roça, não há também, os derivados da mandioca como a tapioca, beiju, mingau e outros que complementam a alimentação na comunidade.

Na figura 02 percebe-se que, quando o rio vai secando, os homens da Vila Fátima se empenham na prática da caçada de canoa, feita à noite nos meses de julho e agosto. Esse é o período em que as frutas caem na água e são levadas para as margens dos rios. Os animais vêm à sua procura, sendo abatidos. Esta caçada exige boa técnica corporal, justamente porque é feita nas cabeceiras e o casco é conduzido entre árvores, precisando bastante habilidade para isso. É

bom chamar atenção: que, por ser uma prática noturna, ela é influenciada pelo aparecimento da lua.

É importante observar que a caçada de canoa começa num período em que os peixes estão sendo capturados com maior facilidade e o rio está com sua água preta⁸⁴. Assim o caçador sai preparado, também, para pegar alguns peixes, que implica diretamente na sua programação em outras atividades no dia seguinte.

No acompanhamento que temos feitos na área de pesquisa, ao longo desses dez anos, observamos que o caboclo está muito ligado pelos sentidos a seu meio ambiente. Estes, segundo D'Olne Campos (1994, p. 22), são "*...instrumentos escondidos de observação e medida*", que estão bem treinados e informando o que se passa à sua volta. Nas matas ou nos rios, estão visualmente atentos a qualquer movimento, a um odor que lhe chame a atenção, ao sabor de uma fruta, ao corpo liso de uma cobra ou o toque sutil de um espinho. Mas são os ouvidos, que os guiam, na escuridão da noite em suas andanças pelos rios, lagos, cabeceiras, ou nas caçadas diurnas pela mata; nas caçadas noturnas esperando em moitá ou com a utilização da canoa, enfim, num ambiente de "*...paisagem sonora de alta fidelidade...*", onde "*Cada som transmite sua informação...*" (Schafer 1977, p.5-6), o caboclo com sua invejável capacidade auditiva, sabe interpretar com bastante fidelidade seus significados, e sobre esses age conforme suas tradições e influências culturais.

⁸⁴ Água preta - denominação dada a água do lago na qual é possível visualizar o peixe ou um objeto a certa profundidade facilitando a pescaria de azagaia. Esta pesquisa foi circunscrita à Comunidade Nossa Senhora de Fátima. Há comunidades que convivem o ano todo com a água barrenta (mais rica em peixes), normalmente provinda do Madeira ou do Amazonas.

CONCLUSÃO

Concluir um trabalho é dar-se por acabado em sua plenitude. Particularmente não nos atrevemos a afirmar isso, pois o que nos propusemos a pesquisar, acreditamos ter conseguido colocar nessas páginas. Entretanto, os caminhos trilhados dão margem ao desenvolvimento de outras pesquisas, à medida que surjam interesses. A cada conversa com um caboclo, podemos perceber um segredo revelado, desse *aparentemente simples* estilo de vida. Hoje, com os horizontes ampliados, temos certeza de que o complexo ainda esconde muitos segredos.

Assim, a partir da experiência dos anos freqüentando a área podemos ver a interação de seus habitantes com o meio ambiente mediante a compreensão das manifestações do tempo natural. No ambiente - aquático e terrestre - são os sentidos desenvolvidos e os significados culturais que lhes possibilitam selecionar os produtos da fauna e flora. À medida que os incentivos econômicos e a aculturação precipitada avançam pelo interior de comunidades como a de Nossa Senhora de Fátima, as crenças e os laços de interação, no sentido de respeito, homem/meio ambiente vão gradativamente se deteriorando.

As atividade de caça e, em maior proporção, as de pesca, são os meios pelos quais se obtêm a maior quantidade de proteína animal. No cultivo da terra, é da mandioca principalmente, que se extrai a maior fonte de energia (carboidrato). Economicamente se destacam: o cultivo do guaraná, a pesca (pirarucu, tambaqui, tracajá), a coleta da castanha e outros, em menor proporção.

Nesse meio ambiente o homem "patenteia" a habilidade corporal, que vem a ser a base de sua sobrevivência. É, também, na atividade corporal que se vê o elemento essencial para a organização social da comunidade. Uma simples técnica de se deslocar de canoa constitui fator básico para tal organização.

É praticamente impossível se conceber pessoas sedentárias nesse meio. A necessidade do desenvolvimento da aptidão motora e o domínio das técnicas tornam-se essenciais à sobrevivência dos habitantes. Pois uma coisa é certa: sobreviver em áreas como essas nunca foi fácil. Se caboclo almeja a melhor condição de vida, tem que se empenhar corporalmente e extrair do meio o que pode lhe propiciar bem-estar.

As qualidades força, resistência e velocidade desenvolvidas, associadas à paciência, contribuem para o aperfeiçoamento das habilidades. O binômio capacidade e habilidade permite ao homem uma adaptação biocultural ao seu meio ambiente de rios, lagos, cabeceiras, matas, capoeiras. Compreendendo as limitações do corpo, desenvolve, assim, através de esforços aeróbicos contínuos e intermitentes de baixa e moderada intensidade, a caça, a pesca, o extrativismo e o cultivo. Num ambiente selvagem exige tomada de decisão imediata, frente a cada novo estímulo, que surge.

É óbvio que este estudo, ao pôr em relevo pormenores aparentemente insignificantes, pretendeu destacar as atividades corporais exercidas, como meio de adaptação biocultural no micro-universo que focalizamos, dentro desta imensa Amazônia.

Entendemos, também, que este trabalho pode vir a contribuir como caminho aberto a novas pesquisas desse gênero, envolvendo a Antropologia e a Educação Física.

Para essa última, da qual descende parte de meu conhecimento teórico, fica a contribuição e o espaço aberto para estudos que não se limitem a espaços urbanos. Ainda pode-se dizer que esta pesquisa estará contribuindo para serem repensados programas estruturados em centros urbanos e levados para zona rural do Amazonas, com intuito de preparar professores para trabalhar em suas regiões de origem, tendo em mente a preocupação de ver o contexto sócio-cultural no qual está inserido.

É importante, para tal, que os agentes formadores de pessoal conheçam a população que se pretende atingir.

Anexo I

Esta entrevista, com especialista na caçada de capivara, foi transcrita de uma filmagem. Ela nos permite ter uma idéia das estratégias utilizadas pelo caboclo para se aproximar da caça. Conhecendo o comportamento do animal e compreendendo o tempo natural o caboclo pode ser bem sucedido nessa atividade.

A caçada iniciou às 16:30 ao sairmos do porto de sua residência. Regressamos às 03:00 horas da madrugada.

As perguntas foram feitas a partir da situação em que nos encontrava, baseada em nossa experiência. A filmagem foi realizada a aproximadamente 1 a 1 hora e meia da Vila Fátima, no Lago do Araçá, onde havia um pequeno milharal cultivado por um de seus moradores.

A capivara, o maior roedor, possui hábitos aquático e terrestre. É bastante habilidosa na água, emite sons quando está comendo, assim como assobios os quais permitem ser percebida de longe.

A capivara se alimenta de gramíneas e ao deparar com algum plantio de milho não hesita e na maioria das vezes causando prejuízo ao agricultor.

Esta entrevista, e outras que estão no interior deste trabalho, nos dá uma idéia de como o caboclo interage com o meio.

Vamos usar, as letras **P** (para pesquisador), **C** (para entrevistado) e **R** (para relatos de pequenas pausas).

P- Vamos verificar se as capivaras estão comendo no milharal do...do homem.

Aproximação do milharal é feita de casco, onde o companheiro de pé se equilibrava, a bom remar.

C- *De noite tem que arriar essas bandeiras aí.*

Primeira suspeita de que algo de anormal estava acontecendo.

P- À noite?

Que horas?

C- *A gente tem que arriá a bandeira.*

P- Se elas estiverem comendo?

C- *Não, tem que arriar antes delas chegarem aqui. É isso que espanta ela.*

P- É.

C- *Essa bandeira é pra espantar.*

P- Espantar capivara?

C- *Unh! unh!*

P- Espera aí, que eu vou, vou sair daqui da canoa. Vamos subindo agora, aqui no milharal pra ver se tem os vestígios das bichas.

C- *Aqui o rastro dela.*

P- Pelo menos aqui já encontramos um. Como é que você conhece, aqui o rastro?

- C- *Eu conheço por aqui, olha o rastinho dela, bem feitinho aí, ó. E quando eu conheço, chegando descobrir um rastro, pode deixar.*
- P- Você acha que ela vem?
- C- *Vem. Daqui foi de ontem.*
- P- Cadê? Ela já comeu ontem, aí ?
- C- *Comeu ontem. Esse de hoje, da noite, hoje à noite. Aqui ela fez o bonito, estragou muito o milho do homem. Esse aqui foi de hoje, parece que ela estava até aqui, agora. Está molhado...*
- P- Tem um caminhozinho aí?
- C- *É o caminho por onde ela vai e vem.*
- P- Unh! É. A gente está vendo que ela já fez um bom estrago, né? Como é o negócio do vento aqui, Aurélio?
- C- *O vento vem de lá pra cá, ó.*
- P - De onde?
- C- *Daqui de baixo. Só fica ruim pra gente atirar, por causa que o vento dá todo tempo aí, aí, aí vem em cima dela a, a, a catinga da gente, vem em cima dela, aí ela sente.*
- P- O que você acha que a gente tem que fazer aqui?
- C- *Tem que pegar o vento dali. Vem de lá.*
Ele aponta para o rio e diz que teremos de mudar de direção antes que os animais nos percebam.
Quando nos diz: "...Vem de lá". Ele nos mostra o milharal e que teremos de vir, à noite, por terra para podermos nos aproximar das capivaras.
- P- Por terra?
- C- *Vem por terra. Quando a gente escutar o barulho dela, a gente tem de ir pra lá, aí a gente vem por trás.*
Devemos ir com o casco mais à frente ao confirmarmos a presença das capivaras, subir em terra e caminharmos num sentido em que o vento não leve nosso odor e conseqüentemente nos aproximar dos animais por trás.
- P- E aí, ela não vai ouvir?
- C- *A gente vem andando divagazinho, aí a gente descobre ela.*
- P- Certo, quer ver lá pra frente?
- C- *Unh! Unh!*
Murmurando baixinho, confirma e sai para investigar a outra parte do milharal.
- R- Então, após essa pequena sondagem, ele saiu para ver o milharal mais adiante, enquanto eu fiquei por aqui aguardando sua volta.
Lá vem ele chegando. Vamos ver qual é o resultado.
- P- E aí, Aurélio?
- C- *Tá comendo bem pra lá.*
- P- Também?
- C- *Sim.*
- P- Está melhor do que aqui?
- C- *Tá. Tá, tá igual aqui mesmo.*
- P- É? E o que tu achas que a gente tem que fazer?

C- *A gente vai dar um tempo por aí.*

P- *Ãn...*

C- *Aí a gente vai, aí a gente vem aqui buscar ela, à noite, depois que sente a lua, né?*

Íamos procurar os animais em outras lugares, mas, aquele era o mais certo de pegá-los, no entanto tínhamos que esperar que a lua sentasse, pois no luar os animais vêem os caçadores e dificilmente se consegue aproximar-se delas.

P- *A é? Quer dizer que só vem aqui buscar a bicha?*

C- *Só buscar mesmo.*

Sorrindo nos confirma sem receio, que através dos diagnósticos comprovados, só vem buscar a capivara.

P- *Pô! Como é que você sabe que a gente...*

C- *Que tem mais ou menos uma... uma noção, né? Que a gente vai ganhar ela mesma.*

P- *Difícil falhar?*

C- *Difícil falhar.*

R- *Então, vamos deixar o milharal agora, e vamos em busca de outros lugares. São três e meia da tarde e ainda há muito tempo...*

Mas, antes de sairmos, Aurélio faz uma intervenção.

C- *Tem muito tempo.*

P- *Tem muito tempo para nós andarmos.*

C- *Isso aí é quando for (P- *Ãn*), na hora que a gente subir (P- *Ãn*), que a gente vem fechando ela (P- *Ãn*), para não fazer barulho. Porque isso aqui rala, estraga muito a gente.*

Ele estava fazendo o caminho, por onde íamos passar à noite, e ao quebrar as folhas estaria evitando que as mesmas nos cortassem e fizessem barulho ao encostarmos nelas.

P- *O caminho é aí por cima mesmo?*

C- *É. É aqui por cima mesmo. Depois que a gente pegar em terra, a gente pode fazer barulho, ela pensa que a gente é outra capivara.*

P- *É. Não tem perigo não?*

C- *Não.*

P- *Mas como você sabe disso, Aurélio?*

C- *Porque ela é muito barulhenta.*

P- *Ãh!*

C- *Capivara é barulhenta. Ela só, só sem, cisma uma coisa, quando é quando dá a catinga da gente nela, aí ela, por isso ela sai, mas durante isso não, pode vim barulhando, ela pensa que é outra capivara. Ainda vem apitando divagazinho, fi! fi! fi!*

P- *Ela?*

C- *A Gente.*

P- *Ãh, vem, vem assobiando.*

C- *É, divagazinho, divagazinho, ajeitando...*

P- *Esse é o caminho para nós subirmos dali da canoa? É aí, mais ou menos, onde vamos subir?*

- C- *É. Aqui vamos subir.*
- P- *Vamos encostar o casco aí?*
- C- *Encosta o casco aqui, daí a gente... embora. O roído dela (P- Ân), e quando ela chegar aqui, roendo, porque tem muitas que roem (P- Ân), só que uma rói devagar, outras bem forte, aquelas bem, que roem bem com força, que a, que a gente sente, é a , a graúda mesmo.*
- P- *Como a gente sabe o roído?*
- C- *É porque roi assim. Tem um que roi grigrigrigri. E outros roem grêgrêgrêgrê, e aquele que faz bem barulho forte, parece que é no peito, pode focar de vez, direto. A, a agente já foca direito nela (P- Ân), e outra que chegar assim no monte, ninguém se apavora para atirar. Quando elas estão todinhas reunidas, ninguém se apavora para chegar logo atirando, a gente procura...*
- P- *Dá uma focada?*
- C- *Dá uma focada... para enxergar logo a grande, porque...*
- P- *Aqui tem pequena e grande?*
- C- *Tem. É, é, esse é um, acho que é mãe, pai, tudo misturado... e vamos.*
- R- *É, aqui está feito o caminho. Tem esses detalhes, vamos tentar subir à noite.*
- C- *Pois é rapaz, olha como já roeram foi muito, essa é dessa noite mesmo.*
- P- *E alí, também está bom?*
- C- *Tá bom. Bom de verdade, só se Deus não querer que a gente não mate hoje, mas, que a gente vai encontrar, vai encontrar.*
- P- *Com quem você aprendeu essa técnica de caçada?*
- C- *Eu aprendi foi... aliás, eu comecei assim caçar, quando eu não sabia, deixava muito furo. E aí, quando fui continuando caçando, caçando mesmo aí me dediquei sabe, me dediquei, aí qualquer coisa, movimento assim da noite, eu conheço todinho, tipo que, que é.*
- P- *É!*
- C- *Eu conheço.*
- P- *Como assim? Tipo de...*
- C- *De qualquer bicho da noite, sabe! Qualquer bicho da noite eu conheço.*
- P- *Na água...*
- C- *Na água, é, é assim, ruído, cantiga e, e pode tá um ma, maior barulho, assim de bichinhos, mais se, mais se a capivara roer, então outro bicho... eu descubro qual que é.*
- P- *Mas, teve alguém que te ensinou assim?*
- C- *Não.*
- P- *Não! Não teve ninguém assim pra te dar uma orientação?*
- C- *Não. Porque eu gostei da caçada de capivara e, e depois que eu peguei a prática mesmo, aí foi.*
- P- *Unh! E tua caçada, é mais de capivara?*

- C- *Capivara.*
- P- Gosta, né?
- C- *.De capivara eu gosto. Puxa vida, quando me convidam...*
- R- Enquanto entro no casco e ele aproveita para colocar um apito no pescoço.
- P- Esse é o apito dela?
- C- *Sim.*
- P- Quer dizer, quando chegar lá em cima, no milharal... e aí?
- C- *Quando chegar lá, que a gente for subindo, mais que a gente for barulhando, a gente dá uma apitadinha só pra tranquilizar ele.*
- P- *Ãn! Ân!*
- C- *Aí é o tempo que ele se controla lá, que ela pode querer cismar, né. (P- Ân). Que é, é outro tipo de, de bicho, ele pode querer se calar. Assim não. Aí a gente dá uma controlada aí...*
- P- Aí ela vem?
- C- *Aí ela fica mansinha de novo.*
- P- Quer dizer que aí é pra , pra trazer a bicha?
- C- *É. Esse daqui que é pra trazer ela, tração dela, ela pensa que...*
- P- Esse é o apito que tu fazes?
- C- *Sim.*
- R- Então vamos para aquela outra ali. Lá, também vamos fazer o caminho, pra ver se conseguimos chegar próximo da comedia delas.
- P- Ali o paninho para espantar os bichos?
- C- *É, esse paninho, seis horas vou arriar ele, quando tiver morto a capivara, suspender de novo para o dono não ficar aborrecido.*
- R- Aqui a gente enfrenta tudo, capim, arrasta a canoa por terra e assim vai.
- P- De onde é esse capim?
- Capim em decomposição que está boiando e será um obstáculo para nós.
- C- *Capim tá boiando.*
- P- Aqui é o caminho que a gente vai passar, também, Aurélio?
- C- *É.*
- R- Do jeito que nós passamos, o capim corta também, a gente, mas é uma caçada divertida e muito desafiadora. E vamos subir aqui, agora, encontrar outra comedia das capivaras, nessa parte do milharal.
- O Aurélio está começando a limpar. Nós vamos tentar acompanhá-lo.
- P- Aqui já é comido dela?
- Percebo que alguns caules de milho estão roídos.
- C- *Já. Vem por aqui. Aqui é, tem rastro da graúda mesmo.*
- Nos mostra outros vestígios e identifica que o local está sendo frequentado por capivaras adultas.
- P- Cadê? Cadê?
- C- *Taí na frente. Olha só, o rastro dela aqui, unh...*
- P- Cadê?

- C- *Dessa noite... Esse daqui, ó.*
- P- *Cadê? Unh, Certo.*
- C- *Olha só, aqui é uma mãe com o filho, olha aqui é que está o rastro da grandona.*
- P- *Cadê o rastro da grandona?*
- C- *Aqui, ó. Essa já é, é uns 70 kg.*
- P- *Aqui, também, a gente vai andar?*
- C- *Vai. Tudo isso aí.*
- P- *Tudo por aqui elas andam?*
- C- *Tudo aqui elas andam. Aqui é só pra descobrir, quando elas estiverem roendo, a gente vem. Aqui tem mais facilidade... Aqui dá pra ela, olha aí, tudo isso virado, elas que fazem, olha aí, olha aqui rastro dela.*
- P- *É...*
- C- *Olha só como elas brincam aqui. Ninguém aperrea ela, aqui mesmo.*
- P- *Como elas falam, Aurélio?*
- C- *As capivaras?*
- P- *É. Uma para outra.*
- C- *Não tô nem lembrado.*
- P- *Aqui acompanharemos toda a lateral do milharal. Acho que está legal, Aurélio.*
- C- *Dessa noite mesmo. Tavam aqui essa, essas vão fazer festa essa noite aqui.*
- P- *Com a chavinha heim?*
- C- *Unh! Unh! Unh!*
- P- *Com a chuva é melhor, Aurélio?*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCIDES WERK.** Trilha dágua (poesia reunida). 4. ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1994.
- BARBANTI, V. J.** Teoria e prática do treinamento desportivo. São Paulo: Edgard Blücher, 1979.
- , Treinamento físico: bases científicas. São Paulo: CLR Balieiro, 1986.
- BERNARDI, B.** Introdução aos estudos etno-antropológicos. Lisboa: Edições 70, 1974.
- BRUHNS, H. T.** O corpo parceiro e o corpo adversário. Campinas: Papirus, 1993.
- CARVALHO, M. C. M. de (Org.)**. Construindo o saber: técnicas de metodologia científica. Campinas: Papirus, 1988.
- CHANGEUX, J. P.** O homem neuronal. Lisboa: Dom Quixote, 1991.
- CORMACK, D. H.** O núcleo em interfase. *In*:-----, Histologia. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- CUNHA, M. S., V. e,** Educação física, ou, ciência da motricidade humana? 2. ed. Campinas: Papirus, 1991.
- DALY, H. E.** (compilador). Economía, ecología, ética: ensayos hacia una economía en estado estacionario. México : Fondo de Cultura Económica, 1992.
- DANTAS, E. H. M.** A prática da preparação física. Rio de Janeiro: Sprint, 1985.
- DESCOLA, P.** La selva culta: simbolismo y praxis en la ecología de los Achuar. Ecuador: ABYA-YALA, 1986.
- DEMO, P.** Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo, Atlas, 1989.
- DIECKERT, J. e MERINGER, J.** A corrida de toras no sistema cultural dos índios brasileiros Canela. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Universidade Federal de Santa Maria, v. 15, n. 2, p.166-180, 1994.

- D'OLNE CAMPOS, M.** Fazer o tempo e o fazer do tempo: ritmos em concorrência entre o ser humano e a natureza. Revista Ciência e Ambiente. Santa Maria: Ijuí. n. 8, p. 9-33, jan/jun/1994.
- FREIRE, J. B.** Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física. 2. ed. São Paulo, Scipione, 1991.
- , De corpo e alma: o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.
- FERNANDES, F., (Org.).** Comunidade e sociedade no Brasil: leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil. São Paulo: Nacional/ EDUSP, 1972.
- FERREIRA, A. B. de H.** Novo dicionário brasileiro da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1975.
- FOLEY, R.** Apenas mais uma espécie única. São Paulo: EDUSP, 1993.
- FUTUYMA, D.J.** Biologia Evolutiva. 2. ed. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética/ CNPq, 1992, 646p.
- GEERTZ, C.** A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GOULD, S. J.** A falsa medida do homem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HANAN, S. A. E BATALHA, B. H. L.** Amazônia: contradições no paraíso ecológico. São Paulo: Editores Associados, 1995.
- HARRIS, M.** Vacas, porcos, guerras e bruxas: os enigmas da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978
- HOLLMANN, W. e HETTINGER, Th.** Medicina do esporte. São Paulo: Manole, 1983
- JACQUARD, A.** Elogio da diferença: a genética e os homens. Lisboa: Europa - América, 198.
- , A herança da liberdade: da animalidade à humanidade. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- LARAIA, R. DE B.** Cultura: um conceito antropológico. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LAKATOS, I., MUSGRAVE, A.** Acrítica e o desenvolvimento do conhecimento. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1979.

- LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A.** Fundamentos da metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1985.
- LASKER, G. W.** Human biological adaptability: the ecological approach in physical anthropology. Science 166: 1480 - 1486, 1969.
- LE BOULCH, J.** Rumo a uma ciência do movimento humano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LE GOFF, J.** História e memória. 2. ed. Campinas: Ed.da UNICAMP, 1992.
- LEVI-STRAUSS, C.** Mito e significado. Lisboa: Edições 70, s/d.
- LUNGARZO, C.** O que é ciência. 4. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- LINTO, R.** O homem: uma introdução à antropologia. São Paulo: Martins Fonte, 1981.
- MAGILL, R. A.** Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. São Paulo, Edgard Blücher, 1984.
- MALINOWSKI, B.** Argonautas do pacífico ocidental. In: Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MATOS, G. C. G. de, ROCHA FERREIRA, M. B.** O corpo como meio de subsistência numa comunidade rural do Amazonas. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA, 3. Rio de Janeiro, 1994. Anais, Rio de Janeiro, 1994. p.42
- , Atividades corporais numa relação com o meio. V SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio Claro, 1995. Anais, Rio Claro, 1995.p.62.
- , Atividades corporais: uma estratégia de adaptação cultural CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA/SOBAMA, Campinas, 1995. Anais, Campinas, 1995, p.9
- MAYR, R.** Populações, espécie e evolução. São Paulo: EDUSP, 1971.
- MAUSS, M.** Sociologia e Antropologia: com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi Strauss. São Paulo: EPU, 1974.
- MAUÉS, R. H.** A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: NAEA/UFPA, 1896.

- McADLE, W. D. et al.** Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan S. A, 1985.
- McELROY, A. TOWNSEND, P. K.,** Cultural and individual adaptation. In:----- Medical Anthropology. Massachusetts: Duxbury, 1979, p. 100-109.
- MEDINA, J. P. S.** O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo. 2. ed., Campinas: Papyrus, 1990.
- MORAN, E. F.** The adaptive system of the amazonian caboclo. In. C. Wagley (Org.). Man in the Amazon. Gainesville: University of Florida Press.
- , A ecologia humana das populações da Amazônia. Petrópolis, R.J: Vozes, 1990.
- , O estudo da adaptação humana em ecossistemas amazônicos. In: Neves, W. A. (Org.). Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da amazônia. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR, 1991
- , Adaptabilidade humana: Uma introdução à antropologia ecológica. São Paulo: EDUSP, 1994.
- MORGENBESSER, S. (Org.)** Filosofia da ciência. São Paulo: Cultrix, 1979.
- NETO, M.** O dilema da Amazônia: apresentação (de) Arthur Cezar Ferrerira Reis. Petrópolis: Vozes, 1979.
- OLIVEIRA, R. C.** Olhar, ouvir, escrever. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994. (Palestra - aula inaugural/graduação)
- PARLEBÁS, P.** Perspectivas para una Educación Física moderna. Espanha: Unisport, 1987.
- PASCHOAL, M. A.** Estudo comparativo das respostas autonômicas cardiovasculares entre corredores de provas de fundo, halterofilistas e sedentário. Campinas: dissertação de mestrado FEE/UNICAMP, 1993.
- PIOVESAN, A.** Fundamentos sociais e culturais da saúde pública III: metodologia de pesquisa aplicada à saúde, teoria. São Paulo: USP, Faculdade de Saúde Púplica, 1974.

- POSEY, D. A. et al.** A ciência dos mebêngôkre: alternativas contra a destruição. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.
- ROCHA FERREIRA, M. B.** Atividade física ao longo do ciclo vital: uma abordagem antropológica. ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2. Rio Claro, 1991. Anais, Rio Claro, 1991.
- , Crescimento e performance: um enfoque biocultural. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DO DESPORTO, 4. Portugal, 1995 (no prelo).
- RUSSELL, B.** A perspectiva Científica. 4. ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1977.
- SCHAFER, R. M.** O mundo dos sons. Correio da UNESCO, n. 4, p. 4-8, jan. 1977.
- SCHMOLISNSKY, G.** Atletismo. Lisboa: Estampa, 1982.
- SEVERINO, A. J.** Metodologia do trabalho científico. 16. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1990.
- SOBRAL, F.** Movement as form of human adaptation to environment:an tentative approach to ecological Kinesiology. WORLD CONFERENCE ON HUMAN ECOLOGY, 4. Mérida, 1993. (no prelo).
- SPERBER, D.** Três ensaios. Lisboa: Edições 70, s/d.
- STRADELLI, E.** Vocabularios de lingua peral: Portuguez-Nheêngatú e Nheêngatú-Portuguez. Precedidos de um esboço de Grammatica. Nheênga-umbnê-sáua-mirí e seguidos de contos em lingua geral nheêngatú- porandusca. Revista do Instituto Histórico, Rio de Janeiro, 1929.
- TAYLOR, R.B.** Introduction to cultural anthropology. Boston: Allyn and Bacon, 1973.
- TAVARES, S. C.** A reclusão pubertária no kamayurá de Ipawu. Campinas: dissertação de mestrado. FEF/UNICAMP. 1994
- THOMPSON, E. P.** O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: **SILVA, T. T. da** (Org.). Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

- TUBINO, M. G.** Metodologia científica do treinamento desportivo. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1984.
- WAGLEY, C.** Uma comunidade amazônica. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988.
- WEINECK, J.** Biologia do esporte. São Paulo: Manole, 1991.
- WEISS, M. L e MANN, A. E.** Human adaptability. In: An anthropological perspective. Little, Brown Co. Boston, 1981
- WERNER, D.** Onde não há médico. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL

"AMAZONAS"

GLAUCIO G. MATOS

EXPOSIÇÃO DE FOTOS

Local: ESPAÇO CULTURAL
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
End: Av. Francisco Glicério, 1480- térreo
Período: 03 a 14 JUN 96
Horário: 10:00 às 16:30 h

*Em 03 de Junho de 1996 deu-se a abertura
da Exposição de Fotos do artista Gláucio G. Matos
com a série "Amazonas"*

O trabalho em exposição é resultado de 6 anos de pesquisa realizado na comunidade rural de Nossa Senhora de Fátima do Lago do Massauri, subordinada ao Município de Boa Vista do Ramos, no Baixo Amazonas. Partindo de Manaus, como ponto de referência, leva-se de 22 a 24 horas viajando até a comunidade.

A pesquisa intitulada: "**Atividades corporais - uma estratégia de adaptação biocultural numa comunidade rural do Amazonas**", trata do estudo da relação homem e meio ambiente sob um enfoque biocultural, a qual teve respaldo teórico da Educação Física e da Antropologia Cultural, utilizando como instrumento da pesquisa a *etnografia*.

Esses homens, face às necessidades do meio ambiente, para sobreviverem, necessitam de um empenho corporal de acordo com as condições exigidas, ou seja, dadas as condições do meio o homem interage por intermédio de uma "ação corporal" para sua sobrevivência.

Sobreviver nesse meio ambiente exige conhecimento e domínio de habilidade corporal. A interação de ambos - **conhecimento e habilidade** - possibilita ao homem explorar *rios, lagos, igarapés, cabeceiras e florestas*. Essas áreas se destacam de acordo com as estações do ano, sendo propícias à caça, pesca, coleta ou cultivo de onde seus habitantes podem tirar seu sustento, explorando-as e respeitando-as, com uma visão até certo ponto adulterada pela aculturação.

Nesse meio, são os sentidos que lhes possibilitam, juntamente com o conhecimento adquirido ao longo da vida, distinguirem e selecionarem os estímulos (sons, odores, aves ou animais que estão camuflados na vegetação, entre outros) que lhes são apresentados pela natureza, tal como uma cobra que oferece perigo, um pássaro ou uma caça que traga algum benefício econômico ou simplesmente uma lagartixa que corre as folhas secas sobre o chão e não desperta seu interesse.

As qualidades físicas de força, resistência, entre outras, são integradas com a aprendizagem das habilidades. Os segredos de cada arte passados de pai para filho são fundamentais para o aperfeiçoamento das táticas de caça e pesca. Essa integração de conhecimento e prática permite ao homem o equilíbrio corporal nesse ecossistema.

A habilidade de se movimentar entre árvores e folhas secas e em manusear artefatos (como arco e flecha, terçado, espingarda, arpão, etc) indicam um aperfeiçoamento que o possibilita a aproximar-se silenciosamente de sua presa e abatê-la. Ao se presenciar tais qualidades, reforça-se a concepção de que só a ação corporal integrada possibilita ao homem realizar essa ação com o máximo de eficiência e eficácia.

A experiência dos anos frequentando a comunidade N. Sra. de Fátima, verificou-se a interação de seus habitantes com o meio ambiente mediante e compreensão das condições climáticas.

Nessa interação o homem patenteia a habilidade corporal, que vem a ser a base de sua sobrevivência. É, também, na atividade corporal que se vê o elemento essencial para a **organização social da comunidade**, pois uma simples técnica de se deslocar de canoa constitui fator básico para essa organização.

Para melhor compreender o trabalho, a exposição está distribuída em quatro momentos:

QUADRO 1 - MORADIAS

QUADRO 2 - TRANSPORTES

QUADRO 3 - ATIVIDADES CORPORAIS

a) CULTIVO DO SOLO

b) CAÇADA

c) PESCARIA

QUADRO 4 - A PECULIARIDADE AMAZÔNICA.

trabalho de: **GLÁUCIO CAMPOS GOMES DE MATOS**

Prof. da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas

Orientadora: **Profª MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA**

dissertação de mestrado a ser apresentada no programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Nome	DATA	CIDADE	MSS / Comentários
Antônio	12/06/96	Campinas	Ótimo
inacantos	12/06/96	Campinas	Ótimo!
J. SANTOS	12.06.96	CAMPINAS	PARABENS!
anej. Dias Pereira	13.06.96	PIRACIUBA	Excelente! Parabéns!
Abraiz Dias Pereira	13-06-96	PIRACIUBA	ÓTIMO!!!
anes Dias Pereira	13/6/96	Piracicaba	Super!!!
rolina N. Souza	13/6/96	Campinas	Super
os A.S. Regada	13/6/96	Campinas	Super
os P. Regada	14/6/96	Campinas	Ótimo!!!
os V.	14/06/96	Campinas	Parabéns
os Cesarini	14/06/96	Campinas	me ligam 24124072
os	14/6/96	"	Ótimo
os Bianca Daltro	14.6.96	Campinas	Top 1000
os Mo. Gilson	14/6/96	Campinas	-
os Br. R. P. Silva	14/6/96	Campinas	maravilha! Parabéns! Cintya e André
os Silva	14/06/96	Campinas	Ótimo
os	14.06.96	Campinas	Ótimo
os			
os Alina Costa	4.6.96	Campinas	Excelente! Parabéns!
os Serenelli	14-06-96	Campinas	Super!!! Ótimo!